Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso**

Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

ANO 56.º / 19 605 4$00

SÁBADO 29 MAIO 1976

Costa Gomes ao "D.L."

«O Povo Português confirmou as opções partidárias que revelara quando da votação para a Assembleia Constituinte» — declara em entrevista concedida ao nosso jornal o presidente da República, general Costa Gomes, comentando os resultados do escrutínio de 25 de Abril. Noutro passo do texto o chefe do Estado classifica esses resultados como a expressa vontade de instalação de «um Governo progressista».

Definitivamente afastada a hipótese da sua candidatura, que forças plíticas de esquerda pretendiam ver efectivada, o general Costa Gomes continua, não obstante, a ser uma evidente «reserva da República». Daí, também a importância das suas palavras, recolhidas em exclusivo para o «Diário de Lisboa», e que a seguir transcrevemos como respostas às perguntas de António Tavares Teles:

● «... o Povo Português confirmou as opções partidárias que revelara quando da votação para a Assembleia Constituinte»

● «... os resultados eleitorais indicam que o eleitorado pretendia um Governo progressista»

● «... creio que não seria difícil encontrar-se um programa de Governo para a formação de um Gabinete que, além de largo apoio do eleitorado, contaria com uma substancial confiança das classes trabalhadoras»

● «... a dimensão internacional que Portugal readquiriu no contexto das nações que defendem como princípios fundamentais a paz, o progresso e a liberdade»

Sr general Costa Gomes ultimamente só tem recebido (e prestado declarações a) jornalistas estrangeiros Qual a razão, se alguma razão existe?

Há que ter em linha de conta que hoje, diferentemente do que sucedia no regime anterior, as funções de Chefe do Estado são extremamente árduas e exigem grande disponibilidade de tempo. No meu caso particular, isso é tanto mais verdadeiro quanto acumulo essas funções com as de Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, também bastante absorvente.

Estas necessidade de dispor parcimoniosamente do tempo levou-me sempre a limitar ao máximo a concessão de entrevistas à Imprensa.

Apercebendo-me, porém, de que no estrangeiro existia uma imagem bastante deformada da realidade nacional — transparente, quer através dos órgãos de comunicação do estrangeiro, quer nos contactos que tive durante as minhas deslocações oficiais — decidi satisfazer os pedidos de entrevistas que me fossem apresentadas por órgãos de Comunicação Social estrangeiros credenciados pelo Ministério da Comunicação Social ou pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Vivemos, após as legislativas, um período difícil do nosso processo Pedir-lhe-ia: a) Que tirasse conclusões dos resultados eleitorais; b) Que confirmasse as suas afirmações (pessimistas) sobre a viabilidade de um Governo PS, minoritário, pois; c) Que analisasse a possibilidade de um Governo de coligação maioritário, em particular de maioria de esquerda

No que respeita aos resultados eleitorais, considero que o Povo português confirmou, de um modo geral, as opções partidárias que revelara quando da votação para a Assembleia Constituinte.

Contudo, e diferentemente do que antecipavam os responsáveis do Partido Socialista, a repartição dos votos pelos partidos não resultou tão substancial que permitisse a esse partido obter a maioria absoluta na As-

Continua na pág. 3

CINCO NOMES PARA BELÉM

● ESTA MANHÃ FORAM SORTEADAS AS CANDIDATURAS

Cinco candidatos estão, desde ontem, envolvidos na corrida para Belém, depois dos respectivos processos terem dado entrada no Supremo Tribunal de Justiça. Os últimos candidatos a apresentarem-se foram Otelo Saraiva de Carvalho, Pinheiro de Azevedo e Pompílio Cruz, este poucos minutos antes do termo do prazo legal para a entrega dos processos, que expirou à meia-noite de ontem.

Esta manhã, no STJ teve lugar entretanto o sorteio das candidaturas tendo ficado estabelecida a seguinte ordem nos boletins de voto: Eanes, P. de Azevedo, Octávio Pato, Pompílio Cruz e Otelo de Carvalho. simultaneamente o juiz presidente do Supremo iniciou a verificação da regularidade dos processos, da autencidade dos documentos e da elegibilidade dos candidatos, operação cujos resultados só serão conhecidos, em princípio, na próxima segunda-feira. As candidaturas admitidas só serão, contudo, consideradas como definitivas no dia 7 de Junho, altura em que o governador civil as afixará em lugar público, por edital. Entre a próxima segunda-feira e esta última data, decorrerá todo um processo em que é facultada aos candidatos a reclamação das decisões tomadas.

Medeiam agora quinze dias até ao início, oficial, da campanha eleitoral, que decorrerá entre 12 e 26 de Junho. A 27 processa-se a ida às urnas, devendo os resultados definitivos da votação ser conhecidos até ao dia 5 de Julho. Caso haja segunda volta das eleições, a nova votação terá lugar a 18 de Julho.

Ao abrigo da Constituição, «será eleito Presidente da República o candidato que obtiver mais de metade dos votos validamente expressos». Se nenhum dos candidatos obtiver esse número de votos, proceder-se-á a segundo sufrágio ao qual concorrerão apenas os dois candidatos mais votados que não tenham retirado a candidatura. A posse do futuro Presidente da República será conferida no «oitavo dia subsequente ao da publicação dos resultados finais» das eleições. Após a posse, começaram as negociações com vista à formação do primeiro Governo não-provisório, nomeadamente quanto à nomeação do Primeiro-Ministro, a qual se processará depois de ouvidos o Conselho da Revolução e os partidos representados na Assembleia da República e tendo em conta os resultados das eleições legislativas.

Continua na pág. 20

32 PÁGINAS INCLUINDO SUPLEMENTO

Ontem, último dia do prazo para apresentação dos processos no Supremo, três candidatos vieram juntar-se ao general Ramalho Eanes e a Octávio Pato na «corrida» para a Presidência da República. Foram eles (por ordem nas fotos) o almirante Pinheiro de Azevedo, major Otelo Saraiva de Carvalho e eng.º Pompílio da Cruz.

TRÊS CANDIDATOS EM CIMA DA HORA

P.S. fez comício de apoio a Eanes

(Pág. 2)

Nacional

Política de A a Z

CINCO CANDIDATOS

Concorrem à Presidência da República, correm para Belém, cinco cidadãos: António Ramalho Eanes, José Pinheiro de Azevedo, Octávio Pato, Otelo Saraiva de Carvalho, Pompílio Cruz. Não formalizaram as suas candidaturas três ou quatro. Recusaram serem candidatos, resistindo a solicitações e pressões, dois: os generais Kaulza de Arriaga e Francisco da Costa Gomes. Falou-se, primeiramente, de dificuldades de escolha. Andou-se, de candeia na mão, à procura de um varão de Plutarco, de um cidadão exemplar. De improviso, aparentemente, surgiram candidaturas. E de algumas, sabe-se, que surpreenderam os próprios candidatos escolhidos, pressionados, solicitados. Mas o milagre deu-se: cinco candidatos correm para Belém, cinco candidatos solicitam os nossos votos. Se tivermos em conta as adesões expressas, os apoios declarados, da parte de partidos e de organizações políticas, tudo leva a crer que os jogos estão feitos descontada uma margem probabilística de variação estatística. Quem poderá parar, na corrida para Belém, ou ultrapassar, o candidato António Ramalho Eanes que, à partida, conta com apoios políticos que avaliados pelos resultados eleitorais anteriores — os das «legislativas» — totalizam 76,15 por cento do eleitorado?

Contando Octávio Pato com o apoio do PCP, é de admitir que, pelo menos, conte receber 14,56 dos sufrágios; os apoios políticos que favorecem a candidatura de Otelo Saraiva de Carvalho — UDP, MES, FSP — recolheram, nas «eleições legislativas», 3,05 por cento dos sufrágios; os apoios — e não entrando aqui as variações possíveis que, repetimos, não é de prever que sejam estatisticamente significativas a dois meses apenas de distância da consulta eleitoral anterior — teremos que três candidatos totalizam, potencialmente, qualquer coisa como : 93,77 por cento dos votos expressos nas «eleições legislativas».

E se o candidato Pompílio da Cruz parece ser um porta-voz dos «retornados», a pergunta surge — e sem resposta ficará — quem irá votar em Pinheiro de Azevedo?

UM ENIGMA ELEITORAL

A candidatura de Pinheiro de Azevedo, que, como afirmou, não concorre para perder, apresenta-se como um enigma político. Com que votos conta Pinheiro de Azevedo?

A esperança de deslocar, em seu benefício, uma parte significativa dos votos PS, PPD e CDS constitui uma audaciosa aposta do candidato Pinheiro de Azevedo no seu prestígio pessoal, e, paralelamente, na falta de autoridade das direcções partidárias, na falta de disciplina de voto dos filiados e aderentes dos três maiores partidos. A candidatura Pinheiro de Azevedo não se propõe captar apoio nas fileiras eleitorais do PCP, e menos ainda nas da chamada «extrema-esquerda». Torna-se, portanto, duvidoso o êxito de uma tentativa declarada de provocar a deslocação maciça de correntes eleitorais definidas em termos de programa política e de hábitos de voto. Claro que o estilo da campanha e o perfil do candidato poderão ter uma influência, exercer um fascínio sobre o eleitorado. Será esse o caso? Mas, mesmo que tal capacidade de atracção e de persuasão venha a verificar-se, a deslocação da atitude eleitoral de uma população nunca poderá exceder uma margem estatística superior a 20 ou 25 por cento. As probabilidades de Pinheiro de Azevedo de alcançar uma vitória eleitoral sem os partidos, e mesmo contra os partidos, parece-nos muito contingente.

ELEITORES SEM CANDIDATO

O desaparecimento político da candidatura conjunta da LCI e do PRT deixam sem candidato 0.40 por cento do corpo eleitoral. Não será certo que estes votos engrossem a candidatura de Otelo Saraiva de Carvalho. O PRT tem uma certa atracção pelo PS, pelo menos, ao nível das actividades juvenis e estudantis. A LCI afastou-se da FUR com algum desapontamento. Estatisticamente o problema não tem importância, mas é um caso político que não deixará de ter significado qualquer que seja a solução que o PRT e a LCI vierem a adoptar. As últimas declarações da candidata desaparecida insistiam na necessidade de manutenção de uma «candidatura operária contra doutores e generais». Deduz-se, forçosamente, que não se considerava «candidatura operária» a de Octávio Pato, e que não se apreciava altamente o carácter popular da candidatura de Otelo Saraiva de Carvalho.

Mas este caso de uma Arlete Vieira da Silva merece umas palavras de reflexão. É tempo do rigor político condicionar as apreciações de homens e mulheres que aceitam, sem prevenção, todos e quantos se apresentam como discordantes, como críticos, como perseguidos. É tempo de em política se ser mais exigente. E uma candidatura à Presidência da República não é coisa que se preste à operaçao de catapultar na vida pública o primeiro desconhecido. Não falamos dos candidatos pitorescos e marginais. Em todos os países eles surgem. Em todos os países aparecem pretendentes ao trono ou à cadeira presidencial. Mas a nossa jovem Democracia terá que defender-se de improvisações, terá que condenar, perante a opinião pública, a falta de respeito por todos nós — portuguesas e portugueses — que certas candidaturas representam. Teriam tido apenas, simplesmente, um objectivo publicitário? Teriam sido avançadas para, pelo absurdo evidente, minimizarem, na consideração pública, a escolha eleitoral? E trata-se de uma escolha eleitoral decisiva. Porque, como já aqui dissemos, os poderes do Presidente da República no articulado da nossa Constituição são extensos, e, além disso, porque este período, que vai encetar-se, o da constitucionalização da vida política portuguesa, será decisivo.

E, nestas notas, sem melindre, sem intenção polémica, faz-se um voto: que seja esta a última eleição de um militar para Presidente da República, que com esta eleição se encerre o ciclo do poder castrense. Não se pretende afastar os militares da vida política, das responsabilidades do «processo revolucionário» que queremos continuar e cujo início se lhes deve. Mas de Maio de 1926 a Maio de 1976, este Portugal cresceu. Não acham?

COMÍCIO DO P.S. NO CAMPO PEQUENO

"Apoio independente" a Eanes

Alguns milhares de militantes e simpatizantes socialistas, que não chegaram a encher completamente o Campo Pequeno, estiveram ontem à noite presentes em Lisboa no primeiro comício promovido pelo P.S. em apoio à candidatura do general Ramalho Eanes. Sete oradores referiram o significado do apoio do P.S. ao general Eanes e teceram considerações sobre o futuro imediato do País.

Mário Soares, o último orador do comício, focou a questão da presença do seu partido ao lado do PPD, CDS, AOC, MRPP, PSDI, PC de P (m-l), C.I.P. e C.A.P. no apoio ao general Eanes, tentando demarcar-se ao afirmar que «se entre esses apoios se encontram forças políticas do centro, da direita e até da pseudo-extrema-esquerda, elas lá sabem o que fazem». «Quanto a nós — prosseguiu — o que podemos dizer ao País é que não existe nenhuma coligação de partidos para apoiar o general e que o nosso apoio é completamente independente».

Noutro passo da sua intervenção o líder do PS, referiu que «os presidentes da I República foram todos civis, com a excepção do ditador Sidónio Pais, enquanto os presidentes do fascismo foram todos militares» e justificando a escolha de Eanes pela «situação difícil e complexa que atravessamos e tendo em conta os princípios consignados na Constituição, que estabelece, como se sabe, que, por «inerência do cargo, o presidente do Conselho da Revolução, será também o presidente da República».

Depois de frisar que houve consenso no seio do PS na escolha de Eanes, o dr. Mário Soares insistiu, uma vez mais, na posição do seu partido relativamente ao futuro governo: «o único caminho possível é um governo homogéneo, socialista».

Um momento do comício, quando usava da palavra Jaime Gama.

Um dos pontos salientes da intervenção do responsável do PS, e que foi comum à generalidade dos oradores refere-se aos ataques ao Partido Comunista e à actual «escalada reivindicativa que não leva os trabalhadores a parte nenhuma e, se continuar, arruinará a nossa economia», que imputou ainda à Intersindical e a «sectores irresponsáveis da extrema-esquerda».

Contrariando ainda a palavra de ordem do actor Solnado, que no início do comício, surgiu na tribuna a gritar vivas ao Presidente Eanes e ao 1.º Ministro Mário Soares, o secretário-geral do PS, aparentemente mais comedido, considerou que «a vitória do general Eanes nas eleições presidenciais não está conseguida à partida», salientando que apesar da «sólida garantia» que representa o apoio do PS, a vitória «terá de ser obra nossa, obra da nossa militância, da nossa determinação».

Mais optimista, como aliás acontecera já num comício em Almada, em que considerou Eanes como presidente certo, o ministro Salgado Zenha insistiu que Eanes é o candidato do Partido Socialista e «por isso ele vai ser eleito Presidente da República». Mais adiante o titular das Finanças afirmou que Ramalho Eanes «merece desde há muito o nosso apoio e admiração. Homem do MFA, muito antes do 25 de Abril, militante antifascista, foi sempre igual a si mesmo na luta pela liberdade, pela justiça social e pela independência nacional (...) é um homem de uma só palavra, de uma só fé, de antes quebrar do que torcer. E por isso que ele é o nosso candidato, é por isso que ele vai vencer».

Mais adiante e a-propósito da crise económica, Salgado Zenha atacou, inesperadamente, a C.I.P., e o seu dirigente Vasco de Melo, que afirmou há dias em Londres não estar ainda satisfeitas com as condições para o investimento privado, nacional e estrangeiro. Zenha denunciou «a sabotagem da vida económica que é o maior trunfo da direita para tentar um regresso ao passado», e visou depois o P.C.P. e as declarações recentes de Álvaro Cunhal relativamente à constituição do futuro governo.

Jaime Gama, que usaria da palavra depois de Manuel Alegre, referiu-se aos vários candidatos à presidência, «às razões de política interna do P.C.P.» na escolha do seu candidato; a Otelo «que ameaçou montar o cavalo do Poder neste País, anda agora montado em cima de um burrinho, puxado pela F.S.P. e pela U.D.P.» e a Pinheiro de Azevedo que considerou ser «necessário que o País saiba que é que apoia e, sobretudo quem é que financia a candidatura do almirante Pinheiro de Azevedo.

Kalidás Barreto disse durante a sua intervenção: «não vim para passar um cheque em branco ao sr. general Ramalho Eanes. Estou aqui disciplinadamente militante de um partido. Estou aqui como homem consciente e responsável que em cada momento sabe o que é essencial e o que é supérfluo. E o essencial é neste momento a unidade dos portugueses». E mais adiante depois de acreditar que Eanes será «escravo da sua palavra» no respeito pela Constituição e lembrou que o Povo inequivocamente «decidiu-se pelo socialismo e pela democracia».

MÁRIO SOARES, 35 POR CENTO

"Se há uma maioria de esquerda somos nós que a representamos"

«Se há uma maioria de esquerda, é preciso saber quem representou essa maioria» — afirmou Mário Soares ontem aos jornalistas no Aeroporto de Lisboa, no seu regresso do estrangeiro. — «A maioria de esquerda é composta, segundo parece, por 51 por cento. Ora se o PC tem 14 por cento, quem representa a maioria de esquerda é o PS que tem 35. Mas os dirigentes do PC ainda têm o hábito de julgarem que o PC é que é a esquerda, quando eles próprios, falando da maioria de esquerda consideram que nós, socialistas maioritariamente é que somos a esquerda, porque representamos 35 por cento do eleitorado, e eles apenas representam 14 por cento.»

. Soares esclarecia dúvidas levantadas a respeito de afirmações feitas em Caracas vai para oito dias, segundo as quais seria de admitir que o PC sofresse «a curto prazo» uma «revolução democrática» a nível interno. «O que disse foi que, nas condições actuais, os partidos comunistas têm o hábito de serem partidos realistas que sabem tirar as lições dos acontecimentos» — esclareceu o secretário-geral do PS, para a seguir recordar o comportamento do PCP nos acontecimentos mais recentes da vida política portuguesa, nomeadamente no 25 de Novembro.

A este propósito, realçou a importância do papel então desempenhado pelo então tenente-coronel Ramalho Eanes. Noutra sequência, referir-se-ia ao actual chefe do EME e candidato à Presidência da República, citando a entrevista concedida por Eanes à Associated Press. «Uma entrevista muito serena» — disse Soares. — «Uma entrevista duma pessoa que verifica que há uma realidade nacional e que pensa que acima de tudo os partidos democráticos têm que contribuir para a democracia.»

. O secretário-geral do PS falou também do PPD, declarando que qualquer eventual evolução interna nesta organização não implica possíveis alianças com o PS.

Ainda a propósito de partidos comunistas, Soares citou os exemplos do PCI, do PCE e do PCF. «Nós sabemos que a orientação do PCI, do PCE e do próprio PCF é uma orientação bastante interessante no sentido de respeitar a democracia e a regra de alternância democrática, e enfim, são partidos que se apresentam com uma formação completamente democrática. O PCP não pode ser estranho a isso e nas suas fileiras é natural que exista muita gente que deseja colaborar honestamente no esforço de desenvolvimento da democracia em Portugal.»

ATENÇÃO

MÍOPES

Mais uma novidade

Estas lentes já podem ser adquiridas em cor e também em Umbramatic 35

A MIOPIA

A Presbitia (vista cansada), a Hipermetropia e a Afaquia (operado às cataratas) podem agora ser corrigidas com lentes finas e leves para óculos em cristal anti-reflexo, a partir de 4,25 até 30,00 Dioptrias, incluindo, quando necessário, até 6,00 Dioptrias de Astigmatismo.

Para mais informações dirija-se já à

Óptica Visual, Lda.

agora com nova gerência, Rua das Portas de Santo Antão, 27, 2.º, telefone 36 55 15.

ATENÇÃO

Entrada pela espingardaria

Pires Veloso reúne Comandos

O brigadeiro Pires Velosos, comandante da Região Militar do Norte, presidirá na próxima segunda-feira, a partir das 10 horas, no Regimento de Infantaria de Vila Real, a uma reunião de comandos daquela região militar.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DO PORTO

ANUNCIO

1.ª Vara

EXECUÇÃO DE SENTENÇA N.º 5.175-B/1.ª

EXEQUENTE — A EMPRESA «O Primeiro de Janeiro», S.A.R.L.

EXECUTADOS — ÉXITO — ESTUDIO DE PUBLICIDADE, LD.ª e AUGUSTO FERNANDO DOS SANTOS ALMEIDA, casado, gerente, residente na Praça Ranha Santa, n.º 9-2.º, Dt.º, Quinta das Mouras, da Cidade de Lisboa.

Cita-se a mulher daquele 2.º Executado, BERTA ADELINA MARTINS ANDRADE DE ALMEIDA, com último domicílio conhecido naquela morada, para no prazo de 10 dias decorridos 30 dos éditos sobre a data da 2.ª publicação deste anúncio, requerer a separação judicial de bens por apenso àquela Execução, por dívida de natureza comercial, sob pena de, não o fazendo ou não provando tê-lo já feito noutro processo, prosseguir a Execução nos bens penhorados.

Porto, 24 de Maio de 1976

O Corregedor-Adjunto
Salviano de Sousa
O Escrivão de Direito
Anselmo Cardoso Teixeira

Nacional

PRESIDENTE DA REPÚBLICA AO "D.L."

"Candidaturas em presença cobrem a realidade política portuguesa"

Continuação da pág. 1

sembleia da República, o que abriria boas perspectivas para um governo homogéneo, constituído por militantes do PS e independentes.

Penso que os resultados eleitorais indicam que o eleitorado pretendia um governo progressista.

A situação económico-financeira que o país atravessa, e a indispensabilidade de resolução dessa situação para que todos os outros problemas que nos afectam possam ser superados, levou-me porém, a preconizar desde logo a constituição de um governo de coligação com a participação do PS, do PPD e do PCP.

Creio que não seria difícil encontrar-se um programa de governo para a formação de um Gabinete que, além de largo apoio do eleitorado, contaria com uma substancial confiança das classes trabalhadoras.

Em que medida crê que as legislativas funcionaram como informação determinante para as presidenciais, no que diz respeito às candidaturas, apoios e comportamentos partidários, possíveis alianças pré ou pós-eleitorais, em geral; e no caso do possível candidato Costa Gomes, em particular?

É um tanto difícil encontrar uma correlação determinante entre os resultados das eleições legislativas e o panorama das Presidenciais, quando partidos há que tomaram uma posição em relação às primeiras que a prática da sua atitude relativamente às segundas não confirma.

Quanto à minha posição, não me candidato, pelas razões que tive ocasião de expor publicamente, embora tenha sido solicitado por uma considerável massa eleitoral o que muito me sensibilizou.

Pensa que o actual leque de candidatos cobre fielmente a realidade económica, política e social portuguesa ou, pelo contrário, e sobretudo perante a incerteza da apresentação às urnas do major Otelo Saraiva de Carvalho, se revela insuficiente, prejudicando de algum modo os anseios de uma parte da nossa população activa, a vocação para o socialismo do processo e, até a imagem do 25 de Abril?

Creio que as candidaturas em presença cobrem, pelo menos em teoria, se não fielmente de um modo geral, a realidade política portuguesa.

Entendo que todos os candidatos deverão revestir-se de um espírito progressista e defender um governo que dê garantia de cumprimento da Constituição.

Por que razão não se candidatou o sr general Costa Gomes? Por cansaço ou desilusão política? Por falta de apoios determinantes? Existe ainda alguma hipótese de candidatura?

São várias as razões que me levaram a não encarar a candidatura:

Tenho para mim que iniciámos agora um novo período, durante o qual as pessoas afectadas pelo desgaste que estes dois anos causaram devem afastar-se, cedendo o lugar a outras mais jovens, que disponham do vigor e da credibilidade pública necessários ao desempenho de funções que considero extremamente árduas, funções essas que reclamam uma equipa refrescada. Efectivamente, estou bastante fatigado, passadas que foram épocas e situações anormalmente desgastantes.

Contudo, não estou politicamente desiludido. Sei perfeitamente quais os apoios e antagonismos com que depararia, se encarasse a minha candidatura.

Pensa que um Governo PS com o general Ramalho Eanes ou o almirante Pinheiro de Azevedo na Presidência, assegurará a estabilidade política, económica e social?

Considero que a pergunta está já respondida, de forma global, com o que afirmo em relação à segunda pergunta.

Como vê o futuro das nossa relações com as jovens nações africanas de expressão portuguesa, após uma descolonização de que gostaria que o sr general fizesse o balanço?

Creio que, em relação a Angola e Moçambique, conquanto algumas dificuldades existam, encontraremos sem dúvida formas aceitáveis de cooperação, dentro do mútuo respeito pela independência nacional.

Relativamente aos restantes países Guiné-Bissau, Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe, sendo o contencioso existente reduzido e fácil de superar, existem já boas relações e há todas as indicações de que poderemos e saberemos incrementá-las.

A terminar: qual, em traços largos, o activo e o passivo, nacional e pessoal, de dois anos de Presidência?

Pelo que respeita ao activo, devo considerar que em dois campos importantes o saldo é positivo: trata-se da descolonização e da democratização.

É evidente que uma e outra comportaram a sua margem de riscos e insuficiências: A descolonização nem sempre decorreu conforme havíamos previsto e planeado: também a democratização conheceu oscilações que poderiam ter comprometido o processo revolucionário. No entanto, os princípio envolvidos e os passos fundamentais empreendidos, quer num, quer noutro campo, só podem orgulhar-nos.

Não menos importante será referir a dimensão internacional que Portugal readquiriu no contexto das nações que defendem como princípios fundamentais a paz, o progresso e a liberdade.

No tocante ao passivo, temos que considerar a instabilidade social resultante do processo em que nos empenhámos, os problemas laborais, a diminuição do rendimento nacional e a quebra da produtividade, que nos causam dificuldades de ordem vária.

Considero ainda que, apesar de todos os países do mundo terem saudado com entusiasmo o Movimento de 25 de Abril, sofremos durante algum tempo uma certa obstrução dos países ocidentais, nomeadamente no capítulo das trocas comerciais e do turismo.

Pessoalmente, considero estes dois anos extremamente duros, mas reconheço que tudo o de positivo se conseguiu vale todos os esforços e sacrifícios pessoais.

Entrevista concedida a ANTÓNIO TAVARES TELES

Madrugada do passado dia 26 de Abril: o chefe do Estado chega à Fundação Gulbenkian para um encontro com os jornalistas

A dra. Maria Amorim, primeiro embaixador de S. Tomé e Príncipe em Portugal, com o general Costa Gomes

PORTUGAL DEMOCRÁTICO NA CONSTRUÇÃO DE UM MUNDO DE PAZ

29.MAIO.76 — 21.30 — AULA MAGNA REITORIA UNIVERSIDADE DE LISBOA

SESSÃO PÚBLICA DE PAZ

com intervenções do CPPC, do Conselho Mundial da Paz e delegados árabes e europeus. Música e canções com Carlos do Carmo, Conjunto Outubro e Carlos Paredes

29/30.MAIO : 1.ª ASSEMBLEIA DA PAZ no Anfiteatro da Biblioteca Nacional

31.MAIO/1.JUNHO : DAS 9.30 às 19 h.
SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE SEGURANÇA E COOPERAÇÃO EUROPEIAS
Sessões na Fundação Calouste Gulbenkian

C.P.P.C.
conselho português para a paz e cooperação
TEL.: 68 09 29 - 68 85 69

estude!
GANHE MAIS DINHEIRO!
CURSOS POR CORRESPONDÊNCIA
Desde 1947
Recorte o cupão e envie-o HOJE MESMO
(indique um só curso)

☐ COSTURA ☐ RADIO, ELECTRÓNICA, TV
☐ FOTOGRAFIA ☐ DESENHO E PINTURA
☐ RELAÇÕES PÚBLICAS ☐ ELECTRICIDADE
☐ VENDAS / MARKETING ☐ INGLÊS
☐ CULTURA GERAL ☐ SECRETARIADO

Peço o envio do livrete colorido e ilustrado sobre o curso que indico com um ☒ GRÁTIS D.L. 10

Nome .....
Morada .....
Localidade .....

cec Alvaro Torrão * Rádio Escola
Rua Fernão Lopes, 8 (ao Saldanha) Lisboa 1 - Tel. 53 67 52

HOJE: às 21.30
AMANHÃ «Matinée» às 16
Teatro VASCO SANTANA (Telef. 76 86 09)

PREÇO DA VIDA

De MICHAEL O'NEILL e JEREMY SEABROOK
SÓ HOJE E AMANHÃ
NÃO ACONS. A MENORES DE 18 ANOS

CARRO ROUBADO
CARRINHA FORD CONSUL L
COR DE LARANJA BM - 91 - 94
QUALQUER INFORMAÇÃO CONTACTAR
80 39 31 — 53 36 18 — DÃO-SE ALVISSARAS

Nacional

FACULDADE DE CIÊNCIAS

Ainda há cinzas em Geologia

«A situação em que nos encontramos é insustentável e terá de ser solucionada até ao início do próximo ano lectivo». Esta é a opinião de professores e alunos que trabalham no Departamento de Mineralogia e Geologia da Faculdade de Ciências de Lisboa.

Dentro em breve será apresentado ao M. E. I. C. um novo relatório sobre os prejuízos causados pelo fogo que em 20 de Dezembro do ano passado destruiu aquele departamento. Qualquer que seja a solução futura adoptada, o Conselho de Gestão de Geologia, expressando a vontade colectiva, não deseja que o departamento venha a ser isolado do resto da faculdade.

Lembramos que o fogo foi na altura detectado pelos bombeiros que procediam a uma extinção na Rua de S. Mamede. Esta circunstância, parece ter evitado que o incêndio atingisse toda a Faculdade de Ciências.

O Departamento de Mineralogia e Geologia ocupa há longos anos um exíguo espaço no velho casarão da Rua da Escola Politécnica: três salas, um anfiteatro e um pequeno laboratório. Nesta pequena área, agora destruída pelo fogo, agrupam-se duzentos e cinquenta estudantes e vinte e cinco docentes.

SOLUÇÃO URGENTE

O incêndio reduziu a cinzas grande parte do equipamento, a biblioteca, as colecções de apoio ao ensino e algum material dedicado exclusivamente à investigação. Esta destruição, avaliada em cerca de cinco mil contos, determinou que várias disciplinas ficassem sem possibilidade de ensino prático, por falta de material adequado.

Entre os prejuízos maiores avultam a perda de uma colecção estrangeira de minerais (colecção Krantz), de valor incalculável. O facto de muitos minerais terem resistido à combustão não invalida que tenham ficado inutilizados, o que acabou por acontecer devido à impregnação de matérias voláteis como a resina e o plástico.

Graças aos esforços dos discentes e docentes, bem como ao apoio prestado por vários sectores da Faculdade de Ciências, foi possível continuar as aulas até ao presente.

A recente criação de um Centro de Geologia no I. A. C., veio dar uma possibilidade real de investigação aos que entre nós se interessam por esta ciência. De facto, nem sempre tem sido atribuída a justa importância à Geologia que é essencial em certos sectores económicos, nomeadamente na construção civil.

AMORTECEDORES
Reparo e Reconstruo todas as marcas, com garantia
MENDES Tel. 76 84 23
R. Capitão Ramires, 2-A (Ao Campo Pequeno)
REPRESENTANTE dos amortecedores «J. M.»
FILIAL
Av. Gomes Pereira, 61-B (A Benfica)

Carro roubado
BMW — 2002 — Verde Claro — CR-15-43 — Gratifica-se, — Telefone 67325

FÉRIAS NA MADEIRA
1 SEMANA
PARTIDAS: todos os DOMINGOS
Maio 9, 16, 23 e 30
Junho 6, 13, 20 e 27
Preços excepcionais desde 2.980$
INCLUINDO:
• Viagem em avião a jacto TAP
• Estadia no Hotel
• Transportes em terra
• Visita turística do Funchal
• Acompanhante abreu
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
Fundada em 1840
LISBOA Av. da Liberdade, 160 • Telef. 320021
PORTO Av. dos Aliados, 207 • Telef. 37921
COIMBRA Rua da Sofia, 2 • Telefs. 27011/2
FARO Rua Cons. Bivar, 65 • Telefs. 25039/5
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

Em ARMAÇÃO DE PÊRA o DIÁRIO DE LISBOA encontra-se à venda no MINI-GOLFE

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
5.ª Vara
ANUNCIO

Por este Tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da segunda publicação deste anúncio, citando os réus abaixo identificados, para no prazo de vinte dias, findo o o dos éditos, contestar querendo a acção, na qual a Autora pretende que eles sejam condenados a pagar-lhe a quantia de 116 688$00 e juros à taxa de 6 %.

Acção ordinária n.º 3295, 2.ª Secção. Autora: «J. J. GONÇALVES, SUCRS., COMÉRCIO E INDÚSTRIA», com sede no Porto e escritórios em Lisboa; Réus **JOÃO BARCÍNIO MORAIS CARVALHO PINTO** e sua mulher **MARIA LUCÍLIA FARINHA GARCIA DE CARVALHO PINTO**, ausentes em parte incerta, com última morada conhecida na Av.ª Estados Unidos da América, n.º 48-7-esq.º, nesta cidade

Lisboa, 18 de Maio de 1976

O CORREGEDOR
a) Herlander Antunes Martins
O AJUDANTE DE ESCRIVÃO DE DIREITO
a) Martinho Delca

TRIBUNAL JUDICIAL DE LISBOA
11.º Juízo Cível
ANUNCIO

Por este Tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da segunda e última publicação deste anúncio citando os réus para no prazo de dez dias, findo o prazo dos editos, contestarem a acção, sob pena de poderem vir a ser condenados no pedido que, em extracto, é o seguinte: a autora J. J. Gonçalves, sucrs Automóveis, Lda. pede a condenação no réu Alfredo Manuel Nogueira Magno, no pedido de 99 750$00, proveniente da transação entre autora e réu de um veículo automóvel «Triumph», de matricula BU-42-64.

Acção sumária, n.º 6230, 3.ª secção. Autor J. J. Gonçalves, Sucrs. Automóveis, Lda. com escritórios principais em Lisboa, na Rua Alexandre Herculano, n.º 4.

Réu Alfredo Manuel Nogueira Magno, com última residência conhecida na Estrada dos Ciprestes, n.º 45-3.º Esquerdo, em Setúbal.

Lisboa, 24 de Maio de 1976

O Juiz de Direito
a) Jorge Manuel Mora do Vale
O Escrivão de Direito
a) João Martins Reis

PUB

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

EMPREENDIMENTO FERROVIÁRIO DE SINES

Concurso Público para arrematação da empreitada de construção da plataforma da via (terraplenagens, saneamentos e obras de arte) do troço POCEIRÃO-SADO (Lotes A, B, C e D) da nova Linha de Sines.

ESCLARECIMENTO

Informam-se os interessados, concorrentes à empreitada acima referida que:

1 — Quanto aos documentos que instruem a proposta:
Em caso de impossibilidade de apresentarem em conjunto com a sua proposta todos os elementos referidos em 9.1 do Programa de Concurso, poderão ainda fazê-lo, no que respeita aos documentos das alíneas b) e d) a j) daquele número 9.1, no prazo de 48 horas após a abertura das propostas.
Mais se esclarece que o documento mencionado na alínea b) do número 9.1 do Programa de Concurso pode ser substituído pelo documento comprovativo do pagamento da Contribuição Industrial do ano mais recente.

2 — Quanto ao prazo de execução:
Além da proposta base com um prazo de execução dos trabalhos de 9 meses a partir da consignação, conforme referido no n.º 10.1 do Programa de Concurso, os concorrentes poderão apresentar uma proposta alternativa com prazo de execução de 13 meses.

3 — Quanto aos prazos de apresentação e data de abertura das propostas:
A pedido de alguns concorrentes é dilatado o prazo de apresentação das propostas cuja data limite será o dia 29 de Junho de 1976, pelas 17 horas.
A abertura das propostas efectuar-se-á a 30 de Junho de 1976, pelas 15 horas.

O PRESIDENTE DA COMISSÃO ADMINISTRATIVA
a) Amílcar Marques

PUB

CONTRATO COLECTIVO DE TRABALHO DO RAMO AUTOMÓVEL

(Importadores e Vendedores de Automóveis e Acessórios)

NOVA RECUSA DO PATRONATO EM CONCLUIR AS NEGOCIAÇÕES DO C.C.T.

CONVOCATÓRIA

Conforme decisão do Plenário dos Sindicatos outorgantes deste C. C. T., realizado no dia 25.5.76, na Federação Regional dos Sindicatos dos Empregados de Escritório do Sul e Ilhas Adjacentes, para analisar as novas manobras e recusa do patronato, convocam-se todos os trabalhadores abrangidos por este C. C. T. a comparecerem em massa no Plenário Geral deste sector, a realizar na próxima segunda-feira, dia 31.5.76, pelas **21 horas, no Salão Nobre do Instituto Superior Técnico, 1.º andar, (Alameda D. Afonso Henriques)**, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1. Situação das negociações do C. C. T.
2. Greve nos dias 2 e 3 de Junho próximo (decisões a tomar).

— EM FRENTE PELO CONTRATO COLECTIVO DE TRABALHO!
— CONTRA AS MANOBRAS DO PATRONATO!

Lisboa, 26 de Maio de 1976

— Sindicato dos Trabalhadores de Escritório do Dist. de Lisboa
— Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Dist. Lisboa
— Sindicato das Telefonistas de Lisboa
— Sindicato dos Trabalhadores dos Serviços de Portaria e Vigilância, Limpeza e Profissões Similares
— Sindicato dos Cobradores
— Sindicato dos Técnicos de Vendas

Nacional

Octávio Pato no Campo Pequeno

Efectua-se esta noite (21 horas), no Campo Pequeno, um comício do PCP com o objectivo de dar a conhecer, de forma clara e precisa à população de Lisboa as razões da apresentação de uma candidatura autónoma do Partido Comunista Português às eleições para a Presidência da República. Orador principal: **Octávio Pato**, candidato às eleições presidenciais.

O comício, em princípio obedece aos seguintes pontos:

. Contribuir para a consolidação, estabilidade e prosseguimento do processo democrático; impedir a renovação de uma santa aliança anticomunista e contribuir para a unidade da classe operária e das massas populares e para a aproximação das forças democráticas, designadamente de **comunistas e socialistas; contribuir para a continuação da** aliança do povo com as Forças Armadas e para a unidade das Forças Armadas, na base dos princípios libertadores do 25 de Abril e da aplicação e defesa da Constituição; e criar condições que facilitem a concretização da vontade popular expressa nas últimas eleições, ou seja, a criação de uma maioria de esquerda na Assembleia da República e a criação de um Governo de esquerda com participação comunista.

Depois do comício, efectua-se uma sessão de canto livre.

RAMALHO EANES AO "JORNAL DO FUNDÃO"

Nenhum partido ousará sobrepor-se aos interesses nacionais

. «Portugal atravessa um 'tempo histórico' crucial: ou se reencontra ou se perde. O reencontro exige um projecto de vida colectivo, adequado ao perfil histórico do povo português e ajustado à sua necessidade de segurança efectiva, do seu desejo de justiça real, à sua aspiração de bem-estar generalizado e fraterno». Palavras do general Ramalho Eanes numa entrevista concedida ao «Jornal do Fundão», primeira grande entrevista do actual chefe do EME e candidato às próximas eleições para a Presidência da República. No decurso da sua conversa com o semanário que o entrevista, Eanes responde a algumas questões de pertinência maior na vida política portuguesa.

Uma das questões de maior pertinência: a viabilidade ou não dum futuro Governo minoritário. «Haverá condições para que esse governo actue com eficácia?». Eanes responde: «Sem de modo nenhum minimizar a fundamental importância dos partidos na vida democrática, parece-me que estamos num momento tão decisivo da vida nacional que nenhum partido que se preza ousará pôr interesses partidários acima dos interesses nacionais. Nesta perspectiva, a viabilidade do Governo que venha a ser constituído depende da capacidade que demonstre para enfrentar, com eficácia os problemas graves e complexos do Povo português e do patriotismo de todos os partidos empenhados na consolidação da democracia».

Resposta um pouco nebulosa, ou apenas prudente, exige uma releitura das declarações feitas por Ramalho Eanes à Associeated Press e ontem publicada. Aí o candidato a PR, como o «DL» realçava na sua edição de ontem, não confirmava (nem punha em questão — antes deixava algumas dúvidas sobre) a constituição dum Governo PS a formar após a sua tomada de posse, caso Eanes venha a ser eleito. O «Jornal do Fundão» não insiste junto do actual chefe do EME nas questões em suspenso.

Noutros passos da entrevista, Eanes fala do «25 de Novembro», dos «Nove», das relações com as antigas colónias, dos blocos político-militares, do futuro de Portugal.

Sobre o «25 de Novembro»: «O 25 de Novembro não é a morte do MFA mas a sua ressurreição político-militar patriótica, uma correcção dos desvios e excessos praticados em seu nome».

Sobre os «Nove»: Eanes nega que sejam «susceptíveis de comparação o PS e o Grupo dos Nove. O primeiro é uma associação com órgãos próprios e afirma-se politicamente através de um programa cujo suporte tem natureza e dimensão partidária. O segundo é a resposta patriótica a uma crise que ameaçava a liberdade. O seu fim prioritário era preservá-lo; a sua duração era necessariamente efémera. Não pretendia construir democracia, mas viabilizá-la, difundindo o seu factor básico, a liberdade».

Sobre as relações com as antigas colónias; «É imperativo estabelecer laços de amizade e de cooperação entre todos os povos de língua portuguesa, incluindo o Brasil, no sentido de fortalecer a intervenção comum na comunidade internacional e de contribuir para a ajuda e realizações mútuas» — diz Eanes. E acrescenta: «As boas relações hão-de estabelecer-se em clima de igualdade e de não-ingerência nos assuntos internos. São inadmissíveis e inacreditáveis o aviltamento e a humilhação da nossa dignidade nacional».

OTELO NA LISNAVE

"Ao longo do processo nunca traí e fui tomando posições cada vez mais firmes e justas"

. Depois da visita efectuada à Setenave na véspera, Otelo esteve ontem na Lisnave, onde almoçou entre cerca de 2000 trabalhadores aos quais no final se dirigiu durante alguns minutos reafirmando o seu desejo e intenção de «tentar unir as massas trabalhadoras».

Otelo frisou que é necessário ultrapassar divergências partidárias traduzidas por vezes em questões pouco importantes entre trabalhadores cujos interesses e objectivos são os mesmos.

Aos que o têm acusado de haver traído em algumas ocasiões, o ex-comandante do Copcon disse que nunca tal acontecera. «Essa traição nunca existiu — afirmou. Eu fui tomando, ao longo do processo, posições cada vez mais firmes e mais justas».

Referiu-se de novo à célebre carta enviada ao general Vasco Gonçalves explicando que ela fora divulgada não por ele mas por alguém do gabinete do então Primeiro-Ministro. Salientou que a sua actuação nessa época se norteara pelo desejo de salvar a tempo Vasco Gonçalves da maquinação que contra ele estava a ser feita e não de o destruir.

«Ainda no domingo estive com ele cerca de 4 horas. Estava preocupado por pensar que a minha candidatura pudesse dividir as massas trabalhadoras, mas isso não acontecerá», declarou Otelo depois de sublinhar uma vez mais que a sua presença na corrida para Belém se norteará por objectivos suprapartidários.

Noutra passagem do seu minicomício, Otelo Saraiva de Carvalho evocou Álvaro Cunhal, José Magro, Mário Soares e outros lutadores antifascistas «que passaram anos e anos nas prisões e cuja actividade foi importante para motivar e impulsionar os militares a fazerem o 25 de Abril».

CAMPANHA MUITO DURA

No Supremo Tribunal de Justiça, Otelo foi saudado e aclamado por muitas dezenas de pessoas que ali se encontravam quando ontem à tarde no regresso da Lisnave, ali se dirigiu para fazer entrega do processo de candidatura, acompanhado pelo seu advogado, dr. Manuel Salema.

Falando aos jornalistas, Otelo disse que «não devemos esquecer de que «há imensas forças em jogo» e o povo, muitas vezes, na sua transparência, não se apercebe do que existe por detrás da sua vontade de o impulsionar para a presidência». E acrescentou: «Ainda há dias, um destacado elemento de um dos partidos que apoia o general Eanes disse que, aconteça o que acontecer, Eanes será Presidente. Quer isto dizer que, à partida, não podemos estar convencidos de que esta campanha será fácil. Vai ser uma campanha muito dura a todos os níveis».

Considerou como vantagens do seu lado apenas a vontade popular, o que no entanto não sabe se será suficiente. «Em termos de força e vontade real diria que sim, mas está em jogo um aparelho financeiro fabuloso e uma máquina de informação posta ao serviço de uma causa que, a meu ver, não é a causa dos trabalhaodres nem a minha por consequência».

APOIOS

Na sede da Comissão de Apoio à candidatura do major Otelo Saraiva de Carvalho, na Rua Alexandre Herculano n.º 55, funciona das 21 às 24 horas, a Comissão Provisória de Militares e ex-Militares de Apoio à Candidatura, a qual realiza uma reunião geral na próxima segunda-feira à noite.

No mesmo dia, também à noite realiza-se no mesmo local, uma reunião de artistas do espectáculo que apoiam a candidatura de Otelo.

Entretanto registam-se centenas de moções de apoio ao ex-comandante do Copcon destacando-se as de 242 militares do Regimento de Infantaria de Évora, de 136 moradores da Associação da Estrada Militar de Queluz, de 40 funcionários do Ministério da Agricultura, ex-dirigentes de Centros de Reforma Agrária, Cooperativas Agrícolas da Boa Hora, de Vale de Ranas (Torrão) e de S. Brás do Regedor (Évora), 300 moradores antifascistas da Baixa da Banheira e 190 trabalhadores da empresa metalúrgica SEPSA, de Guimarães.

NO PORTO

Otelo Saraiva de Carvalho estará também presente esta noite no comício antifascista que se realiza às 21 e 30 no Porto. Esta manhã estavam já completos dois comboios especiais organizados pela Comissão de Apoio à Candidatura. Estão previstas paragens do primeiro destes comboios em Azambuja, Entroncamento e Coimbra, para realização de pequenos comícios.

Portugal na agenda da Assembleia Atlântica

Mais de uma centena de parlamentares dos 15 países da NATO iniciaram ontem em Bruxelas uma reunião da Assembleia Atlântica. A reunião insere-se na sessão da Primavera e conta com a presença de três portugueses deputados à Assembleia da República pelos partidos mais votados com excepção do P.C.P. — o P.S., o P.P.D. e o C.D.S. A situação política portuguesa inscreve-se na agenda da reunião que deve prolongar-se por quatro dias.

Além da situação portuguesa, estarão em discussão as situações em Espanha, em particular, e, mais amplamente, no flanco sul da Aliança. Deverá falar-se também da situação no Médio Oriente. Da agenda fazem parte temas que constituem preocupação permanente da organização: as relações Leste-Oeste e desanuviamento, o «poder e influência da U.R.S.S.», o controlo e a cooperação europeia no âmbito do armamento, os acordos de Helsínquia, as conversações SALT e MBFR, o papel dos partidos comunistas na Europa Ocidental, a energia, a livre circulação de informação e a situação económica dos países aliados.

PUB

OS TRABALHADORES DO HOTEL IMPALA ESTÃO EM LUTA

CAMARADAS

A camarada MARIETTE, membro da Comissão de Trabalhadores, foi despedida arbitrariamente pelo **fascista** SEIXAS em cujo nojento «Curriculum» pesam saneamentos de estudantes e trabalhadores progressistas, como atestam a Comissão de Gestão da Faculdade de Direito e a Comissão de Gestão da Residência Universitária do Lumiar, a Comissão de Trabalhadores da firma COMPORTEL em Mem Martins e os Serviços Sociais da Universidade de Lisboa, com sindicância no M.E.I.C. a nível político e profissional.

Este fascista, à boa maneira PIDESCA ameaça consecutivamente com o fantasma do despedimento os trabalhadores do Impala que lhe não são afectos, praticando toda a espécie de arbitrariedades, como por exemplo: a mudança da telefonista para auxiliar de todas as secções e empregadas de andares.

Toda a actuação do SEIXAS tem o apoio da proprietária do Hotel, MARIA CÂNDIDA ALVES SOARES DA ROCHA, mãe do cineasta PAULO — o dos «VERDES ANOS» — presentemente adido cultural na Embaixada de Portugal no Japão.

Após a actuação da Direcção do Sindicato que acompanhou a MARIETTE ao seu local de trabalho um dos dirigentes sindicais ao proteger a trabalhadora foi agredido PELA «segurança» PIDESCA montada pelo SEIXAS e por trabalhadores (?) alheios, ao hotel e ao nosso Sindicato. Aos constantes apelos do Seixas à Polícia, esta permaneceu ao longo de todo o dia junto da entrada do hotel.

Após prolongada conversação com o Major Oficial de Serviço, dirigentes sindicais, delegados e trabalhadores, a Polícia actuou de facto e com algum aparato, só permitindo a permanência de dois dirigentes sindicais e três delegados. Assim a P.S.P. mantém-se de guarda ao hotel, só permitindo o acesso aos hospedes. Deste modo, a actuação da Polícia retarda a resolução de um conflito laboral indo por conseguinte contra a Constituição Portuguesa.

A camarada Mariette, técnica de contas e a desempenhar as funções de guarda-livros insiste em não abandonar o seu local de trabalho e permanece nas instalações.

Há graves suspeitas de incorrecções na contabilidade da firma que urge esclarecer e que são a possível causa da tentativa de afastamento da Mariette.

A título de curiosidade assinale-se que há uma hipoteca ao Montepio de 13.000 contos e uma descapitalização efectiva da firma, causada por uma gestão que a lançou para uma situação deficitária com prejuízos na ordem dos 2900 contos.

A nossa camarada Mariette ao constatar a situação económica em que se encontra a firma e como membro da Comissão de Trabalhadores não se sente vinculada ao segredo profissional na medida em que este afecta a manutenção dos postos de trabalho do Hotel Impala. Esta situação, a não ser sanada de pronto por uma gestão equilibrada e competente arrastará estes trabalhadores para o desemprego.

CAMARADA!

A tua presença junto do Impala é necessária.

É preciso que mobilizes camaradas e te concentres junto do Hotel Impala esclarecendo a população, os hóspedes do Hotel e até as próprias autoridades que lá se mantêm de guarda.

Junto do Hotel proceder-se-á à distribuição de comunicados no sentido de anular a acção do fascista Seixas e da proprietária do Hotel que não se revela à altura da responsabilidade que lhe assiste no processo e que só ela pode solucionar.

AMANHÃ POR TI!

A Comissão de Trabalhadores do Hotel Impala

SOC. AGRÍCOLA QUINTA DA AREIA

Av. 5 de Outubro N.º 56 - 1.º
Telef. 53 70 91 Lisboa

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Excelentíssimos Senhores Accionistas:

De acordo com a lei e os estatutos temos o prazer de vos apresentar o Relatório e Contas, referentes ao ano findo em 31 de Dezembro de 1975 e fornecer conjuntamente, alguns esclarecimentos sobre a actividade geral da empresa.

O desenvolvimenro agrícola, ao qual esperávamos ter podido dar incremento na nossa empresa, continua ainda em evolução muito lenta. É devido este facto, à inexistência de meios financeiros líquidos para tal impulso, pois os projectos são muitos, mas os meios para os alcançar é que se tornam difíceis de obter.

O Balanço mostra-nos um prejuízo do exercício de 403 mil escudos, resultante de peso especial nas seguintes contas:

Serviços e Fornecimentos de Terceiros onde está inserida a Assistência Contabilística a qual aumentou consideravelmente no ano em causa, visto termos começado a ser assistidos pelo computador, proporcionando-nos melhor qualidade e mais actualização da informação, Gastos com o Pessoal, e Dotações para Amortizações, devido a custos inerentes ao aumento de capital no ano de 1973.

Quanto aos proveitos existentes, temos a realçar as Vendas de Mercadorias, salientando-se as vendas de pêssegos, e a conta de Outros Resultados que engloba o Custo e o Proveito da venda de parte de terreno pertencente ao Imobilizado da nossa sociedade, à Brisa — Auto-Estradas de Portugal, S.A.R.L., para a construção da Auto-Estrada do Sul.

Por fim, agradecemos a colaboração de todos e em especial ao Conselho Fiscal, pela excelente dedicação que demonstrou ao longo de todo o exercício.

Lisboa, 27 de Fevereiro de 1976.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
a) **Dr. António Carlos Ahrens Teixeira Esteves** — Presidente
b) **Carlos Alberto Vieira Serra Pereira**
c) **Torquato Fernando da Conceição Victor**

RELATÓRIO E PARECER DO CONSELHO FISCAL

Excelentíssimos Senhores Accionistas:

Tendo apreciado continuamente os movimentos contabilísticos existentes na contabilidade da vossa empresa, referentes ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1975, determinámos que os mesmos satisfaziam as condições legais e estatuárias.

O Conselho de Administração foi unânime e completo as informações por nós desmandadas, tendo sempre correspondido ao esforço de bem servir a empresa.

Nestes termos somos de parecer que aproveis as Contas e o seu Relatório, visto estes reflectirem perfeitamente a situação da vossa empresa, tanto sobre o aspecto de desenvolvimento e projecção no futuro, como sobre o ponto de vista financeiro, estando absolutamente de acordo com os factos patrimoniais existentes durante o exercício de 1975.

Lisboa, 15 de Março de 1976.

O CONSELHO FISCAL
a) **Jaime Rodrigues** — Presidente
b) **Joaquim Militão Rocha**
c) **Joaquim Dias Roldão**
d) **José Eduardo Teixeira Esteves**

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1975

ACTIVO			
DISPONIVEL			
CAIXA		1.470$40	
DEPÓSITOS À ORDEM		5.365$30	6.835$70
REALIZÁVEL			
ACCIONISTAS			2.000.000$00
IMOBILIZADO			
IMOBILIZAÇÕES INCORPÓREAS	332.857$00		
AMORTIZAÇÕES	-231.617$50	101.239$50	
IMOBILIZAÇÕES CORPÓREAS	2.655.468$60		
AMORTIZAÇÕES	-195.448$70	2.460.019$90	
OUTRAS IMOBILIZAÇÕES		45.170.866$40	47.732.125$80
			49.738.961$50
PASSIVO			
EXIGIVEL			
FORNECEDORES		7.852$20	
CREDORES		766.513$30	774.365$50
SITUAÇÃO LIQ. ACTIVA			
CAPITAL		50.000.000$00	
RESULTADOS DO EXERCICIO			
Prejuizo do exercicio	403.319$70		
LUCROS E PERDAS			
Prejuizo de exerc. ant.	632.084$30	-1.035.404$00	48.964.596$00
			49.738.961$50

CONTA DE RESULTADOS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1975

DÉBITO	
GASTOS COM O PESSOAL	199.854$60
IMPOSTOS S/RENDIMENTOS	442$00
OUTROS IMPOSTOS E TAXAS	11.823$00
SERV. E FORNEC. DE TERCEIROS	298.306$20
TRAB. EXECUT. P/TERCEIROS	24.233$50
OUTROS ENCARGOS DE GESTÃO	19.830$50
CUSTOS EM ALIENAÇÕES DE BENS IMOBIL.	188.892$00
DOTAÇÕES P/AMORTIZAÇÕES	147.805$60
	891.187$40
CRÉDITO	
VENDAS DE MERCADORIAS	72.978$00
SERV. E TRABALHOS PRESTADOS	220$00
PROVEITOS FINANCEIROS	5.256$30
OUTROS PROVEITOS	7.913$40
PROVEITOS EM ALIENAÇÕES DE BENS IMOBIL.	401.500$00
RESULTADOS DO EXERCICIO	
Prejuizo	403.319$70
	891.187$40

DESIGNAÇÃO	QUANTIDADE	VALOR NOMINAL	PREÇO MÉDIO DE COMPRA	COTAÇÃO EM BOLSA (Quando Exista)	VALOR DO BALANÇO		VALOR TOTAL DE AQUISIÇÃO	DIFERENÇAS	
					UNITÁRIO	TOTAL		FLUTUAÇÃO DE VALORES	PERDAS LEVADAS A RESULTADOS
1 - Participações Financeiras									
1.2 - Acções									
1.2.1 - Banco Micaelense	28.916	50$00	1.147$15	---	1.147$15	33.170.866$40	33.170.866$40	---	---
1.2.2 - Banco Português do Atlântico	500	1.000$00	20.000$00	14.052$00	20.000$00	10.000.000$00	10.000.000$00	---	---
1.2.3 - Têxtil Lopes da Costa, S.A.R.L.	2.000	1.000$00	1.000$00	---	1.000$00	2.000.000$00	2.000.000$00	---	---
						45.170.866$40	45.170.866$40		

NOTA: Não existem quaisquer outras aplicações em valores mobiliários

O TÉCNICO DE CONTAS

a) DR. RUI FERNANDES SIMÕES

CONTAS APROVADAS EM 30/3/76

A ADMINISTRAÇÃO

a) DR. ANTÓNIO CARLOS AHRENS TEIXEIRA ESTEVES - PRESIDENTE

b) CARLOS ALBERTO VIEIRA SERRA PEREIRA

c) TORQUATO FERNANDO DA CONCEIÇÃO VICTOR

Nacional

Primeiro-Ministro recebe Berthil Zachrisson

O Primeiro-Ministro Pinheiro de Azevedo recebe durante a tarde de hoje o ministro sueco da Educação, Bhertil Zachrisson, que desde o dia 26 se encontra entre nós e que ontem, acompanhado pelo seu homólogo, major Vítor Alves, se deslocou a Coimbra e a Braga para visitar as respectivas universidades.

Naquela cidade foi recebido pelo professor Teixeira Ribeiro que lhe manifestou o desejo de a escola de que ele é reitor estabelecer contactos com as congéneres suecas. O visitante, por sua vez, afirmaria levar para o seu país a experiência de uma escola «tão antiga onde se podem encontrar métodos modernos e relações tão democráticas».

Em Braga, Berthil Zachrisson fora recebido pelo reitor da Universidade do Minho, o governador civil da cidade e o comandante da RMN, brigadeiro Pires Velosos.

As escolas populares em regime de internamento para a formação de adultos e as actividades educativas das organizações de trabalhadores foram os temas mais vivos do debate que se estabeleceu entre o ministro sueco e os docentes e discentes da Universidade minhota.

A partida do ministro sueco está prevista para amanhã, às 15 horas, havendo no entanto, um pouco antes, ainda uma conferência de encontro com os órgãos de Informação.

ENSINO COOPERATIVO

Hoje à tarde o ministro da Educação e Investigação Científica, major Vítor Alves, presidirá ao encerramento do Encontro Nacional do Ensino Cooperativo, patrocinado pelo M.E.I.C. e que tem estado a decorrer desde o passado dia 27. Aberto o Encontro com uma intervenção do secretário de Estado da Administração Escolar, comandante Mário Aguiar, os trabalhos prosseguiram com a apresentação de exposições por parte das cooperativas Papoila, Torre e Cebe.

Falando pela Comissão de Apoio às Cooperativas, o comandante Pereira Bastos historiou, de forma sucinta, a génese e o significado da CAC e sublinhou a necessidade de alargar o espaço cooperativo.

A finalizar, esboçou alguns princípios a que deverão obedecer as cooperativas, independentemente das especificidades de cada ramo em que estão inseridas.

Têm participado nos trabalhos representantes de dezenas de cooperativas de diversos pontos do País, estabelecimentos de ensino, sindicatos, etc. Na abertura do Encontro o número dos presentes ascendia a 200.

FACULDADE DE PEDAGOGIA

Toma posse na próxima segunda-feira, às 15 horas, a Comissão Instaladora da Faculdade de Pedagogia da Universidade de Lisboa. No acto a que preside, o secretário de Estado do Ensino Superior e Investigação Científica, engenheiro António Brotas, fará uma exposição sobre a criação de uma faculdade que tem sido vivamente contestada em certos sectores universitários designadamente como medida que virá subalternizar tanto a Faculdade de Letras como a de Ciências.

FERNANDO CHAVARRI CHEGOU A LISBOA

«A minha nomeação não corresponde a qualquer alteração nas relações diplomáticas entre os dois países. Pelo contrário, trata-se de uma afirmação de amizade entre a Espanha e Portugal» — declarou o novo embaixador espanhol no nosso País, Fernando Chavarri, ontem chegado a Lisboa. Ainda não acreditado, Chavarri prometeu aos jornalistas mais declarações para depois da acreditação que deve verificar-se dentro de dias. Disse «bem» de Portugal e declarou a sua satisfação por ser aqui «representante de Sua Majestade o Rei de Espanha».

«A minha satisfação será ainda maior quando algumas coisas se resolverem favorável e definitivamente, o que espero venha a acontecer muito depressa com a ajuda do Governo Português, para que se mantenha a excepcional amizade entre os povos português e espanhol» — acrescentou.

Fernando Chavarri é diplomata de carreira e não é a primeira vez que trabalha em Portugal: vai para vinte anos foi conselheiro da embaixada de Espanha em Lisboa. Posteriormente representou a Espanha em Tripoli e foi director-geral da política externa do Ministério das Relações Exteriores do Governo de Madrid. Em Lisboa substitui António Poch, que entretanto se encontra na embaixada de Espanha em Atenas.

EMBAIXADOR EM BAGDAD

O Governo do Iraque concedeu «agrement» ao embaixador de Portugal em Bagdad, Leonard Charles de Zaffiri Duarte Matias.

Ministro plenipotenciário de 2.ª classe, Leonardo Matias é diplomata de carreira desde 1960 e prestou serviço em embaixadas ou consulados de Portugal, em cidades como Cabo, Madrid, Rabat e Roma. Fez parte da delegação portuguesa à reunião do Conselho da NATO em 1959 e à Assembleia da ONU em 1959, 69 e 70. Foi representante permanente de Portugal junto da FAO em 1972 e delegado à 22.ª sessão da Assembleia Geral do Instituto Internacional para a Unificação do Direito Privado, em Roma no ano de 72.

AMIZADE PORTUGAL -EUROPA

PORTO, 29 — Foi ontem legalizada num cartório do Porto uma nova associação de amizade: Portugal-Europa.

Segundo os estatutos, tem em vista «promover e fomentar o estreitamento das relações entre Portugal e os diferentes Estados Europeus interessados na constituição de uma Europa unida e pluralista, a caminho do socialismo democrático».

Entre as assinaturas de constituição salientamos: João de Araújo Correia, Jaime Vilhena de Andrade, Maria Emília Melo, Miguel Veiga, José Augusto Seabra, Neiva dos Santos, António Cordeiro, Germano Silva e Adriano Amendoeira.

A TAP representada por um dos seus directores gerais, assinou um contrato com o transporte aéreo sueco, TRANSAJR, tendo-se deslocado a Lisboa, para, o seu Presidente.

Confiando na qualidade técnica dos Serviços de Manutenção da TAP, a TRANSAIR entregará ao transportador aéreo nacional um Boeing 727-100, para uma grande revisão e um extensivo programa de modificações.

Outros contratos de igual importância e volume estão presentemente a ser discutidos, havendo a intenção de alargar, progressivamente a prestação de serviços desta natureza por parte da TAP.

Assim se poderá obter um melhor aproveitamento da capacidade e qualificação do pessoal técnico português, que se projecta já a nível internacional.

PUB

SINDICATO DOS ENGENHEIROS TÉCNICOS DO SUL

GRUPO DE APOIO ÀS PEQUENAS E MÉDIAS EMPRESAS

Funciona neste Sindicato um Grupo de Engenheiros Técnicos que tem por objectivo o apoio Técnico às Pequenas e Médias Empresas que se encontrem em dificuldades por problemas de produtividade, de qualidade, escoamento de Stocks, melhoria de rentabilidade, etc.

Se a vossa empresa se encontra numa situação defícil nos campos atrás citados, ou com outras de carácter técnico, entre em contacto com:

Sindicato dos Engenheiros Técnicos do Sul Gabinete de Apoio às pequenas e Médias Empresas.
R. Jardim do Regedor, 37-2.º, Lisboa; Telef. 321082
Horário - 13.00 às 20.00

A DIRECÇÃO

«SOCIEDADE ESTORIL»

CAMINHOS DE FERRO DO CAIS DO SODRÉ A CASCAIS

SE VAI À PRAIA no **COMBOIO** da linha de Cascais, **NÃO SE SUJEITE A LONGAS DEMORAS** em bichas para comprar bilhete.

Utilize as **MÁQUINAS AUTOMÁTICAS**, práticas e **RÁPIDAS**, bastando trazer, em **MOEDAS** de 5$00, 2$50, 1$00 e $50 o **PREÇO EXACTO** do bilhete.

Os preços são:

CAIS DO SODRÉ A	PREÇOS	
	1.ª classe	2.ª classe
Santos Alcântara Belém Pedrouços Algés	7$50	5$00
C. Quebrada Caxias Paço de Arcos Santo Amaro Oeiras	11$00	7$50
Carcavelos Parede S. Pedro S. João Estoril Monte Cascais	15$00	10$00

NO REGRESSO utilize também as **MÁQUINAS AUTOMÁTICAS** existentes em quase todas as estações.

CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES DE PORTUGAL

GREVE DOS TRABALHADORES DAS TELECOMUNICAÇÕES

COMUNICADO

O SINTEL — Sindicato Nacional dos Trabalhadores do Sector das Telecomunicações dos CTT, decidiu, sem aviso prévio a este Conselho de Administração, desencadear a paralisação de trabalho do sector das telecomunicações desta Empresa Pública, a partir das 8 horas de hoje. Assim está o País na contingência de uma imobilização progressiva das comunicações telegráficas e por telex, ao âmbito nacional, e por telefone, em todo o território, à excepção de Lisboa e Porto, onde as correspondentes operações estão confiadas aos TLP — Telefones de Lisboa e Porto.

Dada a gravidade da situação, sente-se este Conselho no dever de informar o público directamente atingido pela paralisação e os trabalhadores dos Correios e Telecomunicações de Portugal sobre os factos que interpreta como estando na base da decisão tomada pelo SINTEL.

Assim:

1 — Entrou em vigor, em 1 de Julho de 1975, o Acordo Salarial assinado pelos Correios e Telecomunicações de Portugal (CTT) e os dois Sindicatos verticais — SINTEL e SNTCT — onde se enquadram os trabalhadores desta Empresa.

2 — Tanto de um como de outro Sindicato surgiram grupos de profissionais que se consideraram lesados com algumas das disposições acordadas.

3 — Apesar de se haver reconhecido, em muitos casos, que eram justas as reivindicações apresentadas — na sua grande maioria relacionadas com a massa salarial — conseguiu-se dos trabalhadores a compreensão suficiente para suspenderem as reivindicações, até negociação do novo Acordo, para valer a partir de 1 de Julho de 1976.

4 — O grupo profissional dos Técnicos de Instalações Exteriores (Guarda-fios), a que se juntou posteriormente o dos Electrotécnicos, vem manifestando, praticamente desde a data da entrada em vigor do presente acordo, discordância quanto ao seu posicionamento na tabela salarial. Tanto um como outro dos grupos referidos são constituídos na sua quase totalidade por associados do SINTEL, representando a totalidade dos grupos reivindicantes cerca de 2500 dos 30 000 trabalhadores dos CTT.

5 — O descontentamento não é específico do grupo de associados do SINTEL a que atrás nos referimos, pelo que entende este Conselho de Administração que, a rever-se já — antes de findar o Acordo cujo termo tem lugar em 30 de Junho de 1976 — a situação deste grupo, teríamos, por dever de justiça, de efectuar um levantamento de situações idênticas existentes, principalmente no SNTCT — Sindicato Nacional dos Trabalhadores dos Correios e Telecomunicações.

6 — Este Conselho de Administração, pelos motivos atrás apontados e tendo em mente a proximidade do termo do Acordo em vigor, tem defendido a inclusão do problema, cuja justificação aliás não contesta, na lista dos que vão ser submetidos, proximamente, a negociações para o estabelecimento de um novo Acordo.

7 — Atendendo aos factos relatados, está este Conselho de Administração consciente de que a forma como tem conduzido este assunto se insere no critério de justiça que deve pautar a sua intervenção na vida da Empresa.

8 — Lamentamos o transtorno que a decisão do SINTEL venha a causar ao público em geral e apelamos de novo para os trabalhadores e corpos directivos daquele Sindicato no sentido de reverem urgentemente a sua posição.

Lisboa, 28 de Maio de 1976

Pelo Conselho de Administração

Estrangeiro

EM S. TOMÉ E PRÍNCIPE

Países da C.O.N.C.P. preparam luta contra neocolonialismo

A reunião ministerial da CONCP (Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas) que ontem começou em S. Tomé, capital da República Democrática de S. Tomé e Príncipe, prepara a agenda da cimeira de chefes de Estado que muito brevemente vai transformar a Conferência em organismo de cooperação múltipla entre os países que a integram: Angola, Moçambique, Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau.

Além da agenda propriamente dita, o Estatuto da nova organização também está em elaboração e daí a presença de técnicos de justiça nas delegações, nomeadamente o chefe da delegação guineense, que é o ministro da Justiça. O termo da conferência está previsto para amanhã.

HÁ 15 ANOS

A Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas (CONCP) foi fundada em Casablanca, Marrocos, ao cabo de uma reunião de três dias, entre 18 e 20 de Abril de 1961, por representantes do Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo) e Comité para a Libertação de S. Tomé e Príncipe (CLSTP). As quatro organizações propunham-se adoptar uma estratégia conjunta para a luta contra o colonialismo português. Estes propósitos estavam contidos na declaração geral então emitida e onde se afirmava **a unddade de acção das organizações nacionalistas na luta por todos os meios pela liquidação imediata do colonialismo português e pela libertação de toda a opressão.**

Passados 15 anos, este objectivo básico está realizado e os movimentos fundadores, que conduziram a luta contra o colonialismo português, encontram-se, hoje, à frente do Governo dos novos países africanos nascidos como consequência imediata do 25 de Abril: o PAIGC, na Guiné e Cabo Verde, o MPLA, em Angola, a Frelimo, em Moçambique e o MPLSTP (entretanto traformou-se em movimento) em S. Tomé e Príncipe. É muito provável que a Frente de Libertação de Timor Leste (Fretilin) venha a ser admitida na organização.

Entre 1961 e 1976, entre a I Conferência e esta reunião de ministros dos Negócios Estrangeiros preparatória da cimeira de chefes de Estado, importantes acontecimentos marcaram a vida da África e do Mundo. As independências de Angola a 11 de Novembro de 75, de Moçambique, a 25 de Junho de 74, de Cabo Verde, a 5 de Julho, da Guiné-Bissau, a 24 de Setembro de 73, e de S. Tomé e Príncipe, alteraram profundamente a correlação de forças em África, graças à orientação progressista e não capitalista das organizações da CONCP, e criaram novas condições para avanços mais profundos na transformação social desses países.

A própria declaração da criação da CONCP fixava-lhe um segundo objectivo, para além da liquidação do colonialismo português, já conseguido: **a unidade na luta pela libertação de toda a forma de opressão.**

Na II Conferência, realizada em Dar es-Salam, de 3 a 8 de Outubro de 1965, a organização viria a sofrer alterações estruturais. A luta armada estava finalmente desencadeada em Angola, Moçambique e Guiné, e foi sob um forte sentimento unitário que se decidiu coordenar actividades político-militares dos componentes da CONCP e **colaborar na reconstrução nacional** referência que aparece pela primeira vez em documentos da Conferência.

Na altura da segunda conferência, Amílcar Cabral, fundador do PAIGC e, justamente com Agostinho Neto e Marcelino dos Santos, grande dinamizador do CONCP, fez uma notável intervenção salientando que os movimentos integrantes estavam **mais fortes do que nunca, porque indissoluvelmente unidos na luta de libertação e no caminho da construção das nossas pátrias.** No final da conferência, Amílcar Cabral exortou os participantes a **não permitir que o neocolonialismo, que começa já a tornar-se um cancro emcertas partes do mundo e da África, atinja também os nossos países.**

Em Dar es-Salam ficara decidido que a III Conferência se realizaria em 1967 na capital de um dos países da CONCP, entretanto libertados. Tal era a confiança dos «leaders» africanos na libertação das suas próprias. Esse propósito não se viria a concretizar mas Samora Machel, Agostinho Neto e Miguel Trovoada (Aristides Pereira só chegaria um dia depois de conhecida a reunião) encontrar-se-iam no Maputo numa reunião extraordinária em vésperas da independência de Angola. Foi decidido na altura o imediato reconhecimento, em bloco, da República Popular de Angola e colocar à disposição do MPLA todos os meios possíveis para a libertação definitiva do País.

Anteriormente à CONCP e antes também da luta armada em qualquer dos países, já se esboçavam tentativas de trabalho conjunto no Movimento Anti-Colonialista (MAC) fundado por iniciativa do MPLA e do PAIGC em 1957, englobando também nacionalistas de Moçambique e de S. Tomé e Príncipe, e na Frente Revolucionária Africana para a Independência Nacioal (FRAIN). Esta última frente, que extinguiria o MAC teria uma breve duração, ou seja, de Janeiro de 1961 (II Conferência dos Povos Africanos, em Tunes) a Abril dc mesmo ano, quando foi fundada a CONCP.

PUB

FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS DAS INDUSTRIAS DE PANIFICAÇÃO, PRODUTOS ALIMENTARES E AFINS

MINISTÉRIO DO «TRABALHO»?

Vem esta Federação, mais uma vez apresentar o seu veemente repúdio pela acção do Ministério do Trabalho no referente aos processos que vem adoptando para a solução do problema do horário de Trabalho do sector da Panificação.

Que pretende este Ministério?

Porque não faz ele cumprir com o estabelecido nos acordos, feitos nas reuniões efectuadas nesse Ministério, cujas actas então lavradas se encontram em nosso poder e em poder da Secretaria de Estado do Trabalho?

Porque razão não procede esse Ministério, pelo menos, de harmonia com as leis que ele próprio elabora nas costas dos trabalhadores e que no geral não defendem os seus interesses, como é o caso do decreto-lei n.º 164-A/76 que regulamenta as relações colectivas de trabalho?

Na última reunião havida ficou acordado resolver o problema do **horário de trabalho** através de uma arbitragem, aceite pelas partes, nos termos estabelecidos por aquele decreto-lei.

Nós nomeámos o nosso **árbitro** dentro do prazo acordado, árbitro esse que reunia todas as condições previstas na lei (art.º 15.º daquele diploma legal). Mas que fez o patronato?

Com 4 dias de atraso em relação ao prazo previamente acordado, nomeou um árbitro que não reunia as condições legalmente exigidas para essa função. De imediato demos conhecimento do facto às Associações de Industriais e à Secretaria de Estado do Trabalho. O patronato nunca nos respondeu, nem nomeou outro árbitro como lhe competia, mas o Ministério do Trabalho, esse convocou-nos para uma reunião (a realizar no dia 25 de Maio) «a fim de serem tratados problemas relacionados com o horário de trabalho da Indústria de Panificação» (conforme ofício em nosso poder) dirigido ao Sindicato de Lisboa, solicitando «a comparência de representantes dos Sindicatos dos Trabalhadores da Indústria de Panificação», desconhecendo a existência desta Federação e não dando, sequer, conhecimento aos restantes Sindicatos interessados. Que grande desorganização reina no Ministério do Trabalho!

Não foi sem espanto, porém, que nessa reunião verificámos estarem presentes alguns representantes do patronato, alegando, como já vem sendo hábito, que não eram representativos de toda a Indústria, que não estavam presentes todas as Associações patronais, etc., e que, portanto nada poderiam decidir e assim poderem ganhar tempo, com o objectivo bem visível de saturar, dividir e desmobilizar os trabalhadores.

Claro, e tudo isto com a conivência do Ministério do «Trabalho»!

Os trabalhadores, através dos seus orgãos representativos alertam todos os trabalhadores, todo o povo para esta situação e mais uma vez esta Federação chama a atenção desse Ministério para as graves consequências que poderão vir a surgir no abastecimento público de pão, pois os trabalhadores não podem admitir que o Ministério que usa a designação do Trabalho lhes prometa e não cumpra e que, para além disso, venha colaborando com o patronato na reconquista por este, das regalias por nós já alcançadas, nomeadamente o **trabalho diurno.**

Exigimos que seja publicada a portaria de regulamentação do **nosso horário**, em conformidade com a proposta feita por esta Federação em 7 de Abril último.

Já estamos fartos de esperas, mas, apesar de tudo, confiamos numa réstea de bom senso que dite a tomada de medidas que evitem conflitos laborais, perfeitamente evitáveis, e que apenas servem e aproveitam à direita reaccionária.

OS TRABALHADORES ESTÃO UNIDOS E FIRMES!

O MINISTÉRIO DO TRABALHO TEM QUE VOLTAR PARA OS TRABALHADORES

Lisboa, 27 de Maio de 1976

PEL' O SECRETARIAD(

Juristas da Guiné e Cabo Verde decidem aplicar a lei portuguesa até à sua revogação expressa

Os técnicos de direito e responsáveis políticos dos departamentos de Justiça da Guiné e Cabo Verde, reunidos no seu I Encontro, em S. Vicente, decidiram manter a aplicação da lei portuguesa em todos os casos que ela não tenha sido expressamente revogada. Em determinadas circunstânicas haviam surgido ideias de afastar as antigas leis mesmo que nada houvesse sido legislado contra, com a argumentação de se tratar de legislação colonial ou contrária aos princípios e objectivos do Partido e sem que fosse necessário prová-lo. Acordou-se, agora, nada decidir contra a lei vigente, antes de ela ser revogada e passa a ser admitido recurso sempre que essa lei não seja aplicada, a menos que haja motivos ponderosos de conflito com a nova legislação revolucionária.

O I Encontro de Juristas Guineenses e Cabo-Verdianos efectuou-se na cidade de Mindelo (ilha de S. Vicente, Cabo Verde), entre os dias 19 e 25, com a presença de 50 juristas, responsáveis políticos e observadores. As duas delegações foram dirigidas pelos respectivos ministros da Justiça, Fidélis Almada pela Guiné-Bissau e David Hopffer Almada por Cabo Verde. Aristides Pereira presidiu à sessão inaugural e o Presidente da Assembleia Nacional Popular Abilio Duarte, também membro da comissão de ideologia do PAIGC fez uma detalhada exposição da interpretação dos princípios do partido nas novas condições criadas pela independência e a sua influência na justiça nova.

Do Encontro resultou a criação da Associação de Juristas Democratas da Guiné e Cabo Verde e a formação de uma Comissão Mista para a elaboração dos projectos das leis fundamentais decorrentes das propostas básicas do Encontro, que vão ser submetidas à aprovação dos órgãos de soberania dos dois países.

O Encontro dividiu-se em reuniões parcelares, por grupos, em que foram debatidos quatro temas básicos: *Grupo A — Papel do Direito e da Justiça no actual processo revolucionário e a oportunidade dos Tribunais Populares; grupo B — O papel do Conselho Nacional de Justiça na formação do Novo Direito e aplicação da lei portuguesa ainda não revogada; Grupo C — Formalismo e Tecnicismo da Justiça; Grupo D — Projecto de Decreto-Lei sobre o Casamento e o Divórcio.*

Segundo nos declarou o embaixador de Cabo Verde em Lisboa, dr. Corsino Fortes (que exercia funções de juiz antes da independência e que moderou o Grupo C durante o Encontro) as duas conclusões gerais mais importantes apontam para a unidade Guiné e Cano Verde, no sentido da qual vai ser proposta legislação diversa agora discutida, e para a necessidade de fomentar a criação de tribunais populares e elevar a representação popular nesses tribunais até ao escalão mais elevado. Considerou-se que os tribunais populares são a única alternativa perante o direito burguês vigente e que devem funcionar como sintonia entre a nova legitimidade e a nova legalidade revolucionária.

TRINDADE

INATEL

Apresenta

HOJE, às 21.30

e amanhã, às 16 horas

Pelo «GRUPO TEATRO HOJE»

com a peça

«OS AMANTES PUERIS»

de Fernand Grommelynck

Os sócios do Inatel, dos Sindicatos, dos C. C. D. e C. P. T., beneficiam de 50 % de desconto em todos os espectáculos.

(Não acons. a men. 13 anos)

Quando vir uma embalagem com este símbolo não a deite fora...

UTIL NAS ESCOLAS MEIC DGEB

Este símbolo significa que esta embalagem é útil para as escolas.
As crianças vão aproveitá-la. Recortam os mapas. Constroem sólidos. Escrevem palavras com letras. Juntam os números. Fazem jogos. Milhares de crianças poderão ter, assim, mais material escolar.
Ofereça as embalagens vazias na escola mais próxima ou na sua Junta de Freguesia.

M E I C - Direcção-Geral do Ensino Básico

HOSPITAL DE SANTA MARIA

Estão abertas inscrições para pessoal de enfermagem no Hospital de Santa Maria.

Para informações dirigir-se ao Secretariado de Enfermagem dc mesmo Hospital.

Trabalho

PORTO

Retalhistas aprovam novas formas de luta

. Malograda a reunião de ontem, para reatamento das negociações entre o sindicato e as associações patronais, os trabalhadores retalhistas do Porto, em greve, decidiram dar nova forma à sua luta, impondo a consagração do regime de semana americana.

Embora no plenário ontem realizado tenha sido decidido formar de novo piquetes de greve, os trabalhadores, temendo a repressão policial, decidiram-se por uma manifestação que esta manhã percorreu várias artérias da cidade.

Saliente-se que o Sindicato foi, ontem, para a mesa das negociações disposto a suspender a greve, a partir das 19 horas, caso o patronato aceitasse começar a negociar a tabela salarial ontem à noite ou durante este fim-de-semana. O patronato não aceitou tal proposta, pretendendo antes a suspensão imediata da greve e o início das negociações apenas na segunda-feira à noite.

A cedência a esta posição patronal foi entendida com uma «derrota dos trabalhadores» e por isso, o plenário decidiu a continuação da greve.

Dirigindo-se ao público consumidor, a comissão de luta emitiu um comunicado no qual refere que a média de vencimentos dos caixeiros do sector retalhista é de 4.700:00. E adianta: os trabalhadores do comércio quando apresentaram ao patronato, em Dezembro de 1975, a proposta salarial, fundamentaram-na com um pormenorizado estudo económico. Os trabalhadores tiveram a preocupação de apresentar uma tabela que harmonizasse as suas necessidades com a capacidade de resposta das empresas economicamente mais débeis.

Também os trabalhadores do comércio retalhista do distrito de Leiria entraram em greve, depois de a entidade patronal se recusar a negociar um novo contrato colectivo de trabalho. Segundo informações do sindicato, 90 por cento dos trabalhadores aderiram à paralisação. Em declarações prestadas à ANOP por um dirigente sindical, «marginais contratados pelo patronato para desmobilizar a greve agrediram, em Leiria, elementos dos piquetes grevistas, que não responderam às agressões e delas deram conhecimento à polícia» . A proposta de negociação dos trabalhadores retalhistas de Leiria inclui nova tabela salarial, um mês de férias, outras regalias sociais e o direito à organização sindical nas empresas.

G.N.R. e P.S.P. intervêm na greve dos madeireiros

. Prossegue, com percentagens idênticas à do primeiro dia de paralisação (anteontem), a greve dos madeireiros. Essa percentagem, inicialmente bastante variável de distrito para distrito, sobretudo no Norte e no Centro do País, tende a uniformizar-se ao nível dos 80 por cento, conforme é possível depreender dos dados que nos foram fornecidos pelos sindicatos.

Os representantes patronais do sector não compareceram à reunião marcada para ontem, à tarde, na delegação do Porto, do Ministério do Trabalho. Anteriormente, o patronato tinha manifestado a sua determinação de não negociar «sob pressão». O encontro com a comissão negociadora sindical ficou adiado para a próxima quarta-feira.

Entretanto, foi precisamente «sob pressão» que os trabalhadores de algumas empresas do Norte do País viveram o dia de ontem. Forças da PSP e da GNR, compareceram a pedido dos patrões, motivando a sua presença consequências várias. Assim, enquanto em certas empresas se estabeleceu diálogo entre os piquetes de greve e os destacamentos paramilitares, acabando estes por retirar, noutras, intimidados, os operários trabalharam. Refira-se o cado da firma J. Pinto Leitão, na qual a entidade patronal tentou manter a laboração com pessoal estranho à fábrica. Neste caso, as forças policiais acabaram por retirar, compreendendo à razão dos operários. O mesmo não aconteceu em firmas onde os trabalhadores recebiam notícias contraditórias sobre o evoluir da greve. O facto de alguns patrões terem isoladamente, manifestado a sua disposição de satisfazer as reivindicações que originaram a paralisação (concessão de trinta dias de férias pagas a cem por cento) provocou alguma divisão. Sabendo os trabalhadores que em certas empresas os seus camaradas tinham reiniciado a laboração, muitos foram tentados a seguir-lhe o exemplo, sobretudo nos locais onde a presença ou da PSP ouda GNR funcionou, pelo menos, como arma de intimidação.

Sabemos que foram desenvolvidos contactos junto do Quartel-General da Região Militar Norte, não havendo porém conhecimento de quaisquer resultados. Os contactos surgiram após notícia de actos de violência em alguns locais: um delegado sindical foi agredido pela mulher do patrão de uma fábrica de modelos, concelho de Paços Ferreira; em Penamaior, o patrão Alfredo Jaime Cardoso Leal ameaçou, de pistola metralhadora em punho, um piquete de greve. São dois casos, entre outros.

Nos distritos do Sul, designadamente no distrito de Lisboa, a greve manteve uma adesão ao nível dos noventa por cento. Nas empresas mais industrializadas e de maior dimensão a paralisação foi total. **É o caso dos Móveis Olaio, SIAF, CIMA, Móveis Sousa Braga, Júlio Gonçalves Batista, etc. O sindicato de Lisboa não tem conhecimento de incidentes graves. «Pela nossa parte, tudo correu bem» — disseram-nos. E acrescentaram: «Fundamentalmente, a actuação dos sindicatos, em tempo da greve, aponta para um objectivo essencial: que não haja trabalhadores contra trabalhadores. Depois destes três dias de greve podemos considerar que os trabalhadores madeireiros se comportaram com uma grande consciência de classe».**

Posição da Intersindical

. A propósito da intervenção das forças militarizadas nos conflitos de trabalho registados no final desta semana, a Intersindical Nacional dirigiu ao Presidente da República, Conselho da Revolução, membros do Governo e Comandos da G.N.R. e P.S.P. o seguinte telegrama:

. Intersindical Nacional repudia perante V. Ex.ª comportamento forças militarizadas P.S.P., G.N.R. conflitos de trabalho.

A intervenção brutal da P.S.P.-Porto sobre os trabalhadores do comércio e a acção repressiva e intimidadora da G.N.R. de Paços de Ferreira obrigando grevistas do sector das madeiras a trabalhar, em contraste com a passividade com que actuam perante as forças reaccionárias e do patronato, são claras violações, dos direitos dos trabalhadores consagrados na Constituição que só servem para lembrar às massas populares o papel altamente repressivo que as mesmas forças desempenharam durante regime fascista.

Exige-se salvaguarda direitos trabalhadores e medidas que impeçam a repetição de tais actos.

A greve dos trabalhadores das telecomunicações dos C.T.T.

. Continuam em greve os 2500 trabalhadores das Telecomunicações dos CTT, apoiados pelo Sindicato Nacional dos Trabalhadores das Telecomunicações (SINTEL), um dos sindicatos que reinvindicam o direito de considerar como sócios aqueles trabalhadores. O outro Sindicato Nacional dos Trabalhadores dos Correios e Telecomunicações, que reivindica o direito de considerar como seus sócios todos os trabalhadores dos CTT.

Enquanto corre nos tribunais um processo judicial para clarificar a situação, que não ajuda sobretudo os trabalhadores, o Sintel apoia a greve e o Sindicato Nacional dos Correios e Telecomunicações já se pronunciou contra esta forma de luta.

Como consequência, paralisaram a sua actividade os 2500 guarda-frios e electrotécnicos sócios do Sintel, que reivindicam aumento salarial, e alguns outros trabalhadores que trabalham no seu âmbito, não sendo no entanto representativo o seu número. Ainda como consequência, há já algumas instalações dos CTT paradas, não se prevendo ainda como irá resolver-se o conflito.

HOTÉIS ESTATIZADOS

Greve total prevista se o ministro não ceder

. Os trabalhadores da hotelaria sob intervenção estatal decidiram, esta semana, em plenários efectuados na quase totalidade dos locais de trabalho, paralisarem totalmente as suas actividades a partir de terça-feira, dia 1, caso até essa data não seja revogada a portaria que limita a aplicação do CTT do sector, apenas aos hotéis não estatizados.

Em votação feita por escrutínio secreto, no Algarve, dos 3200 trabalhadores da hotelaria estatizada, 2288 votos foram favoráveis à entrada em greve, havendo apenas quatro votos contra.

Na semana passada tinha-se registado uma greve parcial neste sector da indústria hoteleira. A grande adesão à greve causou um certo alarme não só entre os sectores governamentais ligados ao turismo. como entre agências de viagens estrangeiras, nomeadamente suecas, que tinham firmado contratos para férias em Portugal. A ameaça de cancelamento desses contratos propiciou as especulações de algumas personalidades, entre as quais ministros socialistas, que quiseram interpretar o movimento como uma manobra partidária para sabotar o incremento do turismo.

A entrada em greve, na próxima terça-feira, pode ser evitada caso o ministro Jorge Campinos dê satisfação à reivindicação dos trabalhadores, ou seja, torne extensiva aos hotéis estatizados a aplicação do CCT que foi aprovado no ano passado. Recordamos que, há poucos dias, o ministro se tinha mostrado esperançado na resolução do conflito.

SOCIALISTAS SUGEREM REVOGAÇÃO

Entretanto, a comissão coordenador para a hotelaria, do Partido Socialista, tomou, ontem, em conferência de Imprensa, posição face a este conflito.

Assim, aquele organismo partidário «considera justa a actual luta dos trabalhadores; defende a revogação da portaria em questão e não concorda com a entrada em greve, que aceita apenas como último recurso».

Alternativas propostas: início de diligências directas junto de Jorge Campinos e Filipe Madeira, subsecretário de Turismo, no sentido da imediata revogação da portaria. Para a hipótese de malogro, previram os hoteleiros socialistas que se continue o trabalho sem cobrança das contas devidas pelos clientes.

Um dos elementos presentes na Conferência considerou irrisórios os aumentos de encargos acarretados pela aplicação do CTT, afirmando que as posições públicas de Campinos e Filipe Madeira «só podem ser fruto das informações erradas que recebem».

Se se concretizar a greve, prevê a «coordenadora», será aproveitada por «forças de direita, enquadradas no PPD (e semelhantes) que tentarão queimar os actuais responsáveis e colocar no seu lugar outros que favoreçam a recuperação capitalista e o regresso dos patrões ao sector estatizado».

ELECTRICISTAS DO NORTE:

A caminho da unidade

Construir um sindicato forte e unido eis o objectivo fundamental da única lista concorrente ás eleições de amanhã, para os corpos gerentes do Sindicato dos Electricistas do Norte.

Os candidatos propõem-se «unir e organizar todos os trabalhadores para a luta contra a exploração, a miséria e o desemprego», defender o controlo operário, a reestruturação da Previdência e lutar «com a participação da classe, por uma verdadeira reestruturação da Intersindical, eliminando qualquer forma possível de sectarismo, instrumentalização partidária ou falta de democracia interna».

A anterior direcção cujo trabalho foi considerado altamente divisionista e lesivo da classe, e dos trabalhadores em geral, foi destituída numa A.G. realizada no dia 5 de Março. A partir de então, os destinos do Sindicato passaram a ser geridos por uma Comissão Directiva.

TRANSITÁRIOS

Impasse nas negociações com 30 navios parados

. A greve dos trabalhadores das agências de navegação, transitárias e de tráfego está na origem da paralisação de cerca de trinta navios nos portos de Lisboa e Leixões.

A decisão dos trabalhadores, que pretendem ver aprovado um único CCT para os três sectores, afecta toda a burocracia relacionada com a entrada e saída de navios, impedidno nomeadamente a passagem dos documentos alfandegários, de sanidade e de polícia. Registaram-se algumas fugas à greve, quase todas da parte de pequenas empresas onde os patrões executam o trabalho.

Entretanto, em conferência de Imprensa efectuada esta manhã no Sindicato dos Trabalhadores da Marinha Mercante, Aeronavegação e Pescas foi feito todo o historial da luta que agora atingiu um ponto crítico, com possibilidade de graves repercussões na economia afecta ao movimento de mercadorias, através dos portos.

Na mesma conferência deram-se algumas informações sobre a situação actual dos contactos entre as duas partes interessadas. Assim, a Comissão Negociadora Sindical foi convocada, ontem, para o Ministério do Trabalho, onde as entidades governamentais tentaram levar a resolução do diferendo a uma Comissão Arbitral.

No entanto, de acordo com informações dos dirigentes sindicais, as associações patronais mantém-se numa posição de irredutibilidade, recusando mesmo a hipótese de arbitragem. Ou seja: ou os Sindicatos aceitam a sua proposta ou não haverá negociações.

PUB

SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA

Avenida Visconde Valmor, 34-1.º — Lisboa 1
Telefones 770274 - 763276 - 770066

CONVOCATÓRIA

MOTORISTAS RAMO RETALHISTA

Convocam-se todos os motoristas do Ramo Retalhista para uma reunião a realizar no dia 3/6/76 (QUINTA-FEIRA), às 21 horas, na sede deste Sindicato sita na Av. Visconde Valmor, 34-2.º em Lisboa, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

Ponto Único

Tratar assuntos sobre o CCT

Lisboa, 26 de Maio de 1976

A DIRECÇÃO

Nacional

O senhor Firma

Dias de Melo

O homenzinho sonhava — e mal sabia que o sonho nunca passa de sonho.

Os dias eram um braseiro de sol, de céu profundamente azul, de águas do mar doentiamente tranquilas, de ar pesadamente imobilizado em ondas densas de mornaça e de fogo.

Caminhando enrodilhado em lençóis de suor que lhe grudavam as vestes ao corpo raso de cansaço, o homenzinho lá ia levado na miragem do sonho: comprar uma casa. Uma casa — não. Hoje, uma casa é um luxo. Não lhe chegam senão os milionários. Um andar. Ou apenas um apartamento. De qualquer maneira, um buraco aonde se abrigasse da noite, dos rigores do frio do Inverno e dos calores dos verões calmosos. Ele e os seus: a mulher e os filhos. E que fosse propriedade que lhes pertencesse.

Assim a sonhar, o homenzinho olhava os prédios acabados de construir, pintados de cores bonitas, os que estavam ainda em acabamentos, os que os operários começavam a erguer. Subia escadas de cimento, nuas como ossadas gigantescas de grandes monstros pré-históricos. Olhava, observava, via. Quintos, sextos, sétimos, oitavos, nonos andares, às vezes mais. Dois, três, quatro compartimentos. Subia e descia. Às vezes, às apalpadelas, mergulhado em escuridões tumulares. E continuava de prédio em prédio, à chama do Sol, cego de tanta luz, no asfalto em brasa de ruas e de estradas.

Doíam-lhe as pernas, doíam-lhe os pés, doía-lhe o corpo todo.

Baralhavam-se-lhe na cabeça as confusões das imagens do que lhe passava por diante dos olhos e dos preços anunciados pelos mestres das obras, encarregados fiéis das firmas construtoras com escritórios em qualquer parte, prenhes de importância e revestidos de mistério.

No meio de tanta baralhada, no espírito do homem entrechocavam-se as realidades objectivas, inflexíveis, cruas, com a fragilidade do sonho vivido dentro dele: aquela compra de um abrigo com os míseros e pouquinhos contos de réis, amealhados em dezenas e dezenas de anos de suores martirizados em economias roubadas à fome da boca e aos trapos das carnes na batalha rija pela sobrevivência do dia a dia, e mais com as ajudas legais concedidas pela Caixa.

Bateu a algumas portas de pequenas firmas. Gente franca, compreensiva, capaz de dar a mão e ajudar um pobre homenzinho. Até que foi dar à grande firma.

Quatro grandes salas num quinto ou sexto andar de um prédio qualquer. Empregados suando as estopinhas inclinados para as secretárias e mesas, a somar números, a matraquear nos teclados das máquinas de escrever, a esboçar desenhos, a planear orçamentos. E um senhor — a Firma. Um senhor todo poderoso, dono único de tudo aquilo, coisas e pessoas, mantendo, com a sua autoridade, incontestada e inflexível, toda aquela máquina em funcionamento perfeito. Um senhor, verdadeiramente o senhor Firma, que (nada de misturas), no seu gabinete privativo, sentado à cabeceira da grande mesa rectangular, recebeu o homenzinho com um condescendente.

— Sente-se, doutor.

Sem lhe estender a mão, sem se levantar da sua cadeia mais alta e mais confortável que as restantes para ali alinhadas.

O homenzinho sentiu-se confundido:

— Perdão... Eu não sou doutor...

O senhor Firma encolheu os ombros:

— Tudo vem a dar na mesma merda. Você quer então comprar um dos nosso andares. — E olhava o homenzinho, com seus olhos oblíquos, por trás das lentes dos óculos pesados, no carão carregadamente moreno.

— Sim... — embaraçava-se o homenzinho —, se as condições...

O senhor Firma atalhou:

— Quantos filhos tem você?

— Continuando a olhar o homenzinho do alto do seu cadeirão, o senhor Firma passava os dedos reluzentes de anéis pela papelada estendida diante de si. — Não é que eu me queira meter na sua vida...

O homenzinho, inseguro:

— Tenho três... Dois rapazes e uma rapariga...

— Já viu os nossos andares?

— Venho agora de lá...

— Não são do melhor para uma família como a sua.

O homenzinho queria adiantar: «Esse não é problema que lhe diga respeito». Só conseguiu titubear:

— A gente há-de remediar-se...

(O sonho... Um buraco... Um tecto...)

O senhor Firma consertou os óculos no tomate do nariz, olhou o homenzinho com seus olhos inquietantemente oblíquos:

— E de que dinheiro dispõe?

No seu gesto e na sua falta (de tonalidades desagradáveis) — um autoritarismo irredutível e embaraçoso. O homenzinho, apoucado, encolhido, esclareceu:

— Tenho tantos contos...

O senhor Firma riu:

— E quer comprar-nos um andar com essa ninharia?! Sabe quanto eles custam? Já lhe digo. — Folheava e consultava os papéis estendidos na mesa: — Tipo A, tanto; tipo B, tanto; tipo C, com tantas assoalhadas, tanto; tipo D, tanto. E é tudo. Como vê...

Mais apoucado, mais encolhido, o homenzinho acrescentou:

— Penso utilizar as facilidades da Caixa... — Ia concluir: «O que tenho, chega e cresce para a entrada inicial». Não lho consentiu o senhor Firma:

— A Caixa! As facilidades da Caixa! Ora deixa-me rir! Ah! Ah! Ah! Ah! Uma embrulhada! Ah! Ah! Ah! Decretos e mais decretos que ninguém sabe entender! Então agora, depois do 25 de Abril!... A gente vende e só seis meses depois, ou mais, é que eles pagam! Se pagarem, que isto entra Governo, sai Governo, e cada cabeça cada sentença! Entretanto, quem é que nos dá o juro do capital empatado? — O seu riso tornava-se mais profundo, mais gutural, mais amarfanhante. — Você já se informou do que tem a fazer, dos passos que tem a andar, para arranjar lá isso da Caixa?

O homenzinho sentia-se como se o estivessem a enterrar pelo chão abaixo — a enterrar vivo —:

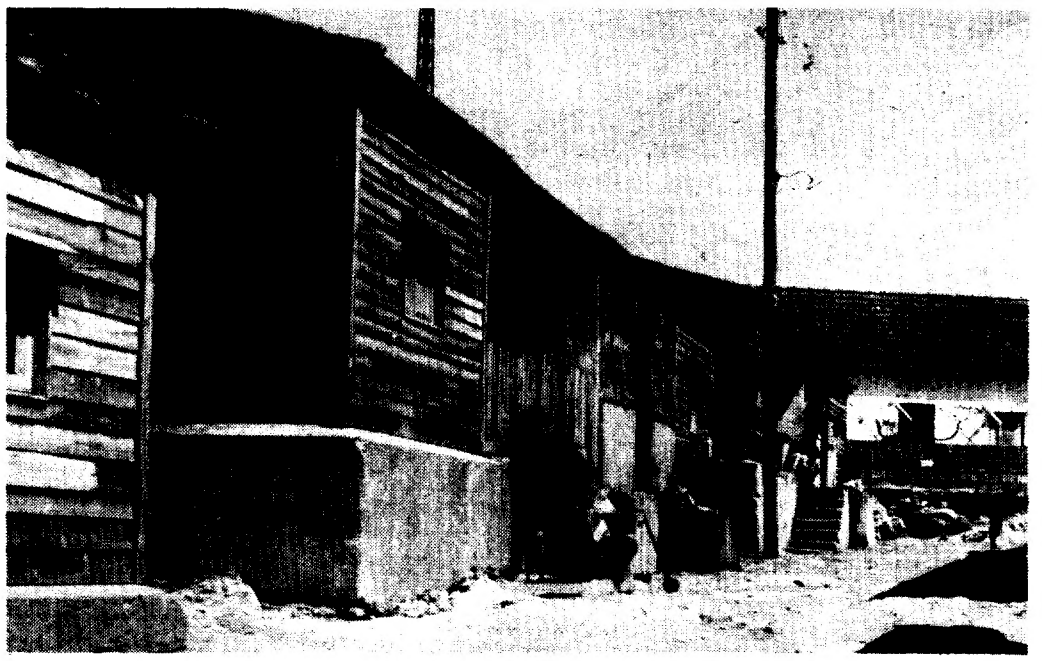
— Não... Mas...

— E eu não tenho tempo para lhe explicar. — Uma afirmação que não admitia réplica. E um riso que era um chocalhar insultuoso de milhões e milhões arrumados em bancos e aplicados em boas propriedades de luxo e rendimento.

O homenzinho queria fixar de frente o senhor Firma. O corpanzil do senhor Firma. O carão carregadamente moreno do senhor Firma. Os olhos oblíquos do senhor Firma. As mãos aneladas do senhor Firma espalmadas sobre os papéis abertos em cima da mesa.

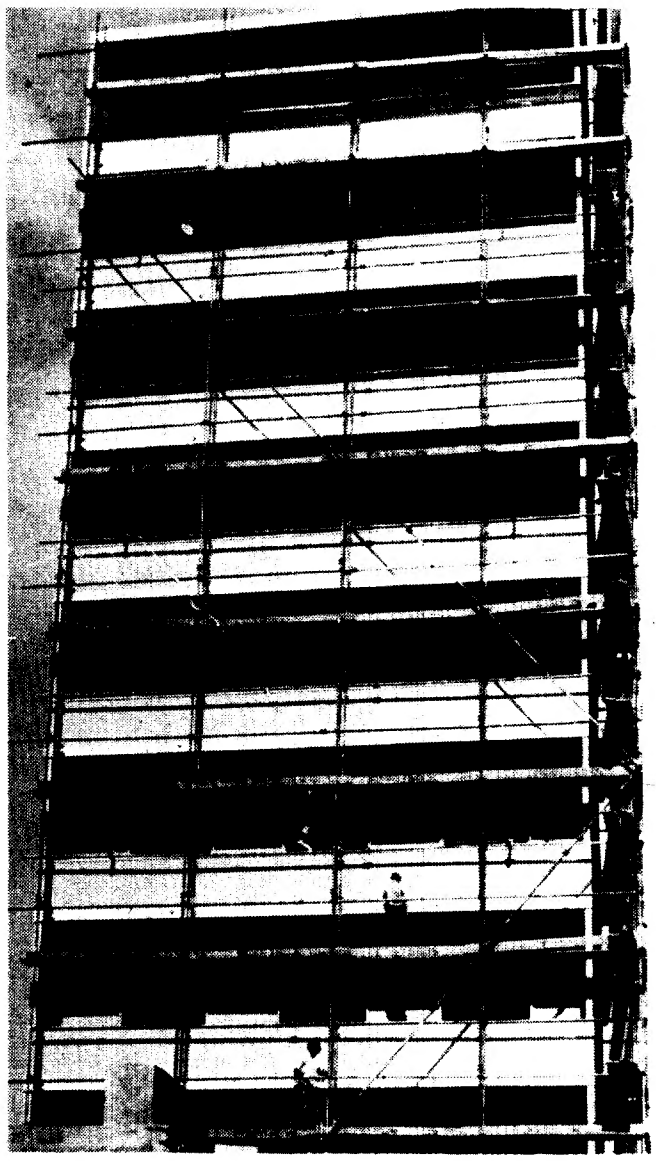
Porém, não conseguiu senão erguer-se, sair da sala, descer a escadaria. Como se fosse um farrapo. Como se fosse um grão de areia esmagado por um cilindro das estradas. Só mais tarde, muito mais tarde, já longe, na rua faiscante daquele Sol, daquele fogo, é que teve forças para pensar, decidido, vertical:

«O que havia de ter dito àquela besta era apenas isto, logo às suas primeiras palavras: os seus andares já me não interessam. Meta-os vossemecê lá onde quiser e lhe der melhor jeito.»



«Uma casa é um luxo. Não lhe chegam senão os milionários»

«O homenzinho lá ia levado na miragem do sonho: comprar uma casa»



«Subia escadas de cimento, mas como ossadas de monstros pré-históricos»

SINDICATO DOS PROFESSORES

da Grande Lisboa

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os trabalhadores das Instituições Particulares de Assistência dependentes do IFAS para um plenário a realizar no dia 31 de Maio pelas 21,30 na Rua das Gaivotas, 6.

ORDEM DE TRABALHOS

— Ponto da situação dos trabalhadores do sector.
— Estatutos e Caderno Reivindicativo.

O Secretariado Geral do Sector

Na FIGUEIRA DA FOZ o DIARIO DE LISBOA vende-se na PAPELARIA PESSOA

Protegidos alguns direitos dos sublocatários

Um decreto-lei dos Ministérios da Justiça e da Habitação, Urbanismo e Construção, publicado no «Diário da República» n.º 125, I Série, garante o direito de preferência relativamente a novo arrendamento para habitação, no caso de caducidade do anterior por morte do respectivo titular, ao subarrendatário e às pessoas a que se refere o Artigo 1109 do Código Civil, desde que coabitem com o titular do arrendamento caducado há mais de cinco anos.

Relativamente as estas últimas, o direito de preferência caberá em primeiro lugar às que viviam com o arrendatário em economia comum e, dentro de cada categoria, às que com ele viviam ou coabitavam há mais tempo. No caso de mais de um interessado invocar o direito de preferência a novo arrendamento, o juiz decidirá o incidente em função das provas produzidas.

De acordo com o preâmbulo do diploma, esta medida visa «garantir o direito à habitação», das referidas pessoas, visto que «situações deste tipo são particularmente agudas para as camadas da população de menores recursos económicos e dão origem a graves tensões sociais, que importa reduzir».

A Madeira vencerá!

Meira Burguete

Assim terminava um artigo que, em grande plano, o «Jornal da Madeira», órgão do episcopado madeirense fazia publicar no seu número de 6 do corrente.

Nitidamente sectário o artigo em referência sobrepunha a importância das eleições regionais na Madeira às do Presidente da República.

Quere-nos parecer que se deixou progredir demasiadamente na Madeira uma linha de pensamento absolutamente contrária à do 25 de Abril, linha essa que de ideológica nada tem.

Terá sim a haver com os interesses económicos de um determinado sector dominante que teme agora, mais do que nunca, perder a sua influência, a sua prerrogativa, em prejuízo das classes que sempre explorou. Isto devido à ratificação do eleitorado português que optou por uma via socialista.

O sector da Madeira, defensor de tais interesses, mais se afligiu ao ver o eleitorado específico do arquipelago, responder de uma forma espectacular, à chamada de atenção para o perigo que representaria o cair numa situação direitista.

movimento clandestino denominado «Esquadrão da Morte», tendo em vista, eliminar a secção regional da Madeira do Partido Socialista.

O artigo do «Jornal da Madeira» a ue nos referimos, além do mais, procura dividir o Povo português, convidando-o a retirar-se de um todo para concentrar as preocupações, o interesse do povo madeirense, para as eleições regionais.

Isto é altamente significativo e mais uma vez nos compete chamar a atenção das instituições governativas para se debruçarem sobre o se passa naquela ilha de encantos naturais e onde, assustadoramente, a classe menos favorecida, observa desconfiada, submissa e tímida, o andamento da sua antagónica, que a domina e procura manipular. E aqui haverá também uma chamada de atenção para o Patriarcado que aparentemente assiste impávido à interferência política do clero na vida madeirense que é o mesmo que dizer, na vida portuguesa.

O poder militar, que acumula com o poder civil, na pessoa do sr. brigadeiro Carlos Azeredo, mandatário como é óbvio, do governo de Lisboa assistindo ao progresso dos movimentos sectários, parece não estar igualmente a interpretar o espírito do mandante. Ao ponto de solicitar a regionalização dos programas radiofónicos, o que significa privar os madeirenses de um noticiário nacional.

E, quando tudo isto acontece, algo está mal. Não será depois do irremediável que se irá tentar remediar.

Ou queremos de facto que um sistema social correspondente à vontade de todos os portugueses se implante em todo o território nacional, ou estaremos a ar portunidades para o regresso ao antes do 25 de Abril.

Contrariando essa oportunidade, como é obrigação de todos os que de facto se interessam pela prosperidade do nosso Povo, estamos certos de que não será a Madeira que vencerá, como dizia o articulista do «Jornal da Madeira», mas, sim a sociedade portuguesa que se libertará dos que os querem continuar a explorar.

O «Jornal da Madeira», que veladamente tem advogado a causa da «independência», depende do episcopado; por seu turno o bispo, D. Francisco de Santana, originou já manifestações populares de protesto pelas suas atitudes

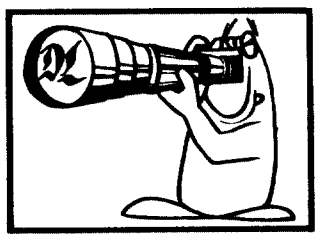
Nas ilhas das flores, perdidas no Atlântico, a beleza da paisagem esconde o drama: a classe explorada, que não se libertou apesar do 25 de Abril

A tal ponto, e isto deve ser salientado, que o eleitorado, em todos os concelhos da Madeira obteve, em relação ao ano passado, uma melhoria considerável que permite aos progressistas, encararem o futuro político com bastante optimismo.

A tal ponto que, no Funchal, aonde o PS tinha perdido o ano passado por cerca de 10 000 votos, anulou a desvantagem e passou para vitorioso com 1000 em relação ao seu principal competidor na Madeira, o Partido Popular Democrático.

A passividade dos socialistas parece que teve o seu limite quando tomou a iniciativa de destruir uma bandeira do movimento separatista FLAMA, içada no Liceu do Funchal.

Nessa altura foi anunciado o aparecimento de mais um



P.S.: "Impõe-se assegurar as liberdades públicas"

Num documento que acaba de tornar público a propósito das eleições no próximo dia 30 de Junho para as Assembleias das Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira, o Partido Socialista exige nomeadamente, que sejam asseguradas naquelas regiões as liberdades públicas.

«O PS, que sempre se mostrou empenhado na defesa da autonomia político-administrativa dos Açores e da Madeira, concorre a estas eleições na certeza de que só uma candidatura que defenda os interesses das classes trabalhadoras e do povo, poderá livrar a autonomia de se transformar num instrumento ao serviço das forças que nela vislumbram um meio de perpetuar privilégios minoritários ou de fazer evoluir os arquipélagos para soluções económicas, sociais e políticas contrárias à vontade democraticamente expressa.

«As listas dos candidatos a deputados que se dão a conhecer agora aos órgãos nacionais de comunicação social foram integralmente elaborados pelas federações distritais insulares do PS e nelas figuram destacados militantes socialistas, alguns dos quais com posições de relevo nos quadros da administração regional e local, além de elementos independentes representantes de diversas categorias socioprofissionais.

«Mas para que as eleições regionais se realizem em ambiente democrático e de estabilidade política é necessário a aplicação de medidas que visem, por um lado, combater as minorias que recorrem à coacção, à violência e à corrupção para impedir o povo de se exprimir livremente, bem como assegurar as mais elementares liberdades públicas.

«Na Madeira, os separatistas tiveram ocasião recente de se exibirem impunemente na cidade do Funchal numa minicaravana, ostentando bandeiras e símbolos separatistas.

«Também neste arquipélago os noticiários nacionais da Radiodifusão Portuguesa não foram transmitidos durante certo tempo por solicitação do sr. brigadeiro Carlos Azeredo, responsável na Junta Regional pelo sector da Comunicação Social.

«Exemplos semelhantes se têm vindo a passar naquele arquipélago, para já não falar do hastear da bandeira dos separatistas na própria residência do governador militar. Não é num clima de insegurança, com graves atentados às liberdades, ou com atitudes dúbias por parte de certas autoridades, que os habitantes dos Açores e da Madeira poderão participar livremente nos próximos actos eleitorais!

«É nesse sentido que damos o nosso inteiro apoio às declarações do general Ramalho Eanes na sua recente deslocação às ilhas, ao afirmar a sua firme intenção de respeitar a autonomia regional e de não tolerar a existência de minorias que pelo seu comportamento ponham em causa a convivência democrática entre cidadãos portugueses».

PUB

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS

CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

AVISO AOS SENHORES CONSUMIDORES DE ÁGUA E ENERGIA ELÉCTRICA

Por imperiosa necessidade de trabalho de remodelação da rede dos Serviços Municipalizados, avisam-se os senhores consumidores de que o fornecimento de energia eléctrica será interrompido no próximo dia 30 (domingo), das 7 às 17 horas, nas seguintes localidades:

FREIXIAL — CHAMBOEIRA — BEMPOSTA — VILA NOVA — AMOREIRA — CANEÇAS — RIBEIRÃO — FAMÕES — PATAMEIRAS — FÁBRICA DAS PELES (ODIVELAS) — BAIRRO FALCÃO — PONTINHA — QUINTA DE SANTA ROSA — BAIRRO S. FRANCISCO — BAIRRO DE ANGOLA.

Este corte afectará o abastecimento de água às povoações em causa.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES, 26/5/76.

O Engenheiro Director - Delegado

Casimiro Martins Neves Cabaço

PUB

SINDICATO DOS PROFESSORES da Grande Lisboa

AOS DELEGADOS SINDICAIS DO SECTOR DO ENSINO PRIMÁRIO

CONVOCATÓRIA

Convocam-se os delegados sindicais do Ensino Primário oficial para uma Assembleia de Delegados a realizar no dia 2 de Junho, pelas 15 horas, na sede do Sindicato, Rua das Gaivotas, 6, Lisboa, com a seguinte ordem de trabalhos:

1 — Informações
a — Reunião Nacional de Executivos
b — Outras
2 — Delegações distritais.

O SECRETARIADO GERAL DO SECTOR

SURDEZ

Recupere a Sua audição com os modernos e garantidos aparelhos auditivos MYKROSON. Um modelo para cada caso de surdez. Consulte-nos sem compromisso.

MICROSOM — Organização especializada em protese auditiva.

LISBOA. Av Almirante Reis, 75-1.º Esq.

PORTO: Praça da Batalha, 3-4 — **FARO**: Rua Ivens, 24-26

Estrangeiro

universal

EM EXIBIÇÃO

Às 15 h, 19 h e 21 h

comissário da luz

um filme da REPÚBLICA POPULAR DA ALBÂNIA

não aconselhável a menores de 13 anos

Em exibição às 17 h e 23 h

josé diogo

torre bela

greve da construção civil

para todos

JOSÉ NUNES & NUNES, L.DA

Certifico que, por escritura de 6 de Fevereiro de 1976, lavrada de fl. 48 a fl. 49, v.°, do livro n.° 60-D para escrituras diversas do 18.° Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da notária licenciada em Direito Maria da Glória Sampaio Filipe de Sousa, Lutero dos Santos e Luís António dos Santos, como únicos sócios que ficaram sendo da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada José Nunes & Nunes, L.da, com sede em Lisboa, na Rua de Braamcamp Freire, 35, substituíram a redacção do artigo 4.° do pacto social da mesma sociedade pelo seguinte:

4.°

A gerência da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, pertencem ao sócio Lutero dos Santos, que desde já fica nomeado gerente, com dispensa de caução, bastando, consequentemente, a sua assinatura para obrigar a sociedade em todos os seus actos e contratos.

É certidão de teor parcial que fiz extrair, a qual vai conforme o original quanto à parte transcrita, e certifico que na parte omitida da referida escritura nada há em contrário ou além do que fiz transcrever.

18.° Cartório Notarial de Lisboa, 20 de Fevereiro de 1976. — O Ajudante, *João Pedro Barradas.* 1-0-1976

PUB

SINDICATO DOS PROFESSORES

da Grande Lisboa

CONVOCATÓRIA

Convocam-se os professores sindicalizados de todos os graus e ramos de ensino para um Plenário Sindical a realizar 3.ª-feira, 1 de Junho, pelas 21 horas na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa, com a seguinte ordem de trabalhos.

O.T.: 1. Discussão e aprovação de um caderno reivindicativo
Colocações. Acumulações e horas extraordinárias
Diuturnidades, aposentados e leis especiais para a função pública
Regulamentação das fases
Gestão democrática
Concurso de efectivos do ensino secundário
Revisão de programas
2. Formas de luta a desenvolver.

Nota 1 — Só serão aceites propostas que dêem entrada na sede do Sindicato, Rua das Gaivotas, 6, até 24 horas antes do início do Plenário. Às 21 horas do dia 31 de Maio, 2.ª-feira, os proponentes encontrar-se-ão na sede para elaborarem propostas-sínteses de todas as entregues até essa data.

Nota 2 — Este Plenário, primitivamente marcado para sábado 29 de Maio, foi adiado para 1 de Junho.

Nota 3 — A entrada no Plenário far-se-á mediante apresentação do cartão e da quota relativa a Fevereiro, Março, Abril ou Maio.

PARTICIPA NA VIDA SINDICAL!
NÃO FALTES AO PLENÁRIO!
REFORÇA O TEU SINDICATO!

A MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Da esquerda para a direita: Gromiko, Samora Machel, Brejnev, Chissano e Boris Ponomariev (secretário do PCUS)

Samora Machel na U.R.S.S.

A convite do Comité Central e do Presidium do Soviete Supremo da URSS esteve na União Soviética, em visita oficial de amizade, de 17 a 22 do corrente, a delegação moçambicana chefiada pelo presidente da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo) e pelo presidente da República Popular de Moçambique, Samora Moisés Machel. Ambas as partes constataram com satisfação que a amizade sovieto-moçambicana, forjada nos anos difíceis da guerra popular de libertação do povo de Moçambique pela sua independência, corresponde aos interesses vitais dos dois países. Foi sublinhada a existência de condições favoráveis para o desenvolvimento de relações entre a URSS e a República Popular de Moçambique. Importante: foi decidido empreender novos esforços para ampliar e aprofundar a cooperação multilateral e o apoio mútuo entre os dois países. Os participantes nas conversações reconheceram conveniente elaborar em conjunto e coordenar os planos anuais no âmbito dos vinculos partidários. Pronunciaram-se também a favor da ampliação das relações entre as organizações sociais de massas da RPA e da URSS. Disse Samora Machel: «A Frelimo, o povo moçambicano, saudam a atitude exemplar e internacionalista da União Soviética a favor da luta de libertação do povo moçambicano. A contribuição material da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e a dos outros países socialistas, constituiu um factor importante para a nossa vitória». E acentuou ainda Machel: **«Queremos edificar entre a República Popular de Moçambique e a** União das Repúblicas Socialistas Soviéticas uma relação exemplar. Relação essa fundada na aliança natural que nos une, aliança entre irmãos de uma mesma classe, aliança ideológica de combatentes da mesma causa. Uma relação fundada ainda nos princípios de igualdade e não ingerência nos assuntos internos. Esta é, enfim, uma relação de ajuda mútua e cooperação, em que cada uma das partes está consciente que o sucesso da outra é o seu próprio progresso e a sua consolidação». Uma última informação: ambas as partes concordaram em realizar consultas regulares a diversos niveis sobre questões bilaterais, bem como sobre os mais importantes problemas internacionais.

PUB

NOTARIADO PORTUGUÊS

SEXTO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

Notário lic: Manuel da Costa e Melo

Certifico para efeitos de publicação que por escritura de 7 de Abril de 1976, exarada de folhas 89, a folhas 91, do livro para escrituras diversas deste Cartório F-35, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

PRIMEIRO: A sociedade adopta a denominação de VARANDA DO RIO, SOCIEDADE DE INDÚSTRIA HOTELEIRA, LIMITADA, sendo a sua sede da Estação Marítima de Alcântara, em Lisboa.

SEGUNDO: A sociedade inicia a sua actividade nesta data, sendo a sua duração por tempo indeterminado.

TERCEIRO: O seu objecto consiste na exploração da indústria hoteleira ou qualquer outra permitida por lei, em que os socios acordem.

QUARTO: O capital social, integralmente realizado, em dinheiro, é de cem contos e corresponde à soma das quotas seguintes: uma de quarenta e dois mil e quinhentos escudos do sócio Francisco da Conceição Antunes; outra de quarenta e dois mil e quinhentos escudos do sócio António Alberto de Sousa Jacob e outra de quinze contos do sócio Diogo António Gonçalves Ferreira.

QUINTO: 1) O capital social poderá ser aumentado uma ou mais vezes, conforme for deliberado em assembleia geral.

2) Os sócios poderão fazer suprimentos à sociedade, quando ela deles necessite, com ou sem juros, nos termos acordados entre eles.

SEXTO: A cessão total ou parcial de quotas é livremente permitida entre os sócios, sendo proibida a favor de estranhos sem o expresso consentimento da sociedade e dos restantes socios.

1) A cessão gratuita de quotas feitas pelos socios e autorizada com a reserva de a sociedade poder amortizar as quotas cedendas pelo seu valor actualizado, caso lhe não interesse o ingresso nela dos respectivos beneficiários.

2) A cessão onerosa de quotas depende de previa comunicação à sociedade e aos restantes sócios, por meio de carta registada com aviso de recepção de onde constem as condições de transacção, devendo a sociedade ou os socios exercer o seu direito de opção no prazo de quinze dias.

SÉTIMO: A divisão de quotas só é permitida sem autorização expressa da sociedade, para efeito de cessões parciais a efectuar entre sócios ou para pôr fim à indivisão entre os herdeiros do sócio falecido.

OITAVO: A amortização de quotas pode ser feita pela sociedade nos casos de falência ou insolvência do sócio titular, de venda ou adjudicação judiciais da quota e ainda no caso de cessão gratuita, nos termos do número um, do artigo sexto.

O valor da quota para efeito de amortização sera determinado atraves de balanço adrede realizado

NONO: A gerência da sociedade e a sua representação em juízo, activa e passivamente, fica a cargo dos socios Francisco da Conceição Antunes e António Alberto de Sousa Jacob, que desde já são nomeados gerentes com dispensa de caução e com a remuneração que for deliberada em assembleia geral.

1: A sociedade fica validamente obrigada com a assinatura de qualquer dos sócios-gerentes.

2: Fica expressamente proibido aos gerentes o uso dos poderes em fianças, abonações, letras de favor e, de um modo geral, em todos os actos e contratos estranhos ao objecto social.

DÉCIMO: As assembleias gerais, fora dos casos em que a lei determinar formalidades especiais para a convocação, serão convocadas pela gerência por meio de cartas registadas dirigidas aos sócios com a antecedência de oito dias.

DÉCIMO PRIMEIRO: A sociedade não se dissolverá em caso de morte ou interdição de qualquer dos sócios, continuando com um representante dos herdeiros da quota indivisa.

É certidão de teor parcial que vai conforme o original.

Lisboa, doze de Abril de mil novecentos setenta e seis.

O 3.° Ajudante:
Maria Felecíssima Meneses

20 1956-1976 anos da GRAVURA

- *17 MAIO A 12 JUNHO*

EXPOSIÇÃO COMEMORATIVA DO XX ANIVERSÁRIO DA «GRAVURA»
EXPOSIÇÃO DE GRAVURA ANTIGA
EXPOSIÇÃO DE GRAVURA ESTRANGEIRA
na Fundação Gulbenkian

Avenida de Berna, 45 — Lisboa — Telef. 76 91 31
Aberta de 2.ª a 6.ª feira das 10.30 às 12.30 e das 14.30 às 18 horas
Sábados e Domingos encerra às 19 horas

- *20 MAIO A 12 JUNHO*

EXPOSIÇÃO DE GRAVURA DE D. FERNANDO II
EXPOSIÇÃO ESCOLAR
na Escola de Belas-Artes

Largo da Biblioteca Pública — ao Chiado Lisboa — Telef. 36 81 24
Aberta diariamente das 8 às 20 horas aos Sábados das 8 às 12 horas e encerra aos Domingos

- *24 MAIO A 12 JUNHO*

EXPOSIÇÃO DE GRAVURA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA
na Sociedade Nacional de Belas-Artes

Rua Barata Salgueiro — Lisboa — Telef. 4 12 93
Aberto diariamente das 14 às 20 horas

- *27 MAIO A 16 JUNHO*

GRAVURA CONTEMPORÂNEA PORTUGUESA
(do património da S.E.C.)
no Palácio Foz

Praça dos Restauradores
Aberto de 2.ª a 6.ª feira das [illegible] às 20 horas

Em ALHOS VEDROS o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA MODERNA

Estrangeiro

PREÇOS DO PETRÓLEO CONGELADOS PELA O.P.E.P. (até ao fim do ano)

BALI (Indonésia), 29 (R.) — o ministro do Petróleo da Arábia Saudita, xeque Zaki Yamani, afirmou hoje que os preços mundiais do petróleo se manteriam até ao fim do ano. Yamani fez esta delcaração, no final de uma reunião de ministros da OPEP, que não conseguiram chegar a acordo sobre novos preços do petróleo, o que levou ao congelamento dos actuais até Dezembro.

«Ninguém pode aumentar os preços sem a Arábia Saudita» — delcarou, a propósito do fracasso das converssções o ministro saudita, que considerou ter-se a reunião saldado por uma vitória do seu país.

Yamani indicou ainda que haveria pequenas reduções nos preços de algumas ramas do Médio Oirente. Desmentiu que o fracasso da reunião ameaçasse a OPEP, as reconheceu que alguns países membros poderão ficar zangados com o que aconteceu.

Até ao fim do ano, os ministros do OPEP não voltarão a rever a questão do preço do petróleo, congelado desde o último aumento de 10 por cento em Outubro do ano passado. Quatro Estados do Golfo Pérsico irão reduzir os preços das suas ramas, «talvez em 20, 10 ou 5 cêntimos por barril» (segundo Yamani). O ministro saudita revelou que o seu país fore apoiado por mais três na oposição a um aumento de preços, e afastou a hipótese de nova reunião antes do fim do ano, apesar de «certas pessoas falarem disso».

Por seu lado, o ministro do Petróleo dos Emiratos Árabes Unidos, Mana A-Oteiba, declarou-se satisfeito com os resultados desta reunião, declarando que o não aumento dos preços dará aos países industrializados nova oportunidade de controlarem os preços dos seus produtos e de combaterem a inflação que exportam. Segundo disse, as condições económicas internacionais não justificam um aumento de preço.

Os países exportadores de petróleo participarão no recomeço do diálogo Norte-Sul entre nações ricas e pobres, no próximo mês, «com a esperança de que possamos chegar a uma solução dos problemas mundiais», notou.

O ministro sugeriu o Cairo como possível novo local da sede da OPEP, se as comunicações poderem ser melhoradas.

Al-Oteiba recusou-se a fazer conjecturas sobre a hipótese de aumento do preço das ramas, a partir do princípio do próximo ano.

Por seu turno, o ministro do petróleo da Argélia, Belaid Abdessalem, disse esperar um aumento de preço a partir do começo de 1976.

«Um certo ajustamento será, então, necessário», observou.

Mostrou-se também satisfeito com o resultado da conferência, que esteve de acordo com a posição da Argélia, desde a última subida dos custos, em Outubro.

Prolongada a conferência da U.N.C.T.A.D. em Nairobi

NAIROBI, 29 (R) — Nações industriais e em vias de desenvolvimento acham-se em desacordo sobre questões de primordial importância na Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD) e, devido a isso, foi decidido prorrogar a sessão por mais um dia, segundo ontem revelaram fontes bem informadas.

A conferência de 23 dias deveria terminar ontem. Contudo, fontes dentro do secretariado da UNCTAD disseram que o presidente da conferência, Eliud Mwamunga, do Quénia, propusera aos delegados numa sessão privada, anteontem, à noite, que as conversações deveriam continuar.

A conferência chegou a um impasse sobre questões de auxílio a países pobres e formas de os proteger das mudanças acentuadas de preços dos produtos.

As Nações pobres rejeitaram indignadamente anteontem à noite, propostas apresentadas à última hora por países industrializados.

COOPERAÇÃO ANGLO-IRLANDESA NA QUESTÃO DO ULSTER

DUBLIN, 29 — (ANOP) — A Grã-Bretanha e a Irlanda concordaram ontem em estabelecer uma cooperação com vista a encontrar uma solução política para a crise do Ulster, a curto prazo, segundo se soube nesta cidade. Ambos os governos manifestaram que não existem possibilidades de que, nas actuais condições, a solução possa ser encontrada pelos partidos políticos da província.

Esta disposição dos dois países para colaborarem activamente na solução do problema da Irlanda do Norte, foi anunciada depois de três horas de conversações entre o ministro britânico para o Ulster, Merlyn Rees, e os ministros irlandeses dos Assuntos Exteriores, Garret Fitzgerald, e da Justiça, Patrick Cooney.

As duas partes assinalaram o seu temor pelas consequências que pode acarretar a ameaça protestante de utilizar as suas próprias patrulhas armadas de vigilantes contra os ataques do IRA no Ulster e a sua determinação de aplicar a lei contra estes grupos, com todo o rigor.

Além disso, foi acordado um tratado conjunto anglo-irlandês sobre a utilização da Lei de Jurisdição Criminal que o Governo irlandês porá em vigor na próxima terça-feira para facilitar a extradição e incrementar a luta contra o terrorismo em ambos os países.

Rees efectuará hoje a última série de conversações com os representantes do Governo do Eire, após o que regressará a Londres.

Partidos sociais-democratas vão unir-se em Espanha

MADRID, 29 (ANOP) — Com o anúncio por parte dos sociais-democratas de se unirem, parece confirmar-se a tendência unitária por parte dos diversos grupos de cada sector que compõem a oposição espanhola.

De acordo com informações divulgadas ontem pela Imprensa, todos os grupos e tendências que figuram no panorama social democrata, com excepção do Partido Socialista Democrático Espanhol, cujo secretário-geral é António Garcia Lopez, que nem foi convidado a participar nas conversacões, mostraram-se favoráveis e decididos a constituir um único e grande partido sob o nome de Partido Social-Democrata Unificado.

Seria integrado pelas seguintes organizações políticas que antes se dissolveriam: Esquerda Social-Democrata Espanhola, Partido Social-Democrata e Sociedade Anónima Prolesa, assim como algumas personalidades independentes.

Fica pendente ainda a União Social-Democrata Espanhola, cuja fusão deverá ser aprovada no Congresso que se celebrará no dia 13 de Junho.

Este movimento coincide com a declaração, no princípio desta semana, por parte dos grupos socialistas, da fusão da Federação dos Partidos Socialistas e da Confederação dos Partidos Socialistas assim como dos dois ramos do Partido Socialista Operário Espanhol em previsão de unificação a curto prazo.

Por sua vez, o Partido Socialista Popular realizará o seu Congresso na primeira semana de Junho quando decidirá, ao que se supõe, a estratégia a seguir no actual contexto político espanhol.

Na Catalunha, embora com signos um pouco diferentes, dada a polémica estabelecida entre os sociais-democratas da região e os socialistas que pretendiam formar um grande partido socialista regional quando aqueles se apropriaram indevidamente do nome do Partido Socialista da Catalunha, também se verifica a tendência cada dia mais manifesta de unidade de grupos e tendências políticas.

Com tudo isto coincidem por outro lado, as notícias divulgadas nos últimos dias quanto à possível criação, a curto prazo, do Partido Popular Democrático, que integraria grupos como a Esquerda Democrática Cristã (grupo dissidente há dois meses da Esquerda Democrática) liderado por Fernando Alvarez de Miranda, que recentemente manteve conversações com elementos do PPD português, Acção Social Popular, Afirmação Social Espanhola, Discussão e Convivência e o Grupo Tácito.

Comenta-se também que, poderia incluir Pio Cabanillas com os elementos que este atraísse do Grupo Fedisa, em que participa Fraga Iribarne.

De acordo com informações divulgadas pelas Imprensa de Barcelona, o ex-ministro Pio Cabanillas, que até agora tem mantido um discreto silêncio político, e o cardeal Henrique Tarancon, arcebispo de Madrid, poderiam ser seus principais e grandes inspiradores.

O PPD pretenderia apresentar uma alternativa reformista autêntica, decidida e coerente, pois considera que a do Governo é tímida.

O grupo teria à direita os liberais e à esquerda os sociais-democratas.

Caleidoscópio

■ **WASHINGTON, 29 (R) — O presidente Gerald Ford e o dirigente do Partido Comunista soviético, Leonid Brejnev, assinaram ontem um tratado limitando a intensidade das explosões nucleares para fins pacíficos.**

As assinaturas tiveram lugar em cerimónias simultâneas na Casa Branca e no Kremlin.

O tratado é adicional um outro assinado há dois anos, que limitou a amplitude das experiências com armas nucleares. O novo pacto dá pela primeira vez a cada uma das partes o direito a inspeccionar localmente algumas das experiências subterrâneas da outra parte.

■ **LONDRES, 29 (R) — Depois de uma movimentada noite no Parlamento, em que os deputados se esmurraram e um chegou a agitar ameaçadoramente uma maça protocolar de 300 anos, o governo trabalhista enfrentava ontem a perspectiva de se ver impossibilitado de continuar o seu programa legislativo. Se tal acontecer, o governo terá de anunciar eleições gerais.**

■ **CIDADE DO MÉXICO, 29 (R) — Um porta-voz do embaixador belga André Chaval anunciou a noite passada que os raptores da filha de 16 anos do diplomata, Nadine, haviam concordado em a libertar durante o dia de hoje.**

■ **NAÇÕES UNIDAS (Nova Iorque), 29 (R) — O Conselho de Segurança aprovou ontem, à noite, uma prorrogação por seis meses do mandato da força-tampão da ONU nos montes Golan e exprimiu preocupação por causa da tensão na área.**

■ **BONN, 29 (ANOP) — O ministro alemão federal dos Negócios Estrangeiros, Hans Dietrich Genscher, criticou a proposta do secretário-geral do Partido Socialista Francês, François Mitterrand, de criar uma comissão para a defesa dos direitos cívicos e profissionais na Alemanha Federal.**

Brancos deixam a Rodésia ao intensificar-se a luta

SALISBÚRIA, 29 (R.) — Subiu abruptamente o número de brancos que deixam a Rodésia, com a intensificação da guerrilha e com o alargamento da mobilização de civis para o serviço militar.

Os observadores consideram que a nova tendência ter-se-ia tornado evidente mais cedo se não fora o influxo dos brancos vindos dos novos Estados independentes de Moçambique e Angola.

NOVO MOVIMENTO DE GUERRILHA

LUSAKA, 29 (R.) — O dirigente negro rodesiano bispo Abel Muzorewa admitiu ontem, à noite, que existiam novas divisões entre as fileiras dos nacionalistas africanos por causa da formação de uma força de guerrilheiros em Moçambique para operar na Rodésia.

Muzorewa disse que o novo movimento de guerrilheiros estava a causar uma confusão indescritível e o agravamento da deterioração das relações entre a chefia do Conselho Nacional Africano (CNA) e os quatro presidentes africanos que se encontram regularmente para discutir a estratégia para pôr termo a governos brancos na África Austral.

O bispo, que chefia a ala do CNA dividido com sede em Lusaka, confirmou numa entrevista que o movimento protestara acerca de «interferência intolerável» nos seus assuntos por parte de alguns chefes de Estado africanos e por causa de tortura e morte dos seus guerrilheiros,

Antes, fontes diplomáticas africanas de Lusaka divulgaram o texto do protesto, na forma de um memorando, entregue no princípio de Maio ao presidente Julius Nyerere, da Tanzânia, na sua qualidade de presidente do grupo conhecido como dos chefes de Estado da «linha da frente». Os outros elementos desse grupo são os presidentes Samora Machel, de Moçambique, Kenneth Kaunda, da Zâmbia, e «sir» Seretse Khama, do Botswana.

Greve impede a saída de dois jornais em Paris

PARIS, 29 (R) Uma greve dos tipógrafos impediu hoje a publicação dos dois jornais de maior circulação na capital francesa, após o patronato se retirar de negociações sobre planos de modernização.

As administrações do «France-Soir», um vespertino, e de «Le Fígaro», o matutino direitista, abandonarem o Syndicat de la Presse Parisienne, após conversações que duraram todo o dia de ontem. Afirmaram estar descontentes com a atitude do Sindicato dos Tipógrafos em relação a conversações sobre planos de modernização e despedimento.

O Sundicat du Livre, o organização Sindical dos Tipógrafos, da esquerda, respondeu com uma greve que impediu a publicação de «Le Fígaro» e do «France-Soir» e interrompeu a tiragem do jornal desportivo «L'Equipe», impresso nas oficinas do «France-Soir».

Os sete restantes membros da Associação dos Proprietários de Jornais emitiram um comunicado, no qual diziam que continuariam a negociar e em que descreviam as demissões do «France-Soir» e de «Le Fígaro» como provisórias.

PENTA

Um maravilhoso programa de 15 dias, incluindo uma semana em circuito pelo país e uma semana numa das mais famosas praias do litoral perto de VARNA.

PARTIDAS A
27 DE JULHO E 24 DE AGOSTO
informe-se na

agência de viagens da companhia nacional de navegação

Rua do Comércio, 85 - Lisboa - Telefs. 323021 - 366315 - 365215
Delegação em Setúbal: Av. Luísa Todi, 158 - Telefs. 26087/8
Agente no Porto: Nortemar - Agência Marítima do Norte, Lda.
Rua Infante D. Henrique, 63 - Telef. 22438

Em ALCÁCER DO SAL o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no CAFÉ SADO

Espectáculos

DANIEL VIGLIETTI

A voz "subversiva" da resistência latino-americana

«Cai-se muitas vezes no erro de pensar que a América Latina é só o Chile...»

«Finalmente en Portugal!» foram as primeiras palavras pronunciadas por Daniel Viglietti, celebrado cantor e antifascista uruguaio, à sua chegada ao aeroporto de Lisboa. A sua presença em Portugal, onde veio actuar — ontem na Cova da Piedade e hoje na Aula Magna da Universidade de Lisboa — ultrapassa o simples facto de um cantor estrangeiro se deslocar ao nosso País. Na realidade, Daniel Viglietti, tal como Isabel Parra, Angel Parra, Los Olimarenos, Soledad Bravo, Quilapayun e tantos outros, transporta nas suas bagagens e através do mundo inteiro algo que o transcende: a voz de uma América Latina torturada e reprimida pelo imperialismo ianque e pelos governos locais, meros e fiéis executores dos interesses desse mesmo imperialismo.

Efectivamente, Daniel Viglietti consegue, através das suas canções, narrar-nos de maneira patente a vida desse continente longínquo e, isso, sem fraseologias «panfletárias», sem palavras de ordem, ocas, sem gesticulações, sem gritos. O grito quando existente, é suave e reflecte profundamente, como um espelho, essa resistência multiforme — mas sempre firme e digna — de todo um continente a braços com o genocídio cultural, político e económico que sobre si se abate.

Apesar do exílio, ao qual é forçado desde 1973, em terras de França, Viglietti tem os olhos virados para o seu país (Uruguai) esperando com impaciência a suprema sensação de reencontrar num amanhã breve a terra que nunca esqueceu, o país que nunca deixou de ser «o seu país».

É esperando esse dia que Daniel vai dando à sua obra e à sua vida um objectivo simples e claro, ou seja: tentar através das suas canções mostrar a realidade crua de uma América Latina em busca da sua própria entidade.

Viglietti não é homem de palavras, é homem de canto. No entanto, o canto pode ser uma arma perigosa para os regimes opressores quando posta ao serviço de um povo explorado e ligotado. É nesse sentido que se explica a atitude do Governo uruguaio quando em Janeiro de 1969 proíbe a difusão de uma das canções de Viglietti («A Desalambrar»), cujo tema era uma clara denúncia dos grandes latifúndios e, ao mesmo tempo, uma proposta concreta de reforma agrária:

Yo pregunto a los presentes
se no se han puesto a pensar
que esta tierra es de nosotros,
y no del que tenga más.
Yo pregunto se en la tierra
nunca habrá pensado usted,
que si las manos son nuestras
es nuestro lo que nos dé.
A desalambrar, a desalambrar
que la tierra es nuestra,
es tuya y de aquel,
de Pedro y María,
de Juan y José.

Proibido na Rádio e na Televisão, Viglietti não desarma e continua a levar aos «pueblos» mais longínquos do seu país as suas canções e a sua arte de denunciar a tragédia do povo uruguaio cada dia mais submetido à bota implacável do regime militar então vigente.

Em Maio de 1972, o regime encarcera Viglietti pelas suas canções «subversivas», facto que provoca de imediato uma reacção de protesto, a nível do país, e também a nível internacional.

As paredes de Montevideo são ainda hoje testemunho desse brado lancinante de revolta lançado na altura por milhares de bocas: «Liberar a Viglietti!». Esta palavra de ordem simples e directa conseguiu romper as paredes do Uruguai e assim provocar um enorme movimento de solidariedade a nível do estrangeiro, o que levou os militares a devolverem Viglietti à liberdade.

Pressionado, perseguido, Daniel vê-se obrigado ao exílio, não um exílio dourado, mas sim um constante de luta, cantando aqui, cantando ali (na maior parte das vezes gratuitamente) com um objectivo constante: esclarecer os mais variados públicos sobre a triste realidade latino-americana.

«AS MAGRAS ALEGRIAS»

Hoje, em Portugal, Viglietti vem assumir esse papel de denuncia constante de uma situação, de um genocídio. E se Portugal se encontra na rota do cantor não é por mero acaso: «A derrota do fascismo em Portugal, o fim de uma ditadura que assassinou e torturou durante anos e anos o Povo português, é, para nós, latino-americanos, um símbolo de esperança face aos nossos próprios combates para obter a liberdade da qual nos encontramos privados. É por essa mesma razão que, após o 25 de Abril, sempre desejei vir a Portugal para afirmar a sincera solidariedade dos povos da América Latina para com a luta que o Povo português ainda hoje trava para evitar o regresso do fascismo» afirmou-nos Daniel Viglietti após nos ter salientado o seu contentamento em rever camaradas de exílio como Luís Cília e outros que, durante alguns anos, compartilharam as mesmas angústias, e as «magras alegrias» em virtude de — segundo o cantor — não existir verdadeira alegria longe do nosso país...»

No que se refere mais concretamente ao Uruguai e à América Latina em geral. Daniel Viglietti afirmar-nos-ia: «A situação da América Latina atravessa momentos extremamente difíceis na medida em que nela existem ditaduras ferozes. Chegou o momento de denunciar os regimes sanguinários implantados no Chile, Argentina, Brasil, Bolívia, Paraguai, Uruguai e outros países. Não podemos esperar que se chegue a um milhão de mortos para afirmar que esses regimes são governados por criminosos de guerra. Esses homens não são só criminosos de guerra, mas também criam um terrorismo à escala internacional, que é necessário denunciar, que é necessário impedir.

«No meu país existem 7000 prisioneiros políticos o que é algo de significativo para um país com 2 milhões e 700 mil habitantes.

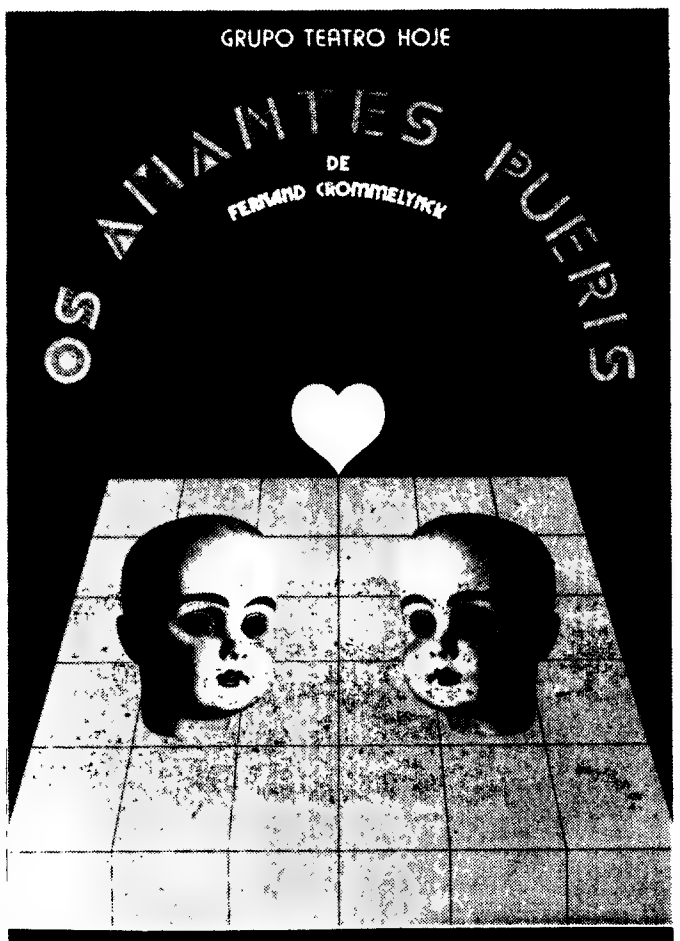
A tortura tornou-se numa instituição, havendo a assinalar vários casos de morte em consequência das sevícias praticadas. A medida que o regime se sente mais isolado, mais a repressão se acentua. Na Europa tem-se denunciado esta situação mas de maneira superficial, na medida em que se cai muitas vezes no erro de pensar que a América Latina é só o Chile. Ora parece-me que a trágica situação do povo chileno não pode levar a ignorar tudo aquilo que se passa desde 1972 no Uruguai.

Ela não pode levar tão-pouco a esquecer aquilo que se está a passar actualmente no Paraguai, na Bolívia e na Argentina. Neste último país, o assassinato e a tortura são, neste momento, uma realidade quotidiana».

«É neste sentido — prosseguiu Daniel Viglietti — que pedimos ao Povo português, às suas forças progressistas e aos seus órgãos de comunicação social que denunciem esses criminosos fascistas que ontem esmagaram Portugal, hoje esmagam o meu país, o Chile, a Argentina, etc.».

«No que me diz respeito, continuarei o trabalho que me compete com a ferramenta habitual — a canção — esperando que um dia virá em que, num Uruguai livre, eu possa receber amigos como Luís Cília, Zeca Afonso e... tantos outros...».

MANUEL ANTA



ESTREIA AMANHÃ PELAS 21.30

NO TEATRO DA TRINDADE

Alda Rodrigues Carlos Fernando
Carlos Roncon Carmen Gonzalez Elisa Lisboa
Fernanda Barreto Maria Otília Mario Viegas
Teresa Madruga

Encenação: Gastão Cruz, cenário e figurinos: Jose Rodrigues

Tradução: Luiza Neto Jorge

14 unicos espectaculos diariamente as 21.30
Domingos se matinee as 16.00
Folga às 2.as-feiras

N: Aconselhavel a menores de 13 anos.

«THÉÂTRE DE L'ESPRIT FRAPPEUR»

CASA DA COMÉDIA — Rua Francisco Borja, 24
(Às Janelas Verdes) — Lisboa — Telef.: 607299

Dias, 2, 3 e 4 de Junho
às 21.30 horas

«RAPPORT SUR L'ATLANTIDE»
de Rui Mesquita

Espectáculo de Teatro patrocinado pela Embaixada da Belgica em Portugal, e pela Secretaria de Estado da Cultura.

TEATRO ABERTO
Pr. de ESPANHA metro PALHAVÃ Telef. 77 79 69
grupo 4 apresenta
TODAS AS NOITES ÀS 21 e 15
Sáb. e Dom. também às 15 e 30 (Pr. reduzidos)
Descanso às 2.as Feiras
UM NOTÁVEL ESPECTÁCULO

TEATRO DA COMUNA
Telefone 76 26 24
PRAÇA DE ESPANHA (METRO PALHAVÃ)

QUATRO SOLDADOS E UM ACORDEÃO
de Richard Demarcy e Teresa Mota

Todas as noites às 21.30
Domingos, 18 horas
2.ª-feira, descanso da companhia

Televisão

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

REVOLUÇÃO DOS PEQUENOS BURGUESES: É ATAR E PÔR AO FUMEIRO

. O sacrifício de Camilo não foi inútil. Nenhum sacrifício é inútil. Mas é um facto que ele poderia ter feito muito mais pela Revolução continuando a utilizar o seu dom de chefe popular para agitar as consciências das massas colombianas até levá-las à guerra popular, e não partindo, como o fez, pensando que a sua presença nas montanhas colombianas e a sua mensagem bastariam para provocar um levantamento das massas.

«A sua morte contribuiu para criar uma grande frustração e também a grande dispersão dos grupos que hoje conhecemos. Actualmente, há com efeito uma quantidade de grupos e grupelhos cada qual mais inimigo dos outros revolucionários do que do próprio imperialismo.

«E o problema é este: na Colômbia, por motivo da ausência de uma classe operária bastante importante, bastante forte e dotada de bem desenvolvida consciência de classe, os movimentos revolucionários são dirigidos pela pequena burguesia que, evidentemente, é mais lúcida e tem mais possibilidades de cultura.

«Mas a pequena burguesia é muito impaciente. A pequena burguesia entra na Revolução não por convicção mas por rancor. Ora não se é revolucionário por rancor, mas porque a Revolução é uma ciência. É mesmo uma ciência tão complexa que se torna necessário estudá-la. Estudar a ciência da Revolução é uma das matérias mais importantes da cultura moderna.

«E por isto que nos grupos pseudo-revolucionários da Colômbia e da América Latina se verifica um tão completo desprezo pelo marxismo, como teoria e como doutrina. Porque os pequeno-burgueses não gostam de estudar. Têm pressa. São gente do imediato. E precisamente porque a Revolução é uma questão de perseverança e não de homens ou de grupos, são precisas por vezes muitas gerações para chegar à Revolução.

«A pequena burguesia não suporta a ideia de que a Revolução não se realize de um dia para o outro ou, pelo menos, numa questão de semanas ou de meses. Então, uns, os mais honestos, refugiam-se no ceptimismo e na passividade, enquanto outros fazem a **sua** Revolução pessoal integrando-se no sistema, isto é, mudando de classe. A **política** e a **Revolução** servem de trampolim para atingir os lugares na burocracia.»

. **(Diego Montana Cuelar — Programa sobre Camilo Torres).**

O FADO DELE

A oliveira era velha
e no seu tronco bisonho
foi onde contei um dia
como nascera o meu sonho.

Eu era vida futura
ela, a vida que passou.
Mas os meus sonhos morreram
e a oliveira ficou.

(Letra de um fado cantado em Cingeverga por Frei Hermano da Câmara).

A MISÉRIA DA «CRÍTICA» OU A PARANÓIA DA BRECHA

«Pareceu-me uma obra extremamente desencantada, face uma sociedade, se não em decadência, pelo menos arrependida de um certo percurso, de um certo itinerário e sem apontar para brechas mais largas.

«Dá-me a sensação de que há todo um problema edipiano que envolve uma geração de realizadores russos, talvez a nova geração de realizadores russos. Parece um filme extremamente falhado. Penso que o Homem não é um ser isolado nem a formação do Homem se trata de um acto isolado. Há todo um momento continuo que provoca essa formação e parece que o filme, se não escamoteia, pelo menos não aponta para essa continuidade que está implícita na formação do Homem.»

(Camacho Costa, em CINEMA 76 a propósito do filme «Solaris»).

SIM AO DIÁLOGO NÃO AO PATERNALISMO

«Acontece que o primeiro director do Parque faleceu há poucos meses e houve um movimento grande entre os trabalhadores para lhe prestarmos uma homenagem que aliás lhe deveria ter sido feita não agora, depois de ele ter falecido, mas muito antes, quando ele foi atacado por todos os lados, demagogicamente, aproveitando uma conjuntura da maneira mais desfavorável em relação ao progresso do nosso País.

«Quanto às perspectivas do Parque não são famosas, porque temos estado sempre muito desligados entre o que o Parque é no conceito internacional numa zona onde a Natureza é preservada mas estamos realmente desligados com o que acontece com as populações que lá estão inseridas. O que é certo é que nós ainda não conseguimos que essas populações vissem no Parque uma entidade que as pode favorecer e melhorar as suas condições, mas somente uma entidade que lhes cria problemas de diversa ordem, até imaginados, mas que se sobrepõem por vezes à sua vontade.

«Estou esperançado que, com a nova lei dos baldios e com o poder que é dado às populações e com um esclarecimento mútuo havemos de chegar a uma plataforma em que eles entendam, e nós também, qual o rumo que devemos seguir.

«Numa perspectiva do Parque vista de fora para dentro, estamos a tentar fazer publicações que alertem as pessoas para que elas não percorram apenas quilómetros de caminhos e comecem a apreciar a Natureza na sua totalidade.

«Mas para mim, isso não é o fundamental nesta hora. O fundamental é o progresso das populações que nele estão inseridas. E isso é que tem de ser visto com muito cuidado.

«Nós não temos ainda a verdade na mão. A verdade estamos nós a colhê-la progressivamente nas conversas, nos diálogos que temos com as populações. E desse diálogo é que hão-de seguir as grandes linhas mestras de actuação.»

(Eng. José Moreira da Silva, director do Parque da Peneda — Gerês).

"O Grande cidadão" em passeio por Sintra

O Grupo de Teatro de Campolide, prosseguindo a sua digressão pelo País, desloca-se hoje e amanhã a Algés e Queluz, onde apresentará a peça «O Grande Cidadão», de Virgílio Martinho, com encenação de Joaquim Benite.

Os espectáculos serão apresentados, às 21 e 30, na Liga de Recreio e Melhoramentos de Algés e no Clube Atlético de Queluz, o primeiro por iniciativa daquela colectividade, e o segundo numa organização conjunta do clube referido, da Junta de Freguesia de Queluz e da Câmara Municipal de Sintra.

Este último espectáculo será o primeiro de uma série que o Grupo de Campolide efectuará no concelho de Sintra, em colaboração com a Comissão Administrativa da Câmara Municipal daquela vila e com as Juntas de Freguesia, Comissões de Moradores e Trabalhadores, colectividades e corporações de bombeiros dos locais onde as sessões terão lugar.

Assim, além de Queluz, «O Grande Cidadão» estará no mês de Junho em Belas, Rio de Mouro, Sintra, Mem Martins, S. João das Lampas, Agualva-Cacém e Montelavar nos dias 6, 11, 12, 16, 17, 19 e 20, respectivamente, e em Albogas e no Sabugo nos dias 3 e 4 de Julho.

ADÓQUE teatro
NO MARTIM MONIZ - TEL. 87 42 80
SÓ ATÉ DOMINGO
HOJE ÀS 20,30 - 22.45 h
TARAN-TAN-TAN NÃO ENCHE BARRIGA
M/18

Dia 1 de Junho em Beja, no Teatro Pax Júlia
2 Sessões
Sábado, às 16 h. — Teatro Infantil
«INDIOZINHO RAIO DE LUAR» E «PEDRO E O LOBO»
Domingo: Última representação
Matinée às 16 h. — 2 Sessões 20.30 e 22.30

Hoje

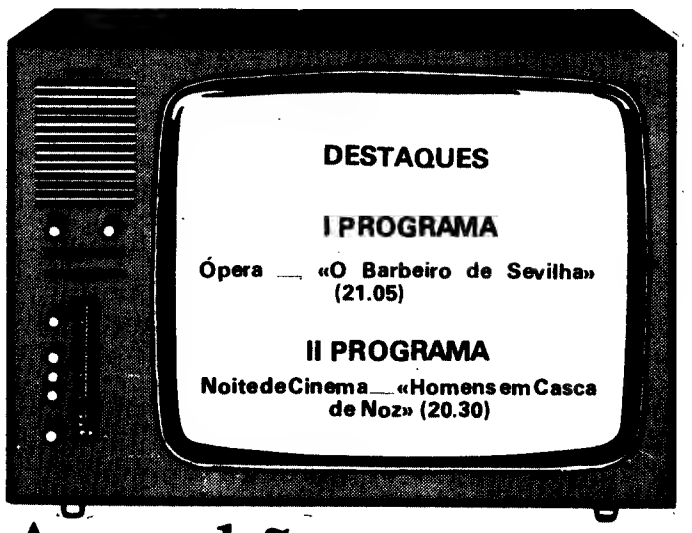
«O Barbeiro de Sevilha»

I PROGRAMA

17.00 **Campeonato Nacional de Basquetebol da 1.ª Divisão** — transmissão directa do jogo F.C.Porto-Sangalhos.
18.45 Directamente do Teatro S.Luiz, em Lisboa, Banda da Guarda Nacional Republicana, sob a direcção do capitão Alves de Amorim. Produção do Departamento de Programas Musicais e Recreativos.
19.30 **«A Casa de Jaina»** — série filmada.
20.30 **Telejornal** — 2.ª edição
21.05 **Noite de Ópera** — «O Barbeiro de Sevilha», de Rossini, inspirada na comédia de Beaumarchais, em 2 actos, estreada em Roma em 1816. Intérpretes: Tereza Berganza, Stefania Malagu, Hermann Ey, Luigi Alva, Enzo Dara, Paolo Montarsolo, Renato Cesari, Hans Kraemmer. Côro e Orquestra Mailander Scala. Maestro Claudio Abbado. Apresentação de Maria Regina Quintanilha.
23.45 **Telejornal** — 3.ª edição
00.05 Fecho

II PROGRAMA

20.00 Abertura e, dos Estúdios do Porto, **Frei Hermano** — um programa com as canções de Frei Hermano da Câmara.
20.30 **Noite de Cinema** — «Homens em Casca de Noz» — com José Ferrer, Trevor Howard, Dora Bryan, Victor Maddern. Realizador: José Ferrer. Ano de produção: 1956.
22.00 **Telejornal**
22.30 Fecho



Amanhã

I PROGRAMA

. . . . **12.00:** Abertura e Missa de Domingo; **12.45:** Expedição; **13.15:** Telejornal — 1.ª edição; **13.30:** 1heidi» — desenhos animados; **13.55;** Presença do Brasil — um programa de Reinaldo Varela, José Manuel Coelho e Oliveira Pinto; **14.15:** Eurovisão — Automobilismo — Grande Prémio de Mónaco — transmissão directa da 1.ª meia hora da corrida. Comentários de Adriano Cerqueira; **14.45:** Tarde de Cinema — «Os Sapatos Brancos» — um filme realizado por Giorgio Pelloni, com Giovananuella Guttis, Paolo Turco; **16.05:** Eurovisão — Automobilismo — Grande Prémio de Mónaco — transmissão directa da parte final da corrida; **16.45:** Hoje Há Palhaços; **17.30:** O Povo e a Música — dos Estúdios do Porto, um programa dedicado à Música Tradicional Portuguesa; **18.00:** TV Rural; **18.30:** «Uma Cidade ao Fundo da Estrada» — série filmada; **19.25:** Apicultura — programa transmitido dos Estúdios do Porto; **20.00:** Rock em Stock — segunda edição especial com filmes de Janis Ian, Steeleye Salu e Barclay James Harvest; **20.30:** Telejornal — 2.ª edição; **21.00:** Telefutebol; **21.40:** «Gente Desconhecida» — série filmada — 3.º episódio — «A Mãe Stark e os Filhos»; **23.15:** Telejornal — 3.ª edição; **23.30:** Fecho

II PROGRAMA

20.00: Abertura e Pisa-Itália; **20.10:** Capitão Kloss; **21.15:** De qualquer Parte Aprendemos — Jardim — Jardim Botânico — transmissão dos Estúdios do Porto; **21.45:** Telejornal; **22.15:** Fecho

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS - CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 722786 - 834271
Avenida S. João de Deus, 13-B Rua Macau 8

Desporto

O Porto na Luz para ir à Europa

Conclui-se amanhã o campeonato nacional de futebol da 1.ª divisão, com jogos bastante importantes para a ordenação da tabela geral e, sobremodo, indicarem os clubes que serão «europeus» na próxima temporada, bem como os que terão de arrastar com a automática descida ao escalão inferior ou sofrerão as agruras da «liguinha».

Recordemos como se encontra estabelecida a classificação actual:

Benfica, 50 pontos; Boavista, 46; Belenenses, 39; Sporting, 38; F.C. Porto, 37; V. Guimarães, 35; Estoril, 27; Braga, 27; V. Setúbal, 25; Académico, 22; Atlético, 21; Beira-Mar, 20; U. Tomar, 20; Leixões, 20; Farense, 19 e Cuf, 18.

Veja-se, finalmente, como o calendário deste fim-de-semana é atraente.

. Para hoje, no Campeonato Nacional da 2.ª Divisão, teremos os jogos Riopele-D. de Chaves; Salgueiros-Sporting da Covilhã (Antas) e Sanjoanense-Lourosa, às 16. Feirense-Varzim, às 21 e 30.

Campeonato Nacional da 3.ª Divisão: Oliveira do Bairro-União de Coimbra e U. Santiago-Amora, às 16. Tirsense-Avintes; Esposende-Vila Real; Lousanense-Ala Arriba, às 17; e Elvas-Nacional, às 18.

Jogos de amanhã no Campeonato Nacional de 1.ª Divisão: Boavista-Sporting; Leixões-CUF; Beira-Mar-Sporting de Braga; Atlético-Farense (na Tapadinha); Estoril-Belenenses; Vitória de Guimarães-Académico; Vitória de Setúbal-União de Tomar; e Benfica-F. C. do Porto, às 16.

No Campeonato Nacional da 2.ª Divisão: Juventude-Torres Novas, às 15 e 30; Penafiel-Espinho; U. de Lamas-Paredes; Fafe-Vilanovense; Alba-Gil Vicente; Régua-Famalicão; Paços de Ferreira-Marinhense; Almada-Oriental; Montijo Torriense; União de Leiria-Caldas; Sintrense-Estrela de Portalegre; Esperança de Lagos-Portimonense; União de Santarém-Lusitano de Évora; U. de Montemor-Olhanense, às 16. Marítimo-Barreirense, às 17.

Contando para o Campeonato Nacional da 3.ª Divisão: Rio Ave-Arrifanense; Forjães-Freamunde; Vianense-Sporting de Lamego; Leça-Limianos; Mondinense-Desp. das Aves; Cabeceirense-Tadim; Paços de Brandão-Mirandela; Febres-Viseu e Benfica; Desp. de Gouveia-Marialvas; Covilhã e Benfica-Cucujães; Águeda-Anadia; Penalva do Castelo-Lusitano de Vildemoinhos; Oliveirense-Tabuense; Desp. Guarda-Naval; Académico Viseu-Tazém; Loures-Bombarralense; Sporting do Pombal-Elvenses; Ponte de Sor-Ginásio de Alcobaça; Benavente-Cartaxo; Alhandra-Almeirim; Alcanenense-Alverca; Portalegrense-Vila-Franquense; Vieirense-Marrazes; Campomaiorense-Odivelas (Vila Viçosa); Quarteirense-Estrela de Vendas Novas; Luso-Costa de Caparica; Desp. de Beja-Cova da Piedade; Sacavenense-Paio Pires; Seixal-Vasco da Gama; U. São Brasense-Odemirense; Lusitano de Vila Real de Santo António-Moura e Rosairense-Alcochetense, às 16. Desp. de Bragança-A. Lordelo, às 17.

No Campeonato Nacional de Juniores da 2.ª Divisão: Sporting da Covilhã-Feirense; Vila-Franquense-União de Leiria e Almada-Sp. Ferreirense, às 11.

Para a «Taça Nacional de Juvenis»: Sporting de Braga-Coimbrões; F. C. do Porto-Académico de Coimbra; MTBA-Sporting e Benfica-Farense, às 11.

Jordão: o novo «Bola de Prata»?

Madeira na hora da saudade

FUNCHAL, 29 — Uma boa parte da população madeirense prepara-se para comemorar, com uma medalha, festivais e banquetes, o cinquentenário da vitória do Marítimo sobre o Belenenses (em 1926) no jogo decisivo para a «Taça de Portugal». A primeira e única «Taça de Portugal» trazida para as ilhas.

As comemorações especiais da efeméride são iniciadas com um encontro particular Marítimo-Belenenses no próximo dia 2, à noite, no Estádio dos Barreiros. Deverão estar presentes grandes vultos do futebol do passado, nomeadamente, por parte do Marítimo, Manuel Ramos Janota e António Teixeira (Camarão). Também o Belenenses apresentará os seus homens de 1926.

Depois, no dia 6, banquete de gala no hotel «Savoy». Haverá espectáculo, com Thilos Krassman e Carlos do Carmo à cabeça.

Cinquenta anos passados sobre o memorável desafio de futebol, os adeptos da modalidade não deixam que os madeirenses se esqueçam: foram encomendadas medalhas.

FUTEBOL EM EBULIÇÃO

HAGAN no Sporting

Em Birminghan (Inglaterra) Jimmy Hagan deve ter rubricado, a esta hora, o seu terceiro contrato com clubes portugueses. Revelado pelo Benfica (que o foi buscar ao ostracismo de uma garagem), deu à Luz um alto contributo, especialmente em matéria de preparação física dos jogadores mais credenciados. Depois, auxiliou o Estoril a saltar da 3.ª para a 2.ª Divisão e, enquanto na sua terra natal continuava a ser um quase ilustre desconhecido, viajou até ao Oriente. No Koweit, onde a bola não será quadrada mas também não é pontapeada com os primores europeus ou sul-americanos, Hagan ganhou mais uns milhares de dólares, para voltar à privada, pé ante pé.

Um dia destes, saudoso de uma porta aberto, veio até ao Estoril: gozar férias, apanhar sol, dar um aceno a meia dúzia de conhecidos. Foi aí que o Sporting encontrou o técnico ideal para a sua caminhada da próxima época: esta noite, em Inglaterra, já na residência do discutido J.H., o contrato que liga as partes interessadas deve ter sido firmado, embora a directiva sportinguista apenas ao fim da tarde de hoje divulgue a prevista concretização do negócio que faz retornar Juca à condição de secretário-técnico dos «leões». Todavia, só em Agosto Hagan estará em Alvalade.

INSÓLITO

Pelas 17 horas de hoje, no Estádio de Pina Manique, efectua-se o I Portugal-Espanha futebolístico entre surdo-mudos, que conta para apuramento ao torneio europeu.

ACIDENTE

Acometido por um enfarte, o dr. Branco do Amaral, do Departamento Clínico do Sporting, encontra-se hospitalizado. Desejamos ao conhecido médico um pronto retorno à actividade normal.

MADEIRA

Pedro Gomes volta ao Marítimo, como treinador das suas formações futebolísticas.

PRESENÇA

Miguel Muñoz, treinador espanhol que encaminhou o Real Madrid para uma projecção europeia quase impar, pode ser o novo treinador do Benfica; para já, chega esta tarde a Lisboa, com o fito de estar amanhã na Luz, a espreitar o Porto-Benfica.

ADEUS

O Benfica não deve renovar compromisso com Malta da Silva, pelo que será natural a ida do defesa «internacional» para um clube perto de Lisboa, da 1.ª divisão nacional.

COIMBRA

Fonseca, guardião do Varzim, foi convidado a transitar para o Académico de Coimbra, na próxima temporada.

HÓQUEI PATINADO

Corrida para o título tem oito candidatos

Concluiu-se ontem a fase de apuramento do Campeonato Nacional de Hóquei em Patins I Divisão Resultados na Zona Norte: Fânzeres-Vigorosa, 2-2; Académico-Sanjoanense, 4-3; Oliveirense-Valongo, 4-7; Infante de Sagres-Carvalhos, 5-4; F. C. do Porto-Académica de Espinho, 5-5. Apurados: Valongo, Infante de Sagres, F. C. do Porto e Oliveirense.

Zona Sul: Paço de Arcos-Benfica, 4-4; Oeiras-Sotto Mayor, 11-3; Parede-Académica da Amadroa, 5-9; Sporting-CUF, 6-4; e Cascais-Salesiana, 2-4. Apurados: Sporting, Oeiras, Salesiana e Benfica.

. Recordam-se as classificações nas duas zonas. Norte: 1.º, VALONGO, 50 pontos; 2.º, Infante Sagres, 47; 3.º, F. C. Porto, 46; 4.º, Oliveirense, 38; 5.º, Académica Espinho, 35; 6.º, Académico, 34; 7.º, Carvalhos, 34; 8.º, Sanjoanense, 33; 9.º, Vigorosa, 22; 10.º, Fanzeres, 21.

Zona Sul — 1.º, SPORTING, 50 pontos; 2.º, Oeiras, 48; 3.º, J. Salesiana, 39; 4.º, Benfica, 38; 5.º, Ac. Amadora, 37; 6.º, Sotto Mayor, 34; 7.º, C.U.F., 34; 8.º, Paço de Arcos, 31; 9.º, Parede, 26; 10.º, Cascais, 21.

A Tapadinha é palco do Atlético-Farense

Uma vez mais, a Secretaria de Estado dos Desportos intervem ante uma decisão do Conselho de Disciplina da Federação de Futebol, em torno do já decantado «caso Atlético». Enquanto que os federativos persistiam em marcar a partida Atlético-Farense (de amanhã) para o Estádio do Restelo, a Secretaria de Estado saíu à estacada e elaborou o seguinte despacho:

«Pelos elementos submetidos à minha apreciação, convenci-me existirem razões ponderosas que justificava a suspensão da pena aplicada ao Atlético Clube de Portugal, pelo Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol.

«Tal faculdade de suspensão de pena tem fundamento legal no art.º 75 do Decreto n.º 32 946 de 3 de Agosto de 1943.

«A não utilização, naquele momento, da faculdade legal de suspensão da pena, impediria que pudesse, em tempo ulterior, adoptar tal procedimento, dado que a pena, pela sua própria natureza (dois jogos de interdição de campo) teria ficado irremediavelmente executada.

«Nada na lei proibe que a faculdade de suspensão da pena não possa ser exercida pela entidade competente na fase em que, no caso concreto, foi efectivamente adoptada, tanto mais que, como atrás salientei, o não exercício naquele momento impediria a ulterior prática do acto.

«Do confronto dos interesses em jogo resultou então a prevalência do interesse do clube punido, sendo certo que, pelos elementos que me foram facultados, nomeadamente o passado desportivo de Atlético Clube de Portugal, convenci-me da justiça da referida suspensão.

Não está em causa a atribuição de qualquer efeito a recurso jurisdicional interposto, mas apenas uma decisão de suspensão de pena que, pelos fundamentos expostos, mantenho.

«Notifique-se este despacho à Federação Portuguesa de Futebol e ao Atlético Clube de Portugal, constituindo tal notificação, quanto àquela, resposta aos ofícios referências 4/16/1937 e 5/16/136, de 19 e 25 de Maio, respectivamente.»

Em palavras simples: o dr. Silva Graça determinou que o confronto entre alcantarense e farense ocorra na Tapadinha. O Conselho de Disciplina foi ultrapassado.

Espanhóis nadam em Algés

Natação luso-espanhola: em Algés, esta tarde (16 horas) e amanhã (14 e 30). Actuam nadadores visitantes altamente credenciados, como pode notar-se por alguns tempos dos seus «palmarés»: Juan Paulo Barro — 100 m livres, 55,10; Francisco Chocarro — 400 m livres, 4.14,70; Filipe Sanchez — 100 m bruços, 1.11,90, e 200 m bruços, 2.37,30; António Bret — 100 m costas, 1.01,30; 200 metros costas, 2.13,50, e 200 m estilos, 2.23,20; e Jorge Cadens — 100 m mariposa, 59,90; Isabel Villa — 100 m livres, 1.04,60, Montserrat Artigas — 400 m livres, 4.42,40; Olga Estefanell — 100 m bruços, 1,21,4, e 200 m bruços, 2.53,30; Cristina Ramirez — 100 m costas, 1.11,00; 200 m costas — 2.37,20, e 200 m estilos, 2.39,20; e Lilagros Serrano — 100 m mariposa, 1.12,20.

Por parte portuguesa, além dos pré-seleccionados olímpicos (Paulo Friscknecht, Henrique Vicêncio, Gomes Pereira, António Botelho de Melo, Rui Abreu, Baltar Leite, Orlando Dias e Eduardo Torres Pinto) actuam nadadores dos clubes do Porto, Coimbra e Lisboa.

O programa dos festivais é o seguinte:

. HOJE: 200 m costas, masculinos, 100 m mariposa, femininos; 100 m livres, masculinos; 100 m costas, femininos; 100 m bruços, masculinos; 200 m bruços, femininos; 200 m estilos, masculinos; 400 m livres, femininos; 4X200 m livres, masculinos, e 4X100 m estilos, femininos.

AMANHÃ: 200 m estilos, femininos; 400 m livres, masculinos; 100 m bruços, femininos; 200 m bruços, masculinos; 100 m livres, femininos; 100 m mariposa, masculinos; 200 m costas, femininos; 100 m costas, masculinos; 4X100 m livres, femininos, e 4X100 m estilos, masculinos. Entradas gratuitas.

Ginástica e outra festa para as crianças do Alto de S. João

O Ases Futebol Clube, uma agremiação desportiva do Bairro Lopes (ao Alto S. João) promove amanhã, pelas 11 horas, na sua sede (Rua Adolfo Coelho, 9) um festival de ginástica dedicado aos seus associados mais jovens, integrando-se assim nas comemorações do «Dia Mundial da Criança».

Esta jornada de confraternização infantil prossegue da parte da tarde com a apresentação do filme «Pollyana» sendo a entrada gratuita para todas as crianças do bairro, a que se seguirá um lanche igualmente aberto a todos.

Com esta realização, procura o Ases Futebol Clube alargar o âmbito das suas actividades, até agora praticamente circunscritas ao desporto, e que se tenta presentemente desenvolver no sentido cultural e social. Para tanto, a sua actual direcção procura a instalação de uma biblioteca própria e a realização de várias actividades culturais, como a projecção de filmes, organização de colóquios, etc. Um esforço a prosseguir que merecerá seguramente ser acarinhado por quem de direito.

LÁ FORA

RECUPERAÇÃO

A Inglaterra bateu a Itália por 3 a 2 num desafio de futebol a contar para a Taça do Bicentenário da América, realizado a noite passada em Nova York, ao intervalo a Itália vencia por 2 a 0, com golos apontados por Graziani.

Cerca de 40.000 pessoas assistiram a uma espectacular recuperação dos ingleses, que chegaram á vitória com golos de Channon (2) e Thompson.

TRAGÉDIA

A 1.ª etapa do Rali da Alemanha, organizado pela A.D.A.C. e contando para o Campeonato da Europa, ficou assinalada por um acidente mortal. O condutor alemão ocidental Ulrich Schneidec, em «BMW», morreu na primeira prova especial que foi disputada. O carro que guiava perdeu a direcção perto de Schottne e chocou com o carro de um espectador.

O co-piloto de Schneidec, Peter Ascherfeld, foi hospitalizado em consequência de feimentos ligeiros.

Na FIGUEIRA DA FOZ o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na CASA AFRICANA

Desporto

PORTUGAL

ANDEBOL

Esta noite, há andebol de boa qualidade. Taça de Portugal masculina — Benfica-Sporting, na Luz, às 21 e 30; Campo de Ourique-Almada, em Campo de Ourique, às 21 e 45. Taça de Portugal feminina — Em Braga: Sp. Braga-Académica de Coimbra, às 21; Académico de Braga-Desp. Francisco da Holanda, às 22 e 15. Campeonato Feminino de Lisboa da I Divisão, no Pavilhão da Ajuda: Liceu Maria Amália-Benfica, às 17; Liceu de Oeiras-Escola de Educação Física, às 18.

ATLETISMO

O INATEL colocou em funcionamento, no parque de jogos 1.º de Maio (em Alvalade, Lisboa) uma escola de atletismo orientada por Jorge António Campos Vieira.

TIRO AO ARCO

De 10 a 13 de Junho, no Estádio Nacional, efectua-se o campeonato nacional de seniores em tiro ao arco. Ainda desta modalidade: foi eleita a nova gerência federativa. Nomes que engloba:

. Congresso: Carlos Quilhó, Ricardo Nunes, João Pedro Ferreira e João Manuel Pantana.

Direcção: Ernesto Gil de Oliveira, Vítor Manuel Bandeira, Alfredo Cruz, Maria do Céu Tavares, Isidro do Carmo Baptista e Vicente Nogueira.

Conselho Técnico: Carlos Moura Ferreira, Vasco Meio, Miguel Moscovo Tavares, Henrique Santos e Blandina Cruz.

Conselho Fiscal: José Prista Caetano, Armando Candeias e António Montês Coelho.

PINHAL-NOVENSE

A 6 de Junho, o Clube Desportivo Pinhal-Novense promove provas de atletismo, com inscrição aberta a praticantes federados ou populares. Haverá três escalões, a saber:

. **Escalão A** — Masculinos e femininos até aos 6 anos; masculinos — 300 mt e femininos — 300 mt.

Escalão B — Dos 7 aos 9 anos: masculinos — 1000 mt e femininos — 800 mt.

Escalão C — Dos 10 aos 11 anos: masculinos — 1500 mt e femininos — 1200 mt.

Escalão D — Dos 12 aos 13 anos: masculinos — 2000 mt e femininos — 1500 mt.

Escalão E — Dos 14 aos 16 anos: masculinos — 3000 mt e femininos — 2000 mt.

Escalão F — Atletas com mais de 17 anos (inclusive): só masculinos — 4000 mt.

Gimondi: o velho comanda o "Giro"

No «Giro de Itália», Joaquim Agostinho encontra-se a 1 m, e 40 s. de Gimondi, o veterano que comanda a prova envergando a «camisola rosa».

O belga Roger de Vlaeminck ganhou a 8.ª etapa da prova, corrida entre Selva Di Farano-Lago Laceno (236 quilómetros) tendo o italiano Felice Gimondi conquistado o símbolo de «leader».

Foi a 3.ª etapa ganha por Vlaeminck, até agora. O seu compatriota Eddy Merckx atravessou a linha de chegada atrás de Vlaeminck, classificando-se em 2.º lugar.

A Joaquim Agostinho, sempre metido no pelotão da vanguarda, foi atribuído o 14.º lugar, mas com o tempo do vencedor, melhorando, assim, a sua posição, passando a ocupar o 10.º lugar e diminuindo, em sete segundos, o tempo que o separa do «camisola rosa».

Classificação da etapa: 1.º Roger de Vlaeminck (Bélg.), 7 h 46 m 52 s; 2.º Eddy Merckx (Belg); 3.º Felice Gimondi (It); 4.º Fausto Bertoglio (It); 5.º Giovani Battaglin (It); 6.º Alfio Vandi (It); 7.º Andres Oliva (Esp); 8.º Vladimiro Panizza (It); 9.º Baronchelli (It); 10.º Jessy Cliveli (Áustria); 14.º Joaquim Agostinho todos com o mesmo tempo do vencedor; 18.º Francisco Moser (It), a 59 s; 31.º Fernando Mendes, a 1m 42 s.

Classificação geral: 1.º Felice Gimondi (It), 41 h 46 m 24 s; 2.º Joan de Muynck (Bélg.), a 33 s; 3.º Francesco Moser (It.), a 62 s; 4.º Roger de Vlaeminck (Bélg.), a 54 s; 5.º Eddy Merckx (Bélg.), a 1m 4s; 6.º Vladimiro Panizza (It), a 1m 22 s; 7.º Giancarlo Bellini (It), a 1 m 31 s; 8.º Giambattista Bar. (It), a 1 m 34 s; 9.º Fausto Bertoglio (It), a 1 m 40 s; 10.º Joaquim Agostinho (Port), a 1 m 40 s.

Fernando Mendes encontra-se em 26.º lugar, a 5m. 46 s. Por pontos, Agostinho é 32.º

ENDI no Jamor

. Hoje e amanhã efectua-se, nas instalações do Instituto Superior de Educação Física, (à Cruz Quebrada) o primeiro Encontro do Movimento do Desporto Infantil.

Do programa do encontro constam, para hoje, a discussão dos estatutos e regulamentos do MODI e a análise das propostas distritais. À noite, haverá um convívio desportivo, e, pelas 21 e 30, terá lugar, nas instalações do Mercado do Povo, um encontro do secretário de Estado dos Desportos e Juventude com os órgãos de comunicação, sobre os objectivos do EMDI.

Amanhã, os participantes do EMDI reunir-se-ão em plenário para aprovação dos textos dos estatutos e regulamentos. Às 19 horas processa-se a cerimónia de encerramento.

A C. P. INFORMA :

NOVOS HORÁRIOS

A partir das zero horas do próximo domingo — 30 de Maio — vão entrar em vigor novos horários, que constituem o chamado «Horário de Verão».

Por dificuldades surgidas na execução tipográfica do respectivo Guia-Horário não será possível pôr o mesmo desde já à disposição dos interessados, o que contamos fazer dentro em breve. Entretanto, aconselhamos os utentes a consultarem os cartazes-horários afixados nas estações ou a esclarecerem-se nas Secções de Informações existentes nas estações de Lisboa (Santa Apolónia e Rossio) e do Porto (S. Bento).

Chamamos a atenção do público para os novos horários, porquanto foram introduzidas numerosas alterações nos que têm estado em vigor, umas por razões de ordem técnica, outras a partir de justas sugestões apresentadas pelos senhores passageiros e que puderam ser contempladas pela exploração ferroviária.

SINDICATO DOS PROFESSORES da Grande Lisboa

CONVOCATÓRIA

ESTAGIÁRIOS

Convocam-se para 31 de Maio, segunda-feira, pelas 21 horas na sede do Sindicato, estagiários e orientadores de estágios para continuação de discussão da ordem de trabalhos (ponto 3) e estudo de medidas a tomar face à resposta do MEIC às propostas votadas em último plenário relativas aos pontos 1 e 2.

Importante a tua comparência. NÃO FALTES.

A DIRECÇÃO

RODOVIÁRIA NACIONAL

GRUPO BELOS

ADMISSÃO DE PESSOAL

OFERECE-SE

— Regalias e Condições, de acordo com as estabelecidas no A.C.T. e outras.

EXIGE-SE

OBSERVAÇÕES MUITO IMPORTANTES

— As respostas devem ser dirigidas para: VILA FRESCA DE AZEITÃO, GRUPO BELO, SERVIÇO DE RECRUTAMENTO E SELECÇÃO. — (M.S-4/76).

— O prazo final para recebimento das respostas termina no próximo dia 28/5/76.

— (As cartas que derem entrada no S.R.S. após essa data são nulas e sem efeito).

— As respostas devem conter obrigatóriamente os seguintes elementos:

A — Local e Empresa onde actualmente está empregado.

B — No caso de se encontrar desempregado, ou ser retornado, indicação do número de Beneficiário da Caixa de Previdência, número de Sócio de Sindicato, Agência do Serviço Nacional de Emprego onde se encontra inscrito, ou Cartão de Beneficiário do I.A.R.N.

C — Residência actual.

D — Estado Civil (Solteiro ou Casado).

E — No caso de ser casado, indicação do nome da Esposa e Filhos Menores (indicar a idade destes).

F — No caso de estar desempregado, data em que saiu do último emprego e indicação da Firma onde Trabalhava.

G — Tem algum familiar na Empresa? Em caso afirmativo indique quem, e qual o grau de parentesco.

H — Firmas onde já trabalhou.

I — Situação Militar.

J — Data do Nascimento.

L — Nacionalidade.

M — Habilitações Literárias.

N — Número da Carta de Condução (indicar se tem Serviços Públicos).

NOTA IMPORTANTE

AS RESPOSTAS AGORA ENVIADAS, APENAS TÊM VALIDADE PARA ESTE ANÚNCIO, A PUBLICAÇÃO DESTE ANÚNCIO NÃO IMPLICA NECESSÁRIAMENTE O PREENCHIMENTO DAS VAGAS.

VAGAS

MOTORISTAS

SAGRES

LAVADORES

LAGOS

ENTREGADOR DE FERRAMENTAS MATERIAIS E PRODUTOS

SECÇÃO DE «STOCK», ACESSÓRIOS, PEÇAS E EQUIPAMENTOS — AZEITÃO

A C.P. INFORMA:

COMPLEXO VOUGA-DÃO

(Alteração do horário de uma carreira rodoviária)

A contar de 28 de Abril corrente e para garantir a ligação com o comboio nº. 1321, a carreira rodoviária nº. 17 deixa de partir de Santa Comba Dão às 19-10 h. e passa a ter o seguinte horário:

SANTA COMBA DÃO	20-40 h.
TREIXEDO (cruzamento)	20-48 h.
TONDA (cruzamento)	20-56 h.
TONDELA	21-02 h.
TONDELA (estação)	21-03 h.
NAIA	21-07 h.
CASAL DO REI (Canas de Santa Maria)	21-09 h.
SABUGOSA (cruzamento)	21-13 h.
PARADA DE GONTA (cruzamento)	21-18 h.
FARMINHÃO (cruzamento)	21-28 h.
VÁRZEA (Povoação)	21-37 h.
TORREDEITA (cruzamento)	21-41 h.
MOSTEIRINHO	21-45 h.
FIGUEIRÓ	21-50 h.
TRAVASSÓS DE ORGENS (cruzamento)	21-52 h.
TONDELINHA	21-55 h.
VILDEMOÍNHOS	21-57 h.
VISEU	22-02 h.

PUB

«A SACAVENENSE»

COOPERATIVA DE CONSUMO, S.C.R.L.

Sede Social: RUA ANTÓNIO RICARDO RODRIGUES SACAVÉM

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

CONVOCAÇÃO

De acordo com o § 2.º do Art.º 41.º e a pedido da Direcção, convoca-se a Assembleia Geral a reunir no dia 8 de Junho de 1976, pelas 21.30 horas, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

— Apreciar a conduta do sócio n.º 2128 — Álvaro Manuel Pereira dos Santos e decidir sobre as medidas disciplinares a adoptar.

Sacavém, 24 de Maio de 1976.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

a) **Dr. Gilberto Lindim Ramos**

NOTA — Nos termos do Art.º 44 dos Estatutos, se à hora marcada a Assembleia não reunir com a presença da maioria absoluta dos sócios no gozo dos seus direitos, reunirá uma hora depois, com qualquer número de sócios.

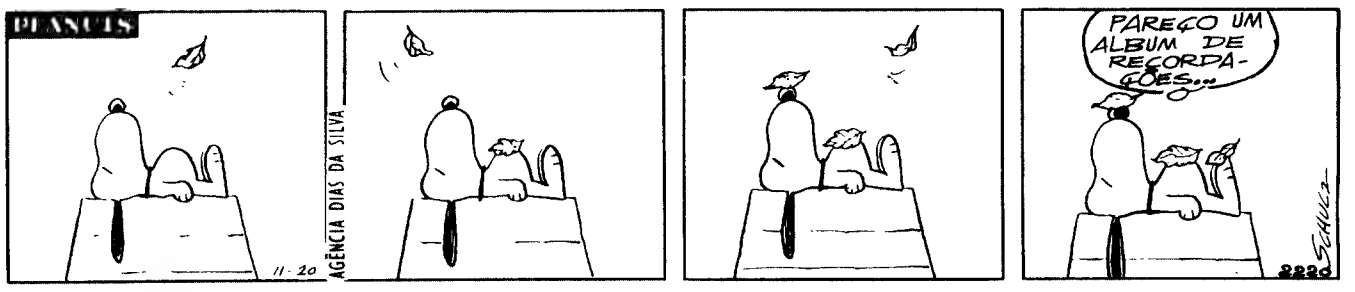
Geral

O voo do cisne

FUNCHAL, 29 — Na praia de Porto Santo, foi encontrado um «jovem» cisne, cansado, sem poder voar. Eele tinha acabado de chegar do Funchal, cobrindo uma distância de oitenta quilómetros.

Houve entretanto quem o ajudasse a regressa à lagoa do parque de St.ª Ca arina, no Funchal, onto de partida da grande aventura.

O regresso do cisne — que a'guns populares baptizaram de Fernão Capelo — verificou-se de barco.



SEGUNDA-FEIRA EM LISBOA

SEMINÁRIO PARA APLICAÇÃO DOS ACORDOS DE HELSÍNQUIA

(sem M.P.L.A. nem Frelimo)

Numa inciativa do Conselho Português para a Paz e Cooperação inicia-se depois de amanhã em Lisboa, na Fundação Calouste Gulbenkian o Seminário internaiconal pela Aplicação dos Acordos de Helsínquia sobre Segurança e Cooperação Europeia. O Comité Executivo do PAIGC far-se-á representar pelo embaixador da Guiné-Bissau em Lisboa, dr. Júlio Semedo — mas o MPLA e a Frelimo não estarão presentes. Razões apresentadas, respectivamente, por Angola e Moçambique: inexistência de carreira aérea e «impossibilidade de se fazer representar».

Esta realização, que encerra no dia 1 de Junho, conta com o apoio dos ministro dos Negócios Estrangeiros, Cooperação e Educação e Investigação, da Comissão Internacional de Segurança e Cooperação Europeia (Bruxelas) e do winstituto Superior, do Instituto Superior das Ciências Políticas e Sociais, etc.

O Seminário, como é óbvio, tem por objectivos principais promover a aplicação dos Acordos de Helsínquia — e fortalecer as tentativas de aproximação entre o povo português e os povos europeus no seu conjunto.

A sessão inaugural do Seminário efectua-se às 9 e 30 de segunda.

Preside Silas Cerqueira, do CPPC, sendo oradores o major Vítor Alves, ministro da Educação Nacional, o prof. Henrique de Barros e o cónego Raymond Goor, da presidência do Conselho Mundial da Paz e do Secretariado da Comissão Internacional da Segurança e Cooperação Europeia.

Como convidadeos do CPPC, participaram no Seminário um numeroso conjunto de destacadas personalidades políticas, parlamentares, e universitárias, de diversas perspectivas ideológicas, de países europeus ocidentais e de países europeus socialistas. Estarão presentes, por exemplo, o cónego Raymond Goor, do Secretaridao do CISCE, da Bélgica; o prof. M. J. Pentz, físico nuclear e deão da «Open University» da Inglaterra; os professores Peter Klein e Stefan Doernberg, especialistas da R.D.A.; o dr. H.J.C. Walcmans, deputado do Partido Radical da Holanda; o dr. Miklos Racz, da Universidade de Amsterdão; o prof. Dobrosielski, embaixador placo à conferência de Helsínquia; Enrico Jacchia, professor universitário e director Honorário da CEE, da Itália; o dr. Ferenc Weisz, da Igreja Católica da Hungria; Dimitri Bratanov, da Bulgária; e representantes da Finlândia, França, União Soviética, etc.

As inscrições para o Seminário podem ser feitas na sede do CPPC (Rua Artilharia um, 105, telefone 680929 e 688569).

EM COIMBRA

COIMBRA, 29 — «Grandes perspectivas se abrem aos povos do Mediterrâneo e aos povos de todo o Mundo, mas estão pendentes de uma paz justa no Médio-Oriente e, por isso, o colóquio apela para que os povos lutem pels solução da crise do Médio Oriente com justiça e colocando essa luta na ordem do dia, tranformando-a na tarefa de cada momento», lê-se na declaração final do «Colóquio por uma Paz justa no Médio -Oriente e de Apoio à luta dos Povos Árabes»,, promovido pelo Conselho Português para a Paz e Cooperação, que ontem terminou nesta cidade.

Intervieram, na sessão de encerramento, as Faculdades de Direito de Coimbra, representantes da Argélia, do Conselho Português para a Paz e Cooperação, e da Organização para a Libertação da Palestina (OLP).

A uma pergunta dos assistentes sobre quais os resultados práticos que se poderiam tirar do clóquio para a luta da OLP, o representante da organização respondeu: «Encontrar uma solução para o problema árabe-israelita que tem de apresentar pro base a retirada das tropas israelitas das terras ocupadas depois de 1967, a consolidação do povo palestiano, assegurando-lhe a possibilidade de retorno ao seu país, e a afirmação do seu direito para decidir do seu futuro e construir um estado independente».

O mnistro conselheiro da embaixada do Egipto em Portugal, interrogado sobre a existência de iniciativas tendentes a aproximar os nossos dois países, referiu que a realização do colóquio contribuiu para a aproximação de Portugal não só do Egipto, mas igualmente de todos os povos árabes, tendo acrescentado que também o povo português pode assim entender melhor os problemas do Médio Oriente, nomeadamente o problema da Palestina, onde, frisou, «um povo inteiro sofre de um imperialismo que nós todos devemos atacar».

Os participantes dos países árabes no colóquio deslocam-sse amanhã, a Sines, para um visita ao complexo petroquímico e portuário daquela vila alentejana.

Em ALVERCA o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA FERREIRA Rua Manuel Maria Vieira, 7

PUB

SINDICATO DOS ENFERMEIROS

DA ZONA SUL

CONVOCATÓRIA

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os Delegados Sindicais para uma Assembleia Geral Extraordinária de Delegados, para o dia 29/5/76 às 21 horas na Sede do Sindicato, Praça Marquês de Pombal n.º 6 - 3.º Dt.º. Lisboa.

ORDEM DE TRABALHOS

1 Apreciação do decreto n.º 401/76 de 26 de Maio.

2 Medidas a tomar perante a atitude do Ministro dos Assuntos Sociais.

Pel' a Direcção e Grupo de Apoio
Maria Odett Castelo Branco
Laura Almeida Coutinho L Mendes

BARES - BOITES
RESTAURANTES
TIPICOS
DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13 (Telef. 364859, 368197. Marta Mónica Sripteaseuse.

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. T. 281461/164526/264596/264621/264946

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado com excepção das regiões do Litoral onde se apresentava muito nublado o vento era fraco e havia neblina em vários locais.

TEMPERATURAS EXTREMAS

Máxima 30º

RÉGUA E MONTALEGRE

Mínima 10,9º

PREVISÃO GERAL ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu pouco nublado com excepção da faixa Litoral a Norte do Tejo a qual deve apresentar-se muito nublado; vento fraco de Nordeste

TEMPERATURAS DO AR 09.00 H.

PORTO	15º
COIMBRA	15º
PORTALEGRE	12º
LISBOA	16º
FARO	18º
FUNCHAL	19º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
4.18	3,7 m	9.44	1,0 m
16.34	3,8 m	22.08	1,0 m
Dia 30			
4.54	3,7 m	10.19	1,0 m
17.09	3,8 m	22.45	1,0 m
Dia 31			
5.30	3,7 m	10.55	1,0 m
17.43	3,8 m	23.22	1,0 m

AMANHÃ

NASCER ÁS 6.15

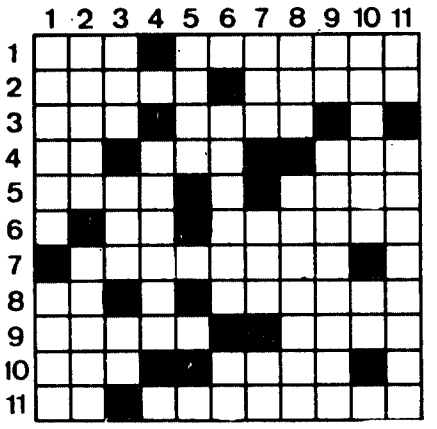
OCASO ÁS 20.54

DIA 29 DIA 5 DIA 12 DIA 19

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 11 382



HORIZONTAIS:

1 Conjunção. Pregara.
2 Respeite. Totais.
3 Lista. Aves pernaltas.
4 Rádio (s.q.). Cardeal e erudito italiano que publicou em 1822 fragmentos importantes da Republica de Cicero. Palavra gaelica que significa filho e precede um grande numero de nomes irlandeses e escoceses.
5 Queimo. Cidade da Alemanha.
6 Erbio (s.q.). Adejar.
7 Engano propositado, contra alguém.
8 Artigo definido. Fecharia as asas para descer mais depressa.
9 O mesmo que bermano. Apelido
10 Escarneces. Planta têxtil do Ceará
11 Artigo definido. Recepção.

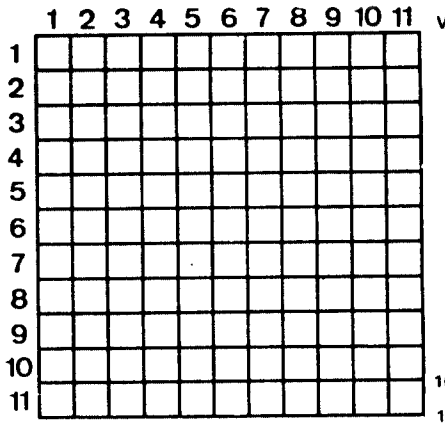
VERTICAIS:

1 Contas. Produto.
2 Repetes (fig.). Guarneceis de asas.
3 Infelicidade. Ente. Reis.
4 Falecem.
5 Refeição depois da meia-noite.
6 Chefe de uma diocese (pl.). Centimetro.
7 Ave da família dos láridas. Agarrei. Zomba.
8 Prenome pessoal Espicaçados
9 Preposição latina que designa movimento. Residirias.
10 De Roma. Segula.
11 Carta de jogar. Ho em cruel (Fig.).

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7542



HORIZONTAIS:

1 Região ao S. da Espanha, atravessada pelo rio Guadalquivir.
2 Sofrerias.
3 Espécie de palmeira de S. Tomé. Cubro de iodo.
4 Me ida japonesa igual a dois decilitros. Listas.
5 Ramificações. Nota musical.
6 Graceia com alquem. Mágoa.
7 Cobalto (s.q). Três iniciais que se encontram juntas em muitas passagens bíblicas com o significado de ah!oh! Cidade de Itália.
8 Milho torrado que se reduz a po temperado com azeite de cheiro e mel de abelhas. Voz do gato. Aqui.
9 Amplos. Dão mios.
10 Antiga capital da Birmânia. Liquido para cultura de micróbios.
11 Rio dos Estados Unidos. Chuviscos.

VERTICAIS:

1 A alma. Giria.
2 Compaixão. Debastava.
3 Concedei. Terceira letra do alfabeto arábico-persa. Rogai.
4 Antigo Testamento. Joguete.
5 Combateríamos.
6 Cidade da antiga Caldeia. Esfregais com unto.
7 Letra árabe. Ave pernalta do Brasil. Centiare.
8 Tempo do verbo ir. Titulo que os maronistas dão aos seus bispos.
9 Escudeiros. Em antiquidades romanas, abreviatura de Divus Augustus. Rei lendario de Tróia.
10 Preposição latina que designa movimento. Obrigada.
11 Separaríamos de outro.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11 381

HORIZONTAIS:	VERTICAIS.
1 O. Bem. Soa. O.	1 Operara. Mal.
2 Paira. Ária.	2 Aromara. Ui!
3 ERRAS: Caria.	3 Birra. Amarra
4 Ror. Parede.	4 Era. Sacadas.
5 Amassarm.	5 Mas. Soaras.
6 Rã. Aos. Be.	6 Pás. Ro.
7 Araçá. Tia.	7 Sacar. Fa. Pé.
8 Amarrado.	8 Oraram. De.
9 Adão. Erva.	9 Airem. Torto.
10 Auras. Tos.	10 Dia. Bi. VOA.
11 Lias. Seroa.	11 Aérea. AS.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7541

HORIZONTAIS	VERTICAIS:
1 Fo. Sol. Migo.	1 Fão. Cartago.
2 Aida. Atoara.	2 Oiro. Muar.
3 Oral. Baco.	3 Dama. Aa.
4 Omitira. Mi.	4 Salinas. Aso.
5 Anoto. Cás.	5 Tomates.
6 An. Ama. Sás.	6 Labitas. Ror.
7 Ru. Sassar.	7 Taró. Sm. Má.
8 Tão Moera.	8 Moca. São. Br.
9 Ar. Aer. Ill.	9 Ião. Careira.
10 Assombrar.	10 Gr. Mas. Rias.
e11 Orão. Raras.	11 Oásis. Sair.

PROVERBIO: O bem soa, o mal voa.

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO L-1

ATÉ ÀS 22 HORAS

ALCÂNTARA
Costa, Rua dos Lusíadas, 30 (t. 636704)
ALFAMA
Pereira, Rua do Paraíso, 98 (t. 863224)
ALVALADE
Alvalade, Avenida da Igreja 18-A (t. 712070); **Onilda**, Avenida João XXI, 13-A (t. 726848)
AVENIDAS NOVAS
Dalva, Avenida Duque d'Ávila, 125 (t. 25225)
BELÉM
Bom Sucesso, Rua Bartolomeu Dias, 63-A (t. 611454)
BENFICA
Progresso, Estrada A-da-«Mal» 64-C (t. 702226)
CAMINHOS DE FERRO
Alves de Carvalho, Rua Vale de Santo António (t. 840125)
ENTRECAMPOS
Alcântara, Avenida da República, 74-A (t. 771379)
OLIVAIS NORTE
Central, Rua Alferes Barrilaro Ruas, 7-C (t. 315539)
REGO
Prates e Moura, Rua da Beneficência, 91 (t. 773728)
SÃO MAMEDE
São Marçal, Rua de São Marçal, 100 (t. 325318)
SOCORRO
Tavares, Rua da Palma, 194 (t. 863350)

TURNO L-2

TODA A NOITE

ALCÂNTARA
Biotifar, Rua D. João de Castro, 27-B (t. 638824)
AMOREIRAS
Amoreiras (das), Praça das Águas Livres, 8-D (t. 681515)
ARCO CEGO
Providência, Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C (ao Bairro Social) (t. 770324)
AREEIRO
Gasparinho, Rua Dr. Gama Barros, 54-A (t. 710465)
ARROIOS
Veral, Rua Morais Soares, 109 (t. 821732)
BAIRRO ALTO
Sanitas, Praça Luís de Camões, 24 (t. 322798)
BENFICA
Sousa, Estrada de Benfica, 429 (t. 780027)
CAMPO DE OURIQUE
Ourique, Rua Freitas Gazul, 32-B (con. a Rua Almeida e Sousa) t. 671667)
CONDE REDONDO
Capuchos, Rua Luciano Cordeiro, 2-A (t. 52076)
JANELAS VERDES
Reis Garrido, Rua das Janelas Verdes, 90 (t. 662327)
LUMIAR
São Tomé, Estrada do Desvio, lote 12-C (t. 790704)
PICHELEIRA
Mariuz, Calçada da Picheleira, 140-B/C (t.s 720703-728395)
POÇO DO BISPO
Barros Gouveia, Rua Vale Formoso de Cima, 19-B (t. 382180)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Branco, Av C G Guerra 29 (T 2112081)
PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R Costa Pinto, 184 (T 2432034) Toda a noite
OEIRAS
Godinho, R Cândido dos Reis, 98 (T 2430090) Até às 22 horas
NOVA OEIRAS
Leal, Até às 22 horas
CARCAVELOS
Central, Toda a noite
S.DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silveira, Av Sabóia, 29-B (T.260085) Até às 22 horas
PAREDE
Aisir, Av Gago Coutinho, B.das Caixas de Previdência (T.2472948). Toda a noite
S.JOÃO DO ESTORIL
S.João, Quinta da Carreira, 29-A (T 261186). Toda a noite
AMOREIRA
Amoreira Toda a noite
CASCAIS
Marginal, Av Marginal (T 280214) Até às 22 horas; **Nova**, E de Alvide, Fontainhas (T.281044) Toda a noite

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo, P.D.João I, 9-B (T 932756); **Central**, Av. Cardoso Lopes, 25 (T.932210); **Igreja**, P da Igreja, 22-A (T 937740); **Jardim**, Av Conde de Oeiras, 120, Reboleira (T 938424)
DAMAIA
D.João, Av Gurgel do Amaral, 2-A (T 970461)
QUELUZ
Serra e Pinto, Av D António C Sá, 50-E (T.957619)
CACÉM
Araújo e Sá, E de Paço de Arcos, lote 1-B (T 2940781)
MEM MARTINS
Miranda Garcia, E de Mem Martins, 173-B (T 2914103)
S.PEDRO DE SINTRA
Valentim (T 980456)
SINTRA
Marrazes, Vila (T 2930155)
COLARES
Abreja (T 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro L António dos Santos Jorge, 15 (T 234100)
ALHOS VEDROS
Portugal, Av da Bela Rosa, 8 (T 204250)
ALMADA
Galeno, R Capitão Leitão, 85-B (T 2760565)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima E Nacional 244-A (T 2040141)
BARREIRO
Santa Marta, R Dr Manuel Pacheco Nobre, 44-B (T 2072141) Até às 19 horas; **Normal**, Av Alfredo da Silva, 116 (T 2073035) Serviço permanente
COVA DA PIEDADE
Castro Rodrigues, L 5 de Outubro, 62 (T 270121)
MOITA
Silva Rocha, P da República, 16 (T 239029)
MONTIJO
Montepio, R Almirante Reis, 93 (T 2310035)
SESIMBRA
Lopes, R Cândido dos Reis, 21 (T 2233028)
SETÚBAL
Marques, R Arronches Junqueiro (T 22783); **Bonfim**, Av. Rodrigues Manitto, 12 (T 24558)
SEIXAL
Godinho, L.da Igreja, 51 (T 2218580)

PORTO

TURNO 29

ATÉ ÀS 22 HORAS

Nau Vitória, R Nau Vitoria, 723 **Ordem da Trindade**, R Heróis e Mártires de Angola **Confiança**, R de Santa Catarina, 960 **Antas**, Av Fernão de Magalhães, 1076 **Antiga Porta do Olival**, Campo Mártires da Pátria, 122 **Ferreira**, P D Afonso V 55-B **Lousada**, L do Campo Lindo, 62

TODA A NOITE

Alves da Silva, Av da Boavista 1016 **Azevedo**, R d Azevedo, 136 **Gomes Ferreira**, R Maria Guimarães, 449 **Falcão** R de Santo Ildefonso, 61

COIMBRA

BAPTISTA — Praça da República, 9 — Tel. 23747; **ESTÁDIO** — Rua do Brasil, 348 — Tel. 24410; **MIRANDA** — Praça do Comércio, 41 — Tel. 23261.

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

CAPITOLIO
21.15 (13 anos)
«Adeus Valentina»
COLISEU
21.30 (6 anos)
«Jok»
VASCO SANTANA
21.30 (18 anos)
«Preço da Vida»
TEATRO ABERTO
Grupo 4
21.15 (13 anos)
«O círculo de giz Caucasiano»
MARIA VITÓRIA
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Vota vota camarada Zé»
ÁDOQUE
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Taran Tan-Tan não enche Barriga»
VARIEDADES
21.30 (18 anos)
«Equus amargura para um cavalo»
A. B. C.
21.15 (10 anos)
«A vida é Boa»
VILARET
20.30 e 22.45 (13 anos)
«Godspell»
TEATRO DA COMUNA
21.30 (9 anos)
«4 Soldados e 1 Acordeão»

LISBOA/Cinemas

PARIS
21.15 (18 anos)
«Chinatown»
CINE-BOLSO
21.00 (18 anos)
«Relações Escaldantes»
SATÉLITE
21.30 (18 anos)
«Bela Dona»
EUROPA
21.15 (13 anos)
«Funny Lady»
(Uma mulher endiabrada)
OLÍMPIA
21.00 (18 anos)
«As Fotos Proibidas de Uma Pessoa de Bem»
JARDIM
21.00 (13 anos)
«O Colaboracionista
LUMIAR
21.15 (10 anos)
«Manu, o Filho da Suiva»
PROMOTORA
21.00 (13 anos)
«Juntos são Dinamite»
ARCO ÍRIS
21.00 (18 anos)
«Espada Invencível»

LINHA DE CASCAIS

CASCAIS
Oxford
21.15 (18 anos)
«Camile 2000»
CASCAIS
S.José
21.15 (6 anos)
«Os Dois Missionários»
OEIRAS
Oeiras-Cine
21.15 (18 anos)
«Os Punhos Mortais de Kung Fu»
ESTORIL
Palácio
21.15 (13 anos)
«Um Dia de Sol»
ESTORIL
Casino
18.30 e 21.15 (18 anos)
«A Fúria do Desejo»

LINHA DE SINTRA

SINTRA
Carlos Manuel
21.00 (18 anos)
«A Raça dos Senhores»
AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (13 anos)
«Enquanto há Guerra há Esperança»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Karate em Hong-Kong»

PORTO/Teatros

ANTÓNIO PEDRO
22.00 (13 anos)
«As Artimanhas de Scapino»
SÁ DA BANDEIRA
21.15 (18 anos)
«Família Até Certo Ponto!»

PORTO/Cinemas

ESTÚDIO FOCO
21.15 (18 anos)
«O Marquês de Sade»
OLIMPIA
21.15 (13 anos)
«Para nós é Canja»
VALE FORMOSO
21.15 (13 anos)
«Miti»
JÚLIO DINIS
21.15 (18 anos)
«A Volta cá te Espero»
S. JOÃO
21.15 (13 anos)
«Funny Lady»
ÁGUIA DE OURO
21.30 (18 anos)
«Três Tipos Duros»
RIVOLI
21.15 (18 anos)
«Kermesse Erótica»
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Viagem entre Mulheres»
BATALHA
21.15 (18 anos)
«Mr. Majestik»
TRINDADE
21.15 (18 anos)
«Meu irresistível Selvagem»
COLISEU
21.15 (18 anos)
«Relações Escaldantes»
ESTÚDIO
21.15 (18 anos)
«Eu e Ele»
CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
«O Último Dever»

COIMBRA

AVENIDA
21.15 (18 anos)
«Delícias Turcas»
RIVOLI
21.15 (13 anos)
«Aaina»
GIL VICENTE
21.15 (18 anos)
«Os Escravos»
S. TEOTÓNIO
21.15 (13 anos)
«Papillon»

cinemas

CASTIL

T. 530194 14.30, 16.45, 19.00 e 21.15

Int. a men. 18 anos
MINHA MÃE, MINHA AMANTE
c/ George C. Scott e Frish Van
ante-estreia hoje às 24 h.
PODER DO MAL
(Int m 18 anos)

IMPÉRIO

T 555134 15.30, 18.30 e 21.15

Não acons. a M/ 18 anos
«MEIA NOITE DE PRAZER»
Com Monica Vitti, Claudia Cardinale e Giancarlo Giannini
2 ª Semana

POLITEAMA

T 326305 14 15, 16 30, 19 e 21 30

Não acons. a menores de 13 anos
Giulliano Gemma no filme
CORBARI O REVOLUCIONÁRIO
Perante um dilema sangrento: Liberdade ou Morte

VOX

T 720808 14 15, 16 30, 19 e 21 15

(Não acons. a men. 18 anos)
A Grande Comédia do Ano!
UM FIM-DE-SEMANA DE GRITOS
um filme de Michel Audiard

ROMA

T 727778 Estreia às 21 15 h.

Não acons men 18 anos
TERNAS AMIGAS
Amanhã o mesmo programa

D. JOÃO V DAMAIA

T. 971794 24.00 h

Não acons. a menores de 13 anos
FRANKENSTEIN
16.00 e 21.15 (M. 6 anos)
OS MALUCOS VÃO A GUERRA

RTP

1.º Programa

15.00: Painel da tarde. **18.00:** Música portuguesa **19.00:** Música variada **20.00:** Jornal da noite, **20.30:** Jazz. **21.00:** 29 episódio do folhetim «O Muro Branco», de Alves Redol, numa adaptação de Costa Ferreira; **21.15:** Contraponto. **23.05:** Rádio revista, por Luís Pereira de Sousa **00.00:** Último jornal; **00.30:** Retrospectiva. **01.00:** Saída e encerramento dos Regionais do Porto, Norte 1, Coimbra, Faro, Guarda, Covilhã, Viseu, Ponta Delgada e Horta. música na noite

2.º Programa

16.22: A cravista Wanda Landowska. **16.35:** Música de câmara de Brahms. **17.05:** Obras de Cesar Franck e Ravel; **17.45:** Musica de Telemann. **18.00:** Música de piano. **18.23:** Sonatas para instrumentos diversos. **18.45:** 11 concerto integrado na temporada 1975/76, em que colabora a Orquestra da Radiodifusão Portuguesa, dirigida pelo maestro Garcia Navarro e o flautista Joan Haimes; **21.00:** Um ciclo de melodias. **21.30:** Obras de Balakirew; **22.00:** Quarteto, de Ravel; **22.30:** Música de Verdi. **23.00:** Intercâmbio musical. **23.32:** «La Serva Padrona», ópera em um acto, de Pergolesi. **00.14:** Conjuntos de câmara; **01.00:** Fecho

3.º Programa

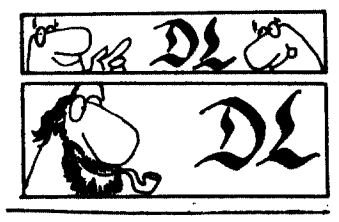
16.00: Emissão nacional. ela por elas casos ao acaso, de Orlando Dias Agudo (repetição); **16.30:** Vamos ao médico, com o dr. José Matildes (repetição); **18.00:** Em ssão regional contacto. teatro trágico, dos Parodiantes de Lisboa; **21.00:** Música, só música; **21.30:** Quando o telefone toca, **23.00:** A música e as vozes

4.º Programa

16.00: Música variada, **17.00:** Canções, **18.00:** Apenas música, **19.00:** Em órbita; **20.00:** Orquestras, **21.00:** Concerto; **22.00:** Auditório; **24.00:** Prisma, **02.00:** Fecho

RÁDIO RENASCENÇA

16.05: Sequência da tarde; **18.00:** Trechos seleccionados, **18.15:** Palavra do dia, **18.30:** Transmissão do terço; **19.00:** Programa da Liga dos Amigos de R R **20.00:** Objectivo **21.05:** Pentagrama, **22.00:** Quando o telefone toca. **22.30:** Temas vivos **23.05:** Trifónico. **23.30:** Dicionário político. **02.00:** Encerramento da estação



CALEIDOSCÓPIO

T.795093 15.00 e 21.00

Não acons. a menores de 13 anos
dois filmes, duas concepções do futuro!
«SOLARIS» de Andre Tarkovski
Sessão as 18.00
«2001 Odisseia no espaço» de Stanley Kubrick
4.ª Semana

EDEN

T. 320768 15.00, 18.00 e 21.15

Não acons. a menores de 13 anos
BOBBY
c/Rish Kapoor - Pran - Premnath
O primeiro amor entre adolescentes
um filme de Rajkapoon

ODEON

T. 326283 15.15, 18.15 e 21.15

Não acons. a menores de 13 anos
Constante gargalhada com
A DOCE VIDA DO DELICADINHO
Era dramático... a «Serpente» da sobra mandava-o assinar letras para comprar «luxos» de casa
(Eastmacolor)

APOLO 70

T.763319 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

Não acons a menores de 13 anos
Festival Apolo 70
CHOVE EM SANTIAGO
ÀS 24.00 Grupo D (18 anos)
O HOMEM COM VISÃO DE RAIO X

CASINO ESTORIL

T.264621 18.15 e 21.15

Não acons a men 18 anos
A FURIA DO DESEJO
Às 15 h (M. 6 anos)
OS MALUCOS NO SUPERMERCADO

S. JORGE

T. 554153/4 15.1518.15 e 21.15

Interdito a menores de 18 anos
um filme sensacional de
CHARLES BRONSON é
«MR. MAJESTYK» 2.ª Semana

RESTELO

T.610375 21.00

Para todos
OS DOIS MISSIONÁRIOS

AVIS

T. 47163 15.30, 18.30 e 21.15

Não acons. a menores de 18 anos
UM DETECTIVE SEM IMPORTÂNCIA
Um filme de Jean Larriaga
Amanhã o mesmo programa

ESTÚDIO

T 555134/ 15.00, 17.00, 19.00 e 21.15

Não acons. a menores de 13 anos
O HOMEM NÃO É UM PÁSSARO
um filme de Dusan Makavejev

ESTÚDIO 444

14.30, 16.45, 19.00, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos
MALÍCIA DE VÉNUS
5.ª Semana
Hoje às 24 (Int. a M 18 anos)
CLUBE PRIVADO

CARLOS MANUEL SINTRA

T.2930394 Às 21 horas

Não acons men 18 anos
A RAÇA DOS SENHORES
Amanhã: Int. M. 18 anos)
O JUSTICEIRO DA NOITE

MUNDIAL

T.538743 15.15, 18.30, 21.15

Não acons. a men. de 18 anos
«QUANDO O AMOR É SENSUALIDADE»
c/Agostina Belli

UNIVERSAL

T.774402 15.00, 19.00, 21.00

Não acons. a men. 13 anos
COMISSÁRIO DA LUZ
Às 17 e 23 h
JOSÉ DIOGO, TORRE BELA E GREVE DA CONSTRUÇÃO CIVIL
(Para todos) - Sábado às 00.30 h
IREI COMO UM CAVALO LOUCO

CONDES

T. 322523 14, 16.30, 18.45 e 21.15

Interdito a menores de 18 anos
CONVÈM FAZER BEM O AMOR
c/ Luigi Provietti-Eleanora Giorgi

BERNA

T.776098 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

Para todos maiores de 6 anos
OS DOIS MISSIONÁRIOS
Um filme de Franco Rossi
Bud Spencer-Terence Hill
15.ª semana

LONDRES

T.801313 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos
A RIVAL
Com Bibi Andersen e Jean Piaf

ROXY

T.48560 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

(Int m. 18 a.)
6.ª Semana
O BORDEL DE NAZIS!
C/Helmut Berger e Ingrid Thulin
Colorido

TIVOLI

T 570595 15.15 e 21.15

Não acons a men de 18 anos
A NOITE DO PECADO
um filme de James Ivory
com Raquel Welch James Coco Perry King
Hoje às 14 15 e 18 00
Ultimas exibições do filme
A TORRE DO INFERNO

ALVALADE

T. 897480 15.30, 18.30 e 21.15

Não acons. a menores de 18 anos
O NINHO DE ESPIÕES EM ISTAMBUL
Um filme de Peter Collinson

PATHÉ

T. 821933 14.45, 18.00, 21.15 e 24h

Não acons. a menores de 18 anos
7 ª Semana
O maior espectáculo jamais filmado!
A TORRE DO INFERNO
Atenção: o filme começa a hora do espectáculo

NIMAS

T.574362 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos
um filme de Rene Lalorex
7.ª Semana
O PLANETA SELVAGEM
6 Grandes prémios internacionais

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TECNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA PORTUGAL

Cinco nomes para Belém

Continuação da pág. 1

Com a formalização das cinco candidaturas — Ramalho Eanes, Octávio Pato, Pinheiro de Azevedo, Otelo Saraiva de Carvalho e Pompílio Cruz — as respectivas forças apoiantes intensificam a actividade de apoio. Multiplicam-se, paralelamente, os actos públicos com a presença dos candidatos, muitas vezes através da deslocação dos próprios a diversos pontos do País.

Neste sentido, foi já chamada a atenção para a posição desfavorável dos candidatos que não ocupam actualmente lugares oficiais e que, por isso, se vêem privados da utilização de recursos do Estado. A alusão visa, directamente, as deslocações de Pinheiro de Azevedo como Primeiro-Ministro e candidato, e abrangem ainda as efectuadas por Ramalho Eanes no período anterior ao da apresentação do seu processo no Supremo Tribunal de Justiça, e ao termo do exercício das funções de chefe do EME.

Quanto à actividade partidária, a mesma antecipa-se ao período oficial da campanha eleitoral, com a realização de diversos comícios em diferentes pontos do continente. Só o Partido Socialista tem já estabelecidos 15 comícios, de apoio a Ramalho Eanes, tantos quantos os dias que nos separam do início da campanha eleitoral, e o primeiro dos quais decorreu ontem em Lisboa. Otelo Saraiva de Carvalho, por sua vez, estará esta noite presente a uma «concentração popular» na cidade do PJorto. O Partido Comunista entretanto, marcou para esta noite, em Lisboa, no Campo Pequeno, um comício para apresentação à população de Lisboa das razões que levaram a avançar com a candidatura de Octávio Pato.

QUE OPÇÃO?

Sobre a definição dos candidatos, em termos de opção partidária, a mesma torna-se difícil, com excepção de Octávio Pato, que se apresenta claramente como candidato do PCP, disposto a polarizar não só o sector comunista como um vasto leque de forças democráticas e progressistas, interessadas no desenvolvimento do processo revolucionário.

O caso mais complexo é, para a generalidade dos observadores, o de Ramalho Eanes, para o qual convergem apoios como os do PS, PPD, CDS, PS-DI, MRPP, AOC e PC de P (m-l), além de grupos políticos e económicos como a CAP e a CIP. Definindo-se a si próprio como candidato independente, acima, portanto, dos partidos que convergem para a sua candidatura, a movimentação partidária em torno da sua figura parece ter por inevitável a necessidade de uma demarcação clara. Nesta altura, a colocação da tónica da sua actuação na defesa e respeito da Constituição, como repetidamente tem sido feito por Eanes, mostra-se insuficiente, dada a «viragem de última-hora» operada pelo CDS e pelo próprio PPD em relação aquele importante tema.

No que se refere a Pinheiro de Azevedo, os apoios à sua candidatura estão ainda longe de se definirem. Independentemente das conotações que possam ser atribuídas a declarações que remetem o futuro de Portugal para decisões tomadas em Washington, o facto é que Pinheiro de Azevedo, embora sem partidos a apoiá-lo directamente, se mostra confiante no suporte que poderá receber de bases do PS, PPD e do próprio CDS, mobilizadas nos últimos meses do ano passado em grandes comícios de apoio à sua figura como Primeiro-Ministro.

Pinheiro de Azevedo e Pompílio da Cruz estiveram presentes ao sorteio desta manhã

Otelo Saraiva de Carvalho, que conta o apoio de partidos como a UDP, MES, FSP e PRP, nas declarações até agora proferidas, parece apostar na hipótese de uma mobilização popular em torno da sua figura, a qual exceda os escassos três por cento do eleitorado, obtido por três dos partidos apoiantes nas últimas eleições legislativas.

Finalmente, sobre Pompílio Cruz, a sua candidatura poderá apenas merecer o apoio de alguns sectores de retornados e de eventuais votantes de extrema-direita, não aparecendo como significativa.

Zapping

CRITÉRIOS

«Eu passei alguns anos em Macau. Nesse tempo, a China era um país miserável, havia generais que dominavam regiões formidáveis e faziam massacres. Era um pavor. Fez-se a Revolução. Pois bem, logo que o Poder se estabilizou, os chineses, sem a ajuda de praticamente ninguém e até combatidos, trabalharam 70 e mais horas por semana. Pode não ser maravilha, mas o certo é que ninguém hoje morre de fome, na China» — afirmou o brigadeiro Pires Veloso, ao visitar, ontem a «ÂMBAR», recentemente destruída pelo fogo e que agora retomou parcialmente a laboração. O patrão empenha-se na reconstrução da fábrica e, para tanto, conta com o apoio oficial, já expresso.

Uma nota: o brigadeiro Pires Veloso certamente queria estimular os trabalhadores portugueses a trabalharem 70 horas e mais. Em nome de que (ex-)Revolução não disse. Ou seja, ao referir a China refere o desaparecimento dos «generais-patrões» lá e «esquece» o que se passa por cá.

Sobre as greves, também o comandante da R.M.N. falou e responsabilizou «gente que não quer trabalhar e nada produz». Enfim, são critérios na avaliação das coisas. Mas não percebemos como se pode falar de greve, da parte de quem não quer trabalhar e nada produz. Será greve dos patrões?

Outra preocupação de Pires Veloso: a eterna dependência do Porto em relação a Lisboa: «Porque é que a TV não tem um canal todo no Porto?» Nada a comentar.

NÃO CONSIGO PERCEBER

A «Associated Press» perguntou ao almirante Pinheiro de Azevedo: «Se o PC fizer o jogo democrático, pensa que os outros partidos e o próprio presidente da República estarão dispostos a deixar o PC entrar no Governo?» Resposta do sr. almirante: «Isso depende da política americana. A decisão está na América. Nos Estados Unidos. Está, porque a posição geopolítica ocidental está intimamente ligada às decisões da América. Portanto se a América evoluir no conceito bilateral com os partidos comunistas, pois até é possível. Portanto, é o problema da estratégia geral, da política geral».

A «Associated Press» perguntou e o sr. almirante Pinheiro de Azevedo respondeu. Isto percebo. O que não percebo é se o sr. almirante, que é ainda Primeiro-Ministro e candidato a Presidente da República, estava a brincar ou a falar a sério. Se estava a brincar direi que é de mau gosto brincar com coisas sérias. Se falava a sério não percebo mais para que há Governo, Assembleia, Constituição, Presidência da República, eleições e tudo o mais. Se a América é que diz como vai ser, se a América é que decide, o menos que nos resta é aprender a falar americano... e exigir que se comece a treinar o gosto pela coca-cola.

MANUEL DE AZEVEDO

Dia Mundial da Criança

"Podemos, por um dia..."

«Lutar pelo direito da criança à vida é lutar pela paz, pelo desarmamento, contra a opressão e a exploração» — afirma o Movimento Democrático das Mulheres na sua Declaração para o Dia Mundial da Criança, que se comemora oficialmente no dia 1 de Junho.

Depois de acentuar que só depois do 25 de Abril é possível comemorar publicamente o Dia da Criança, acentua o MDM: «Mas se é verdade que as crianças vão receber nestes poucos dias, atenções e cuidados, é também verdade que para muitas delas o resto do ano é feito de abandono, de fome e miséria».

«Podemos, por um dia, pôr as crianças a pintar — mas sabemos que grande número delas, pelo País não têm escola, ou quilómetros as separam.

«Podemos, por um dia, dar teatro ou cinema às crianças — mas sabemos que em muitas aldeias, por esse País fora, nem sequer electricidade existe.

«Podemos, por um dia, proporcionar encontros de crianças com pessoas que para elas escrevem — mas sabemos que, pelo País fora, adquirir livros é um luxo quase proibitivo. Não existem bibliotecas, o analfabetismo permanece.

«Podemos, por um dia, dar às crianças o direito de brincar, mas a realidade diz-nos que, em Portugal, duzentas mil crianças, com menos de catorze anos, trabalham em profissões perigosas para a sua saúde física, mental e moral».

O MDM exorta as mulheres a lutar pela «construção de um Portugal onde todas as crianças sejam iguais, onde se possam desenvolver plenamente, sem quaisquer discriminação.»

Entretanto, Comissões de Moradores, de Trabalhadores e Escolas já delinearam o seu programa, que começa hoje e se prolongará até ao próximo dia 6.

Assim, em Queluz, as comemorações principiam esta tarde com uma sessão de ginástica no quartel novo dos Bombeiros Voluntários e termina no próximo dia 6 com jogos infantis, palhaços, atletismo e corridas de bicicletas. Em Alenquer, as festas foram adiadas para os dias 5 e 6 de Junho em que, nas instalações do Sporting e pelas ruas da vila, as crianças poderão fazer ginástica, assistir a sessões de teatro e largadas de balões. E o programa não varia muito mais do que isto em todo o País. Quer em Torres Vedras, quer em Coimbra ou no Porto. No programa a levar a efeito nesta cidade constam visitas culturais e de estudo, incluindo a RTP e o «Jornal de Notícias» e viagens gratuitas nos transportes colectivos da cidade.

"Taxi Driver" (E.U.A.) premiado em Cannes

CANNES, 29 (FP e R) — O Festival Internacional de Cannes 1976 consagrou ontem a vitória do cinema norte-americano, com «Taxi driver», de Martin Scorsese, sátira social acerba e violenta sobre a vida novaiorquina.

Esta recompensa foi acolhida com ironia pela Imprensa, dadas as reacções do presidente do juri, Tennessee Williams, contra a presença da violência nos «écrans» de Cannes.

Dois outros realizadores ambiciosos e exigentes, foram premiados: o francês Eric Rohmer, através da Alemanha, «Marquesa d'O», segundo a novela de Kleist, e o espanhol Carlos Saura, com «Cria cuervos».

Um outro filme espanhol foi recompensado, pelo seu intérprete José Luis Gomez («Pascual Duarte»).

Este despertar do cinema ibérico, saudado pelo juri, satisfez a crítica internacional presente em Cannes.

Na cerimónia oficial da entrega dos prémios, decorrida noite passada no palácio do festival a abarrotar de convidados em trajo de cerimónia, apupos e assobios saudaram o palmarés mais impopular dos últimos anos.

No festival foram batidos todos os recordes de afluência: mais de 40.000 espectadores, ou seja 30 por cento de aumento. 1.800 jornalistas, 200 fotógrafos, perto de 3.000 produtores e distribuidores estrangeiros. Registaram-se diariamente verdadeiras lutas para a entrada nas salas de projecção.

Vítimas do seu êxito, os responsáveis do festival encontram-se inquietos. A capacidade hoteleira e teatral da localidade já não permite albergar tantos visitantes cinéfilos.

Plenário nos "Machados" com a tropa de abalada

BEJA, 29 — Um forte aparato policial e militar tomou ontem posições nos acessos à Herdade dos Machados com o fim de bloquear a passagem aos trabalhadores raurias do concelho de Moura que, segundo uma nota oficiosa do Ministério da Agricultura e Pescas, «se deslocariam à herdade para uma jornada de trabalho». De facto realizou-se uma jornada de trabalho, mas essa no domingo, dia 15, não estando prevista qualquer iniciativa desse género num momento em que o Ministério, fazendo tábua rasa da vontade expressa pelos trabalhadores em plenário efectuado há duas semanas, pretende impor a presença da Comissão Administrativa.

O MAP, demonstrando que não está interessado em dialogar com os organismos representativos dos trabalhadores, requisitou um dispositivo policial e militar para fazer cumprir pela força a sua determinação. Por sua vez os trabalhadores agrícolas dos concelhos de Moura e Serpa, num plenário que teve lugar no largo do Mercado de Moura, reafirmaram «o seu apoio aos camaradas dos Machados» e aprovaram uma moção na qual manifestam «o seu total repúdio pelas ingerências em assuntos que, segundo a Constituição, só aos trabalhadores dizem respeito». Na moção exige-se ainda «a entrega imediata da Herdade dos Machados aos trabalhadores».

Neste momento decorre na Herdade dos Machados uma reunião de trabalhadores com a participação de José Soeiro, dirigente do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas de Beja e as forças militarizadas e militares começaram a retirar. Pensa-se, segundo fontes sindicais, que o conflito vai ser resolvido brevemente com a eleição por sectores de uma nova comissão mista que integrará trabalhadores e representantes do Governo.

Apanhado com a acha na mão

Incêndiário recebia 200 escudos por fogo

PORTO, 29 — Duzentos escudos por incêndio era quanto quatro indivíduos, ainda não detectados, pagavam a Alberto Bastos Pinto, de 22 anos, do lugar das Travessas, S. João da Madeira, para atear fogos. Na última quarta-feira, o incendiário foi surpreendido a atear fogo a um pinhal em S. Roque, concelho de Oliveira de Azeméis, e detido por quatro agentes da GNR.

As «actividades» (17 incêndios no total) do Alberto Bastos Pinto estenderam-se por três concelhos (entre pinhais e bouças) e sete freguesias. Entre os primeiros temos S. João da Madeira, Oliveira de Azeméis e Vila da Feira, e nos últimos Milheirós de Poiares e Arrifana (concelho da Vila da Feira), Cesar, Fajões e Couto de Cucujães (Oliveira de Azeméis) e Minas do Pintor e Toca do Velhinho (S. João da Madeira).

Boi devora guardador

GUARDA, 29 — Depois de derrubar um rapaz de 15 anos, que o guardava, um boi atirou-o para uma valeta e devorou-o parcialmente. O caso, que horrorizou a população local ocorreu na Aldeia da Ponte, concelho de Sabugal.

O animal foi abatido pela GNR.

Meio século depois velhos soldados voltam à Flandres

A fim de participar nas cerimónias comemorativas do combate de 9 de Abril de 1918, encontram-se em Lacouture, uma deputação de velhos soldados portugueses das trincheiras da Flandres.

A participação é promovida pela Liga dos Antigos Combatentes.

gloria te ipsum

Por JOSÉ CARDOSO PIRES

Graças Vos dou, deuses do Acaso, pela Vossa providência: Porque, apesar da cartilha, da regra e do infortúnio que retrairam a minha alegria de escolar, me foi concedido o gosto de admirar a palavra e de a sentir como coisa viva, pegada ao tempo; Porque perdi muitos ensinamentos e nomes de heróis que os compêndios davam como imortais e eram apenas mortos; Porque os azares me ensinaram que em nação de Vossa Excelência a moral é violenta, o cronicão sapiência e a boa paz sonolência; Porque, tendo aprendido Camões à força de sintaxe, e do mesmo modo Mestre Gil e outros Magníficos, a todos voltei e ainda estou; Porque, instruído que fui nos ferozes regimentos de uma língua a vários títulos solene e paramentada, ainda assim me entendo na do geral quotidiano. E por isso digo merda sem ser pelo prontuário. E violo, sempre que posso, a Alma Mater, essa flor carnívora, pintelhuda; Porque depois de muita Gramática em ladaínhas de decreto palmatória, não se irracionalizou de todo a minha leitura. — Razão por que tive a felicidade de descobrir alguns inventores da expressão lavrada, sen. esquecer os poetas, que são heréticos naturais, sem regra nem descanso e sempre de rimar aventuroso; Porque, finalmente, tirei pela prática dos exemplos maiores que para o escrever exacto o necessário é saber gramática e depois esquecê-la. Por tudo isto, honra Vos faço, meus irmãos de pátria e de rua, que a toda a hora me corrigis a infância maltratada e de quem vou tirando lição para me contar.

29 de Maio de 1976

sete PONTO sete

AGENDA SEMANAL DOS TEMPOS LIVRES

ARTE, ESPECTÁCULO, PASSATEMPO & DIVERSOS

suplemento semanal
Diário de Lisboa

teatro 3
carlos porto

7 cinema
jorge leitão ramos

livros 11
luís miranda rocha

13 discos
j. p. santos reis

música 14
mário vieira de carvalho

15 desporto
neves de sousa

gastronomia 16

20 artes plásticas

televisão 22

Coordenação de Mário Lindolfo
Orientação gráfica de
Rodil Garcia e Luísa Cardoso
Lisboa, 22 a 28 de Maio de 1976

Há umas poucas d'épocas, um filósofo com a mania das grandezas disse uma coisa que os latifundiários e racistas de todos os tempos nunca lhe perdoaram: «Cogito, ergo sum». A partir daí, houve quem se metesse a pensar no que disse o filósofo, Renato de sua graça, geralmente na tentativa de se «Descartar» de graves responsabilidades. Alguns pretendem mesmo explicar o próprio parasitismo com a gracinha «penso, logo asilo». O que vem a seguir, é um passatempo. O leitor só tem que colocar sobre o tracejado o nome dos políticos (e não só) que no nosso país poderão pensar assim:

pen S o, logo exilo (-------)

penso, logo d E sisto (----- -----)

penso, logo insis T o (-------- -- -------)

penso, logo E xijo (----- ------)

penso, logo bis P o (-------)

pens O, logo arrisco (------)

penso, logo i N visto (-- --------)

penso, logo cris T o (----- -------)

penso, l O go assisto (----- ---------)

penso, logo "elpi S to"(-------- -- ----)

penso, logo E vito (------ -- -------)

penso, logo resis T o (-----)

penso, logo E xisto (---------)

(soluções possíveis na pág. 21)

(série filmada. Vai no 4.º episódio)

13.55 Logo à noite
(cartaz dos programas da RTP e dos cinemas e teatros)

14.10 Ciclo Preparatório TV

19.00 Gente do amanhã

19.30 Há só uma terra
(o programa é de Luís Filipe Costa. A priori, é recomendável)

20.00 Com todas as letras

20.30 Telejornal (2.ª edição)
(noticiário do País e do estrangeiro)

21.00 Sweeney
(o prestígio da polícia inglesa pelas ruas da amargura. A grande desmistificação dos métodos britânicos, afinal tão «científicos» como os da GNR)

22.00 O fim do colonialismo?
(programa integrado na semana de solidariedade com os povos colonizados da África Austral)

23.00 Telejornal (3.ª edição)
(as últimas do País e do estrangeiro)

II Programa

20.00 Paulo e Virgínia
(se não viu — no I Programa —, perca)

20.30 Ensaio
(um trabalho dos trabalhadores da Planigrafe)

21.10 TV Jazz
(os momentos altos (e baixos) do Festival de Cascais)

22.20 Telejornal
(em diferido do TJ 2 do I Programa)

Quarta, 2

I Programa

13.15 Telejornal (1.ª edição)
(primeiras notícias — nacional e estrangeiro)

13.30 O soldado e eu
(reaccionaríssimos: o soldado e ele)

13.55 Logo à noite
(cartaz dos programas da RTP e dos cinemas e teatros)

14.10 Ciclo Preparatório TV

19.00 Formação

19.30 Magazine do Norte

20.00 Educação permanente

20.15 Vamos jogar no totobola
(Fialho Gouveia e o totobolinhas dão sugestões para o próximo boletim)

20.30 Telejornal (2.ª edição)
(noticiário do País e do estrangeiro)

21.00 Programa do EMGFA
(militar, rígido, marcial)

21.30 Noite de cinema

(Gary Cooper é «O homem do Oeste»)

23.00 Telejornal (3.ª edição)
(as últimas de quarta)

II Programa

20.00 O soldado e eu
(experimente o I Programa. À mesma hora, «Educação Permanente»)

20.30 As pedras e o Homem
(rubrica de carácter cultural)

21.00 Pesquisa

(novo episódio de uma série de aventuras)

22.00 Expedição

22.30 Telejornal
(em diferido do TJ 2)

Quinta, 3

I Programa

13.15 Telejornal (1.ª edição)
(primeiras notícias — nacional e estrangeiro)

13.30 Série filmada

13.55 Logo à noite
(programas da RTP e dos cinemas e teatros)

14.10 Ciclo Preparatório TV

19.00 Um mundo para descobrir
(esperemos que não se trate de alguma nova colónia...)

19.30 A Flecha Negra
(onde se prova que Lord William é o verdadeiro vilão. O juiz ordena que o nobre fique preso...)

20.00 TV Palco
(o que se passa no mundo teatral português, numa selecção caeiriana)

20.30 Telejornal (2.ª edição)
(notícias do País e do mundo)

21.00 Momento Político
(espera-se que determinada personalidade política chegue a tempo da gravação)

21.30 O barão Von der Trenck
(vamos no terceiro episódio. Depois de onze meses de cadeia, o jovem barão consegue evadir-se e alcançar a Boémia)

22.30 Telejornal (3.ª edição)
(as últimas notícias do País e do estrangeiro)

II Programa

20.00 Série filmada

20.30 Noite de teatro
(«A Legenda do Cidadão Miguel Lino». Uma peça com indiscutível interesse)

22.10 Telejornal
(em diferido do TJ 2 no I Programa)

Sexta, 4

I Programa

13.15 Telejornal (1.ª edição)
(primeiras notícias do País e do estrangeiro)

13.30 Pipi das meias altas

13.55 Logo à noite
(cartaz dos programas da RTP e dos cinemas e teatros)

14.10 Ciclo preparatório TV

19.00 Ver e pensar

19.30 As pedras e o Homem

20.00 Momento desportivo

20.30 Telejornal (2.ª edição)
(serviço de notícias, do País e do estrangeiro)

21.00 Terra a terra minha gente
(É o concurso da RTP, desta vez dedicada a Viseu. Oferta provável aos concorrentes: um palanque de engraxador com guizos, característico da região)

22.30 Cinema-76
(quem é que disse que o Tropa é monocórdico?)

23.00 Telejornal (3.ª edição)
(as últimas notícias)

II Programa

20.00 Pipi das meias altas
(sardenta, com um grãozinho de loucura)

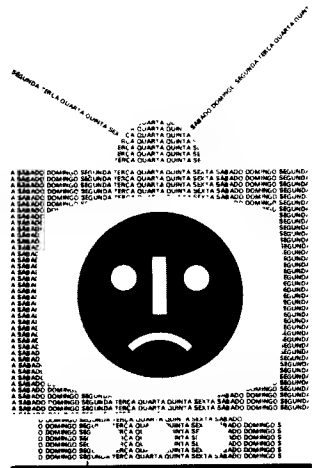
20.30 Fronteiras do amanhã
(os progressos tecnológicos da Ciência)

21.00 O Mágico

(já o dissemos antes, mágico é o telespectador com paciência para «aguentar» os processos acientíficos de Bill Bixby, no papel de Tony Blake)

21.45 Passatempo

22.15 Telejornal
(em diferido do I Programa)



TV/PONTO

sábado

I Programa

13.15 Telejornal (1.ª edição) *(as primeiras notícias do dia — nacional e estrangeiro)*

13.30 Hoje pode ver *(cartaz dos programs da RPT e dos cinemas e teatros)*

13.40 Desenhos animados

13.55 Stop *(Filipe Nogueira, sempre coerente: a Autoridade é que sabe)*

14.00 Retrospectiva *(os acontecimentos desportivos da semana, no país e no estrangeiro)*

14.10 Culinária *(na cozinha é um descanso)*

14.40 Falar de educação *(é urgente, falar de educação)*

15.00 Documentário *(por altura do fecho do 7.7 este «documentário» era ainda top secret)*

15.30 Fungágá da Bicharada *(uma ofensa à inteligência das crianças)*

16.00 Cinema de animação *(o pouco à-vontade de Vasco Granja é muito ilusório. Ele está mais por dentro do cinema de animação que fruto de abacate)*

17.00 Campeonato Nacional de Basquetebol — 1.ª divisão *(p'ra quem gosta de bola-ao-cesto, é o máximo)*

18.45 Concerto *(depois do basquetebol, Beethoven (sinfonia n.º1) e Mozart (concerto em Ré Maior) fazem o equilíbrio. A interpretação é da Orquestra Sinfónica da RDP (Radiodifusão Portuguesa) e do flautista Joan Haimes.)*

19.40 A Casa de Jalna *(o conflito de gerações ao ritmo de folhetim. Nos últimos episódios, a Casa de Jalna fazia lembrar à Casa da Mariquinhas).*

20.30 Telejornal (2.ª edição) *(noticiário do país e do estrangeiro. As pessoas menos avisadas julgam que são os locutores quem faz as notícias. E ouvem-se coisas assim: «O Balsinha deu-lhe forte...»)*

21.05 Noite de Ópera *(desta vez, «O Barbeiro de Sevilha», de Rossini. Se um mecânico entra no S. Luiz de fato-macaco, Aqui d'El Rei, que o homem cheira a gasóleo. Dá-se-lhe, no entanto, a possibilidade de ver ópera pela Televisão, para começar a habituar-se. Uma espécie de «Ópera sem Mestre» ou «A Ópera em 30 dias». Pretende-se que, amanhã, as pessoas não digam que «no S. Luiz, está Verdi, não presta»)*

23.40 Telejornal (3.ª edição *(o que vai pelo Mundo, numa selecção dos serviços redactoriais da RTP)*

II Programa

20.00 Frei Hermano *(os estúdios do Porto insistem com Hermano que não respeita o 11.º Mandamento: Não Cantarás!»)*

20.30 Noite de cinema *(o filme «Homens em casca de noz». Nem toda a gente viu, apesar de ter sido produzido em 1956. Há portanto 20 anos)*

22.00 Telejornal *(hora e meia depois: em diferido da edição transmitida às 20.30 no I Programa)*

domingo

I Programa

12.00 Missa de domingo *(Religião católica não se discute)*

12.45 Expedição *(série filmada)*

13.15 Telejornal (1.ª edição) *(as primeiras notícias do dia — nacional e estrangeiro)*

13.30 Hoje pode ver *(cartaz dos programs da RPT e dos cinemas e teatros)*

13.40 Heidi *(a anestesia sob a forma de desenhos animados)*

13.55 Presença do Brasil *(isto é, presença do Brasil de Geisel)*

14.15 Automobilismo *(o Grande Prémio de Mónaco, via Eurovisão, em 30 minutos. Adriano Cerqueira comenta e locuta)*

14.45 Tarde de cinema *(o filme: «Os sapatos brancos», realizado por Giorgio Pelloni)*

16.05 Automobilismo *(o regresso do Grande Prémio de Mónaco e de Adriano Cerqueira)*

16.45 Hoje há palhaços *(é pena que nem toda a gente saiba que todos os televisores têm um botãozinho que serve para desligar)*

17.30 O Povo e a Música

18.00 TV Rural

18.30 Uma cidade ao fundo da estrada *(série filmada)*

19.25 Apilcultura *(se, depois disto, o telespectador não souber distinguir a abelha-mestra das outras, dedique-se à pesca)*

20.00 Rock em Stock *(um impressionante stock de rock)*

20.30 Telejornal (2.ª edição)

21.00 Telefutebol *(o futebol profissional ocupa 40 minutos de televisão)*

21.40 Gente desconhecida *(uma das raras séries filmadas com interesse)*

23.15 Telejornal (3.ª edição)

II PROGRAMA

20.00 Encontro *(a programação da RPT não diz com quem. Mas há-de haver Encontro)*

21.15 Em qualquer parte aprendemos *(Jardim Botânico)*

22.00 Telejornal

Segunda, 31

I Programa

13.15 Telejornal (1.ª edição) *(primeiras notícias do dia — nacional e estrangeiro)*

13.30 O Regador Mágico *(com o génio e o empregado de balcão a «meterem água»)*

13.55 Logo à noite

14.10 Ciclo Preparatório TV

19.00 Badminton *(campeonatos internacionais)*

20.30 Telejornal (2.ª edição) *(noticiário do País e do estrangeiro)*

21.00 Momento Político *(ultimamente os políticos do momento não têm aparecido à hora da gravação: muito trabalho)*

21.30 Noite de teatro *(«A Morte no Bairro», numa transmissão dos Estúdios da RTP no Porto)*

23.00 Telejornal (3.ª edição) *(logo a seguir, o zip, perdão, o fecho)*

II Programa

20.00 O Regador Mágico *(para adormecer com o génio, que faz soooooono)*

20.30 Artes e ofícios *(um filme sobre os feirantes, homens e mulheres que trabalham duro para ganhar o-pão-nosso -de-cada-feira)*

21.00 Evasões célebres *(Desta vez, a Evasão de Casanova.*

21.55 Concerto *(Daniel Arpajou passa Bach ao piano)*

22.35 Telejornal

Terça, 1

I Programa

13.15 Telejornal (1.ª edição) *(as primeiras do dia — nacional e estrangeiro)*

13.30 Paulo e Virgínia

Brecht no Alentejo

Pioneiro do teatro independente, o Grupo 4 consegue construir um teatro que fica a ser provavelmente o espaço mais inteligentemente concebido do teatro português; e escolhe para inaugurar o Teatro Aberto uma das obras-primas da dramaturgia contemporânea, uma peça que o próprio autor — um tal sr. Bertold Brecht — levou 11 meses a ensaiar apesar dos enormes recursos do Berliner Ensemble. O prólogo do «Círculo de Giz Caucasiano», na versão de Luiz Francisco Rebello, decorre no Alentejo, localização que o leitor entenderá quando vir o espectáculo.

caixa do PONTO

O Teatro a que temos direito

«O CÍRCULO DE GIZ CAUCASIANO», de Bertolt Brecht. Versão: Luiz Francisco Rebello. Música: Paul Dessau e Pedro Osório. Encenação: João Lourenço. Cenários, Figurinos e Máscaras: João Vieira. Assistência coreográfica: Armando Jorge. Direcção de montagem: Luís Cipriano. Intérpretes: Ana de Sá, Antonieta Santos, Baltazar Terlica, Bruno Filipe (ou Paulo Jorge), Carlos Cristo, Carmen Dolores, Carmo Mateus, Costa Ferreira, Henriqueta Maya (ou Maria Helena Silva), Hugo Casaes, Irene Cruz, José Gomes, José Raymond, Josefina Silva, Luís Óscar, Manuel Cavaco, Morais e Castro, Raul Cardona, Rui Mendes, Vasconcelos Viana, Vicente Galfo, Vieira de Almeida, Zita Esteves. Direcção Musical: Pedro Osório. Músicos: Fernando de Albuquerque, Júlio de Carvalho, Pintinhas. Grupo 4. Teatro Aberto (à Praça de Espanha). 25-5-1976.

Estamos aqui, leitor, para fazer jogo limpo: pretendemos com as nossas palavras convencê-lo a ir ver determinados espectáculos ou avisá-lo de que outros espectáculos não merecem a sua atenção. Bastar-nos-ia, em boa consciência, dizer-lhe desta vez: vá à Praça de Espanha, ao Teatro Aberto, onde o Grupo 4 representa «O Círculo de Giz Caucasiano», de Brecht. Vá, ponha todos os pretextos para não ir de parte, e vá rir e chorar com as aventuras da criada Grucha e do juíz Azdak, e para ver finalmente que «Nada existe em si próprio; a História não se fixa nunca no Terror. O mundo é aberto. Entre a História e a Utopia uma reconciliação se esboça», nas palavras certas de Bernard Dort.

Como o nosso director não se contentaria com esta meia dúzia de linhas (e temos a ilusão de pensar que o leitor também não) convidámo-lo a seguir-nos numa viagem por um país longínquo onde nos esperam coisas admiráveis: viagem maravilhosa não pelas palavras do cronista (pobre de nós que não teremos palavras...) mas porque há anos o «pobre b. b.» escreveu esta peça e agora um punhado de portugueses a trouxe até nós, neste país em renovação, viva, e fresca e boa como uma laranja sumarenta e doce.

Com esta estreia, de resto, várias maravilhas aconteceram: a abertura de

um teatro onde é possível assistir a um espectáculo que dura mais de três horas sem arranjar uma espondilose, é uma delas. A malta do Grupo 4 entendeu (e já António Pedro o dizia) que o espectador tem direito a um mínino de conforto, e por isso o Teatro Aberto não é um teatro burguês, é um teatro para trabalhadores com bons assentos, boa visibilidade e boa acústica. Outra maravilha é, evidentemente, o próprio Grupo que conseguiu construir um teatro (havemos todos de o pagar) e conseguiu também construir em seis meses um espectáculo magnífico que é uma lição de amor e uma lição de história, que é um divertimento e um levantamento científico da realidade social, que é uma imagem de um mundo novo que vai passando da Utopia à História.

Podemos dividir «O Círculo de Giz Caucasiano» em três partes: o Prólogo ou a Revolução da Reforma Agrária; a História de Grucha ou a tentação da Bondade; a história de Azdak ou a tentação da Justiça. No final, a fusão destes duas histórias representa o desfecho teatralmente genial que permite ao espectador entender e analisar o significado profundo de ambas.

O prólogo decorre, no original, entre camponeses de dois «kolkozes» soviéticos. Luiz Francisco Rebello trasferiu a acção para o Alentejo em plena Reforma Agrária. Trabalhadores agrícolas discutem com o representante do patrão que pretende fazer uma cooperativa em que ele próprio se integre. Os trabalhadores não concordam e a chegada de um grupo de trabalhadores que tinham ocupado as terras de um latifundiário absentista e formado uma cooperativa só deles vem resolver a situação. Os trabalhadores formam eles próprios a cooperativa — e a eles se junta o representante do patrão — e juntam-se à cooperativa já formada. Os frutos da terra devem ser para aqueles que a trabalham.

Para comemorar o acontecimento, trabalhadores da primeira cooperativa vão representar uma velha lenda chinesa através da qual se provará a razão dos trabalhadores — os danados da terra — contra os senhores do poder. Este texto português, simples, claro e directo, prova como a reforma agrária espera pelos seus dramaturgos e prova ainda que Rebello pode ser um deles. Mãos à obra!

Vamos ver, pois, a lenda do Círculo de Giz que começa com a história de Grucha. OÌ governador de uma cidade georgiana é derrubado por uma revolta de nobres («U m dos senhores perde mas quem perde sempre são os soldados de ambos os lados»). A princesa, mais preocupada com os vestidos do que com o filho ainda bébé, foge da cidade abandonando a criança. Grucha, a criada da cozinha que pouco antes ficara noiva de um soldado, condoi-se da sorte do menino (Miguel) e, embora as colegas se oponham por saberem que o pequeno príncipe vai ser perseguido pelos revoltosos resolve salvar a criança. Obrigada a calcorrear longos caminhos, Grucha acaba por abandonar Miguel, ao qual já se afeiçoara, pensando que aquele já estava livre de perigo. Deixa-o junto de uma casa de camponeses e parte para se juntar ao noivo atrás e consegue, depois de abater o chefe dos soldados, fugir com o bebé. Depois Todavia, os soldados chegam e preparam-se para apanhar o pequeno. Grucha volta de uma caminhada que dura semanas, sob a neve e sob o vento, a rapariga, quase morta de cansaço, consegue atingir a casa do irmão. Pode ficar ali durante algum tempo embora a cunhada, senhora muito religiosa, não fique satisfeita por não ver o pai da criança. A fim de resolver a situação, o irmão de Grucha arranja-lhe um marido, solução que ela aceita apesar de estar noiva, pelo facto do futuro marido

Continuação da pág. 15

Sporting. Como não pode jogar às 3.as no Funchal, às 6.as no «1 de Maio» e aos domingos no Lumiar, vai ser difícil conciliar os horários com as assinaturas.

Chico está no Sporting. Está e não está: o seu contrato já deu entrada na Federação, com vista à transferência com o Braga, para onde vai também o parceiro Paulo Rocha que, decerto, tem de poupar as tíbias para não chegar avariado à hora de embolsar as lecas lá do Norte. Manaca abandona o Setúbal, de onde sai também Mário Lino: o chutador tão depressa é dado como reforço do Estoril como do Braga e o técnico açoriano ainda um dia destes dirigiu o seu clube de agora contra o seu clube de amanhã.

Freitas vai cobrar uns cem por mês no Porto: entretanto, joga pelo Belenenses e até se mete no barulho, sem cuidar de evitar as canelas ao choque.

Para o seu lugar, no Restelo, vem o alcantarense Horta que, pelo sim pelo não, continua na Tapadinha mas terá muitas vezes de pensar a sério antes de se engalfinhar nas duras batalhas do pontapé na grande área. O mesmo acontece com os camaradas Amaral e Martins, um com a mala feita para os *azuis* e outro já com passe para o Estoril, certamente mais desejosos de que a época termine do que em se esfarraparem até ao tutano na defesa da camisola da Ajuda.

Albertino troca o Leixoes pelo Bessa: apanha uma vaia monstra da maralha que o adorava e jura a pés juntos que não se esquece mais disso. Entretanto, lá vai carregando com a camisola às listas. Por seu lado, do Bessa, em voo picado para as Antas, arranca a *entourage* Pedroto: o técnico Morais, o preparador Gonçalves, o *internacional* Taí, o luso-brasileiro Celso, talvez o guarda do campo e o roupeiro. O ligar de treinador xadrez já tem dono: pertence a Wilson que, entretanto, é o responsável pelo futebol benfiquista mas já orienta as «compras» axadrezadas para a temporada que abre em Setembro.

O guarda-redes cufista Conhé pertence *já* ao Sporting: documento assinadinho, dinheiro no bolso, tudo tratado a preceito; mas, neste fim de época (quem sabe se durante mais uns dias) continua nas balizas dos profissionais do Lavradio, decerto com uns sustos valentes pela proa, não vá o Diabo tecê-las e partir braço ou perna que retarde a mudança para Lisboa.

Salvador entra também no rol: já é do Braga mas ainda é do Boavista embora se diga que poderá ser do Sporting ou (até) do Chelas ou da Moita. Um fartote.

É claro que, daqui a uns meses, a malta da leitura fica desempregada: a «Bola», o «Record», o «Mundo», o «Norte», a gente todos ficamos dependentes do Carlos Lopes, dos trambulhões do Agostinho, das piruetas olímpicas, dos máximos bestiais da miudagem da natação, do badminton a tomar de assalto todos os sítios possíveis e imaginários graças à inteligência do respeitável director-geral que congeminou os endos e juvendos, mais as massificações e dinamizações, mais as criancinhas a correrem sem leite no buxo e os araras da barriga cheia a baterem bola de ténis de encontro às paredes. É por isso, porque vamos andar dois meses sem nada de palpitante em matéria de futebol caseiro, que eu estou disposto a meter férias. Já. Mas, antes de ir para banhos preciso de levar uma certeza: a de que o Nélson não assina mais contrato nenhum e os ataqadores e bandeirolas do Bessa não vão com o Pedroto para as Antas.

Já agora, se sobrar algums sujeito que fique desempregado no mercado, apareça por Oeiras. A malta da construção civil abre-lhe os braços e facilita o caldo se ele der ao gatilho as oito do horário. E é lá que hei-de ver alguns tipos de que hoje falei. Vocês querem apostar?

Linha de Sintra
Revisão de bilhetes

Entra em vigor, a partir de 30 de Maio de 1976, um novo sistema de revisão de bilhetes.

A não apresentação de título válido de transporte, sempre que solicitado, será punível pela regularização mínima de 50$00, conforme estabelecem as Tarifas em vigor.

Caminhos de Ferro Portugueses

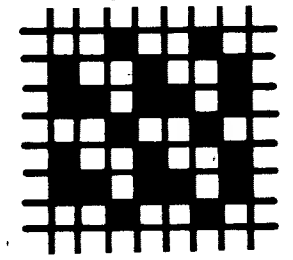
SOLUÇÕES

Penso, logo:

Valadão
Costa Gomes
Pinheiro de Azevedo
Mário Soares
Amílcar
Arlete
Sá Carneiro
Silva Resende
Vasco Gonçalves
Pompílio da Cruz
Kaulza de Arriaga
Otelo
Descartes

Mosaico

A figura em baixo à esquerda é diferente das outras quatro. Todas as outras podem justapôr-se de modo a formar o mesmo mosaico (veja a imagem). A figura excluída não se adapta ao mosaico.



Palavras Cruzadas

HORIZONTAIS

1, Canta. 3, Pag. 6/20, JOHN KENNEDY. 10, LV. 11, Rematarão. 13, Aí. 14, Ês. 15, Ba. 17, Rs. 18, Olas. 24, Aire. 25/38, URSULA ANDRESS. 29, Dano. 31, Rm. 33, Trairas. 34, Cássia. 35, Ors. 36, Uno. 37, Rã. 41, Ir. 42, Tormentas. 44, Cr. 45, Só. 46, Ro. 47, He. 48, Abastor. 52, ac. 53, Atenua. 54, Sã. 55, Ur. 57, Amassam. 62, Drs. 64, MARGARIDA. 66, Eidos. 69, Alívio. 70, Amorno. 71, Dan. 72, Loba. 73, Odores. 75, Asa. 76, Remessas. 77. Me.

VERTICAIS

1/5, CLARK GABLE. 2, Avise. 3, Pés. 4, Am. 6, Jã. 7, Or. 8, Ha. 9, Nó. 11, Renderia. 12, Tãa. 16, Pégaso. 19, Sarasse. 21, Nana. 22, Nios. 23, Er. 25, Urrem. 26, Si. 27, Uru. 28, Lançaras. 30, Acarretaremos. 32, Mantos. 33, Torrão. 37/49, RICHARD BURTON. 39. Dó. 40, Sn. 43, Socarão. 45, Saá. 48, Anu. 50, Toma. 51, Rasgados. 57, Am. 58, AR. 59, Salada. 60, Arinos. 61, MIV. 63, Sioba. 65, Ditem. 67, Dra. 68, Sole. 70, Ala. 74, S.E.

ARTE/EXPO

Ass. Portuguesa de Arte Fotográfica
(R. das Chagas 17
tel. 36 76 59)

«Exposição fotográfica de José Luís Madeira e Celeste Dias Santos»

horário: terças e sextas das 21.30 às 24

Biblioteca Nacional
(Campo Grande
T.767750)

«Figuras e costumes portugueses
de estampas na Biblioteca Nacional»

«Exposição comemorativa do 1.º centenário
do telefone de Alexandre Bell»

horário: de segunda a sexta das 10 às 12 e das 14 às 20

Centro Cultural Americano
(Av. Duque Loulé 22
tel. 55 51 41)

«Pintura de Nadine Hoskins»
horário: de segunda a sexta das 14 às 20

Escola Sup. Belas-Artes
(L. da Biblioteca Pública
tel. 36 81 74)

GRAVURA
D. FERNANDO II
ALUNOS DA E.S.B.A.L.
EXPOSIÇÃO/LISBOA 20 MAIO/1976

«Gravura escolar»
«Gravura de D.Fernando II»

horário: das 8 às 20
e das 8 às 12 (sábados)
encerra aos domingos

Instituto Alemão
(Campo dos Mártires
da Pátria 36
tel. 53 03 05)

«Gunther Grass — gravuras de 72 a 74»

horário: das 9 às 13
e das 15 às 19
Encerra aos sábados e domingos

Livraria Buchholz
(R. Duque Palmela 4
tel. 4 73 58)

«Exposição colectiva de pinturas portuguesas»

horário: de segunda a sexta das 9 às 12.30 e das 14.30 às 19
Sábados: das 9 às 13
Encerra aos domingos

Galeria Kompass
(R. Augusto Santos, 11
tel. 4 16 49)

(Serigrafias portuguesas e brasileiras. Exposição permanente. Trabalhos de Nikias Skapinakis, Eduardo Luís, Costa Pinheiro, Charrua, Lurdes Castro, Palolo, José Rodrigues, Vespeira, Eduardo Nery e Ana Vieira, entre outros)

horário: das 10 às 13 e das 15 às 19
As sábados encerra às 13
Fecha aos domingos

Grafil
(R. S. Filipe Nery 42-1.º
tel. 65 75 36)

«Gravura de João de Barros»

horário: das 10 às 13 e das 15 às 20
Encerra aos domingos

Museu Nacional
de Arte Antiga
a9r. das Janelas Verdes
tel. 67 27 25)

«Pintura de Hans Hoffmann»

Palácio Foz
(P. dos Restauradores)

«Levantamento de Abril de 1876»
— Exposição comemorativa do centenário da libertação da Bulgária

«Exposição de gravura

20 ANOS DA GRAVURA

SOCIEDADE COOPERATIVA DE GRAVADORES PORTUGUESES

comemorativa do 20.º
aniversário
da Cooperativa de Gravadores Portugueses»

horário: de segunda a sexta das 15 às 20

Galeria Quadrum
(R. Alberto Vieira 52
tel. 77 97 23)

«Pintura de Álvaro Lapa»

horário: das 10 às 13 e das 15 às 19
Sábados e domingos: das 15 às 19

Fundação Gulbenkian
(Av. Berna 45
tel. 76 51 31)

«Exposição de gravura comemorativa do 20.º
Janiversário
da Cooperativa de Gravadores Portugueses»

horário: de segunda a sexta das 10.30 às 12.30 e das 14.30 às 18
Aos sábados e domingos encerra às 19

Galeria 111
(Campo Grande, 113
tel. 76 74 06)

«Exposição colectiva de pintores portugueses»

(Predomina o guache e a gravura. Participam Bartolomeu, Vítor Fortes, Gonçalo Duarte, Espiga Pinto, Noronha da Costa, Jorge Martins, Maria Menez e José Escada)

horário: das 10 às 13 e das 15 às 19
Aos sábados encerra ás 13
Fecha aos domingos

Soc. Nac. Belas-Artes
(R. Barata Salgueiro
tel. 4 12 93)
T.41293)

«Exposição de gravura comemorativa do 20.º aniversário
da Cooperativa de Gravadores Portugueses»

«O livro soviético»

«Pintura de Pina Demarghi»

«Cerâmica de Cês»

— até 30 de Maio

horário: das 14 às 20

Comuna
(P.de Espanha
T.762624)

«Pintura de José Manuel Romualdo»

horário: das 13 às 21

Mercado do Povo
(Av. Brasília — Belém)

«Artesanato-76»

horário: diariamente até às 24

Galeria Interior
(R. Camilo Castelo Branco 20
tel. 55 65 89)

«Pintura e tapeçaria de artistas portugueses»

Recomeço da actividade de *um dos «marchands» de maiores tradições na tapeçaria e no «design» do têxtil. Um consagrado, Sá Nogueira reaparece com novos exemplos da elaborada técnica que distingue os seus cartões de tapeçaria. A seu lado o pintor e crítico de arte, Rocha de Sousa. Ainda de Sá Nogueira uma parte do conjunto de pinturas da exposição. Neste sector estão representados Ruivo e um jovem regressado da emigração londrina, Jasmim, cuja temática erótica se desenvolve e numa impulsiva exuberância onírica.*

A terra a quem a trabalhe
Para que dela os melhores
frutos nasçam.

Trata-se de demonstrar, como vimos, que a luta de classes atinge aquilo que parece ser o próprio cerne do ser humano: a maternidade. O conflito entre as duas *mães* de Miguel prova que também a maternidade pode ser uma questão de classes, aquilo a que Philippe Ivernel chamou «maternidade social».
A partir deste conflito, podemos verificar imediatamente o que separa a justiça poética (a de Azdek) e a verdadeira justiça social (a da reforma agrária, fundada no próprio devir da história).
Brecht transformou estas histórias numa sucessão de episódios suculentos, que passam do burlesco ao emocionante, unidos por personagens estuantes de vida, carnais e autênticas nas suas franquezas, nos seus vícios na sua poesia, na sua truculência, na violência que as anima no «bem» e no «mal». Se toda a peça é uma força em movimento, alguns dos seus momentos atingem o sublime: é o caso da cena em que Grucha e o soldado se tornam noivos e, quase no final, em que se reencontram, vendo Grucha o noivo reflectido no ribeiro em que está a lavar; é o momento em que Grucha se prepara para fugir do palácio, e «Ouviu um grito ou pensou ouvir. / O menino implorava, não gemia, implorava mesmo. / Pelo menos assim lhe parecia. / «Mulher», disse, «dá-me uma ajuda. «/E continuou, sem gemer, a falar com acerto: / «Sabes, mulher, quem não atender / A um grito de socorro e passar adiante, / De ouvidos rolhados, não mais há-de ouvir / A voz do seu amor nem os trinados / Do melro ao amanhecer / Nem o suspiro de alívio aos vindimadores / Ao toque das Trindades.» (1). São quase todas as cenas de Azdek e em especial aquelas em que mostra ao Grão-Duque como um mendigo deve comer em que fala da revolta dos camponeses da Pérsia.
Temos vindo a falar não de um texto mas sim de um espectáculo — e é este o primeiro elogio que queremos fazer a João Lourenço: o ter sabido levar para o palco o mundo tão rico — sob todos os pontos de vista — da obra de Brecht. Podemos considerar que João Lourenço consegiu dar ao mesmo tempo os aspectos (fundamentais) da dialéctica do texto — respeitando, assim, os postulados do autor — e fazer um espectáculo seu, nosso, um espectáculo bem português pelo que nele há de original, pela contribuição pessoal de todos os artistas (o adaptador, o cenógrafo, os músicos, os actores), pela visão que nos deu do texto. Podemos criticar alguns pontos da encenação: a nosso ver, João Lourenço sobrecarregou excessivamente o espectáculo (a parte de Grucha), sob o ponto de vista musical; por outro lado nem sempre conseguiu tornar tão perceptíveis como seria para desejar as passagens do tempo, sobretudo no que se refere ao «flash-back» do juíz. Podemos considerar que alguns trechos da música introduzida nos parecem desfasados com a música original e que nem sempre Hugo Casaes (sobre quem recai a responsabilidade de conduzir musicalmente a acção) encontrou o tom brechtiano, embora a sua participação seja um dos factores de êxito da encenação. Podemos considerar que a procura de uma estética determinada por parte de João Vieira (as paisagens de Bruegel e Memling; algumas composições de cenas inspiradas nesses pintores) é discutível. Todos estes reparos, porém, são insignicantes na totalidade do espectáculo.
E a totalidade do espectáculo é, para começar por um lado, a sua realidade plástica. «O Círculo de Giz» é uma história que se conta: percebe-se por isso o ponto de partida de João Vieira que criou uma série de panos pintados que, como maravilhosas ilustrações coloridas, funcionam como fundo da(s) história(s) que se narram. Esse contraste entre significante e significado existe também no contraste dos figurinos dos senhores e dos pobres; das próprias máscaras.
É a sua dialéctica ou seja a forma da sua distanciação.
Há, na óptica de Brecht, dois tipos de distanciação: um exterior à acção (exemplos: o arranjo do espaço cénico; uma cena em que a acção é suspensa para a introdução de uma canção que faz a crítica dessa cena); outro, interior à acção: a interpretação apresenta o texto de tal modo clarificado que os espectadores ficam aptos a discernir o mecanismo ideológico que o comanda.
João Lourenço conseguiu, quase sempre, esses dois tipos de distanciação.
E a intepretação. O trabalho dos ensaios, mais longo do que é normal entre nós, deu os seus frutos: os actores surgem com uma segurança excepcional, conseguem desdobrar-se em várias personagens de uma maneira que nunca víramos no nosso teatro; os segundos planos não se distanciam dos primeiros: a homogeneidade do conjunto é um dos trunfos do espectáculo. Seria injusto, no entanto, deixar de referir os nomes de Josefina Silva (aquele perfil breugeliano!), José Gomes, Costa Ferreira, Vasconcelos Viana, Morais e Castro, Maria Helena Silva, Carmen Dolores. E seria sobretudo injusto deixar de evocar Irene Cruz que faz de Grucha, tão bela nos seus movimentos, na expressão dos seus sentimentos, na voz, quando fala e quando canta, na inteligência das atitudes, no entendimento da personagem. Que surpresa! E deixar de evocar Rui Mendes (interrompido pelo público), um Azdak inesquecível, uma criação admirável, que fica na história do nosso teatro. Rui agarra o espectáculo e leva-o a alturas que o colocam, por vezes, junto do melhor teatro que se faz em sítios onde o teatro é há séculos uma actividade séria. Só para o ver, valerá a pena ir ao Teatro Aberto.
Falamos-lhe, leitor, de coisas maravilhosas falando-lhe de essa coisa maravilhosa que pode ser o teatro. Como neste caso.

(1) Adaptação de Alexandre O'Neill

Conversa a 3 sobre "4"

Antes de conversarmos com Rui Mendes e João Lourenço — os elementos do Grupo no momento disponível — visitámos o Teatro Aberto ciceroneados por Morais e Castro (dos 4 só faltava, portanto, a Irene Cruz) que nos chamou a atenção para alguns dos aspectos mais interessantes do recinto: a forte inclinação da plateia; a cabina do comando de luz e som frontal ao palco; o carácter polivalente do espaço cénico. Ao longo da conversa que apresentamos falaremos desses aspectos com mais pormenores.

UMA VELHA IDEIA

C.P. — *Quereis contar a história do vosso teatro?*
Rui Mendes — A história do Teatro Aberto nasceu estávamos nós a fazer «Amanhã digo-te por música» portanto em 1971
J. Lourenço — Não foi em 69 — ou seja quando apresentamos o segundo espectáculo do Grupo 4 que foi o cimentar da arrancada que tinha sido o nosso primeiro espectáculo, perfeitamente aventuroso e feito até sem nos conhecermos bem. O segundo espectáculo deu-nos certezas sobre a possibilidade de actores trabalharem em sociedade artística, rejeitando certas características da exploração comercial, embora, na altura, nos pretendessemos manter dentro dos circuitos comerciais que não repudiávamos embora quisessemos, ao mesmo tempo atrair outro tipo de público.
R.M. — É isso, foi de facto em 1969.
C.P. — *O vosso público era constituído sobretudo por gente nova, universitários e por aí.*
R.M. — Exacto. Pôs-se para nós nessa altura, digamos a certeza de que o Grupo era possível e de que até seria possível ampliá-lo como queríamos. No entanto, a sua viabilidade dependeria de dispormos de um teatro, um espaço qualquer. Porque alugar um teatro era economicamente inviável. E nessa altura, como sabes, não era possível fazer teatro noutros sítios (em fábricas, por exemplo). Precisávamos, portanto, de um local em Lisboa onde pudessemos irradiar para outros sítios.

O PRIMEIRO PROJECTO

C.P. — *Aliás, vocês funcionaram muito em cinemas.*
R.M. — Sim. Em Lisboa, no Tivoli, mas também nos Teatros Monumental e Villaret; no Porto, no São João. Além de termos feito

pequenas digressões.
Trabalhávamos normalmente entre a «matinée» e a sessão da noite.
J.L. — Às vezes, à noite, sobretudo nas estreias.
R.M. — De resto, tivemos sempre grandes facilidades por parte das empresas dos cinemas com que contactámos. Continuámos a fazer o tal espectáculo que era como que o assinar do ponto do Grupo 4. Embora os espectáculos tivessem público, quando fazíamos a distribuição dos respectivos lucros cabia a cada um 5 contos por mês, em média. Era este o nosso ordenado que só recebíamos quando terminava a carreira da peça. Geralmente, tínhamos 2 meses de ensaios, nunca fizemos menos; as peças davam para 3, 4 meses, dividíamos os lucros e por vezes ficávamos com uma maquiazinha para o espectáculo seguinte.
O 1.º projecto para a casa de espectáculos nasceu do facto de termos encontrado uma garagem...
J.L. — Já tínhamos visto muitas...
R.M. — ... Num prédio da Rua Pedro Nunes, na zona do Villaret. Fomos então saber se haveria possibilidades de obter subsídios da SEIT (Secretaria de Estado da Informação e Turismo) e da Fundação Gulbenkian. Tinha saído, entretanto, a lei de 1971 que previa pela primeira vez nas leis do teatro cá do sítio, auxílio para a construção e melhoramento em casas de espectáculos.
J.L. — Aliás, só pedimos para a construção do teatro porque não queríamos subsídios para a companhia.
R.M. — Sabíamos as limitações que os subsídios podiam trazer como aconteceu em certos casos, embora, é justo que se diga, tal deixasse de se verificar a partir de certa altura com o aparecimento de grupos como a Comuna. Pedimos mil contos ao Fundo de Teatro e à Gulbenkian um subsídio de igual importância.
Pensávamos que com três mil contos podíamos fazer tudo. O que faltava, arranjá-lo-íamos em crédito. Da parte da Fundação houve uma resposta a dizer que podíamos contar com apoio mas para o Grupo e não para fazermos um teatro numa casa de outrem.
Concordámos e passámos à procura de outra solução, à procura de um terreno camarário que estivesse disponível. Encontrámos um no Martim Moniz. Fez-se o projecto, o 2.º, portanto, também da autoria do Sobral e minha, sobretudo do Sobral. Não se fez porque a Câmara nos disse que ia começar as obras no prazo de um ano.

O SEGUNDO PROJECTO

J.L. — Desculpa, mas esse foi o 3.º projecto porque entre a garagem da Pedro Nunes e o Martim Moniz houve o projecto da Casa do Concelho de Tomar.
R.M. — Tens razão. Esse foi na rua onde fica agora o Quarteto e onde está situada a Casa do Concelho de Tomar. Mas aí queriam levar-nos porque a direcção daquela Associação era constituída por construtores civis que tinham feito a sede de forma irregular em função das leis vigentes. E queriam cobrir essas irregurlaridades com um projecto cultural como seria a construção de um teatro. Avisados do facto, não embarcámos no negócio. Entretanto, perdemos mais um ano. Foi então que encontrámos este terreno, na Praça de Espanha; terreno camarário que não estava sujeito a enhum projecto de urbanização. Fizemos, portanto, o projecto...

O TERCEIRO PROJECTO

C.P. — *O projecto é só teu ou também é do Augusto Sobral?*
R.M. — O projecto deste teatro seria do Sobral e meu se ele não tivesse ido para fora em missão profissional. Tive eu que basear-me nas ideias dele que tinha dos projectos anteriores e também tive a ajuda de vários colegas arquitectos.
J.L. — Não, este projecto é teu, não tem nada a ver com os anteriores.
R.M. — Arrancámos com o tal apoio de mil contos do Fundo de Teatro que nos foi atribuído antes do 25 de Abril embora só depois nos tivesse sido entregue. Quanto ao apoio da Gulbenkian, acabaram por dizer-nos que não limitando-se ao empréstimo do material eléctrico.
J.L. — Igual, portanto, ao apoio aos outros grupos, além de 120 contos para montagem

Continua na pág. 18

J.L. — Estudei muito o trabalho de Brechet com esta peça, estudei muito o texto, já tinha feito uma peça de Brecht («As Espingardas da Mão Carrar») e tudo isso me ajudou. Levei meses só a estudar a peça. Pensei que devia fazer uma encenação tal como Brecht e concebera mas sem seguir cegamente as suas directrizes. Além disso, não deixei de ter em conta o que se passa no nosso país. A peça é de facto adequadíssima para o momento português

A MÚSICA

No entanto, adaptámos várias coisas: é o caso do prólogo; é o caso da música que não ep apenas de Dessau que não é apenas de Dessau é também do Pedro Osório. O Pedro escreveu a música dele de acordo com aquilo que nós pensámos dever ser a música na nossa encenação porque não devemos esquecer que o próprio Dessau alterou a sua partitura durante os ensaios. Foi o que nós fizémos, embora seguindo outra linha. Aliás, o próprio Dessau disse que não reconhecía a sua própria música. O Pedro fez portanto música até para acompanhar aspectos de encenação que não estão no original. Além disso, o Pedro é um homem de espectáculo e isso é muito importante. Foi para nós muito importante o Seminário sobre Brecht com a presença de Hellen Keller. É claro que os nossos actores não são cantores por isso cantam para servir o espectáculo, aliás de acordo com aquilo que o Brecht queria. Ele preferia um bom actor a um bom cantor que fosse mau actor. E, além disso, contamos com Hugo Casais que é o suporte do espectáculo sob o ponto de vista musical. O facto de termos escolhido um cantor de ópera para o papel implica uma determinada ideia relacionada com o problema da distanciação para cuja solução o cantor contribui de forma importante. O cantor tem sido diluído em muitas encenações mas aqui tentámos valorizar a sua presença. A cenografia de João Vieira é totalmente original. Tentámos pôr o Brughel no palco. É um projecto ambicioso mas foi isso que pretendemos.

A EQUIPA

C.P. — *É sabido que os criadores nunca estão satisfeitos: é normal. De qualquer maneira agora que estamos nas vésperas da estreia, qual a crítica que, como encenador, farias?*
J.L. — Todo o trabalho de equipa foi muito bom. A respeito do meu trabalho não sei. Aqui há dois meses, tinha algumas certezas, agora estou cheio de dúvidas. Só depois da estreia, com o público, poderei ver onde acertei e onde errei. O que eu tive foi uma equipa muito boa. Trabalhámos muito em conjunto sem compartimentos estanques. Estivemos sempre abertos às críticas uns dos outros. O Pedro Osório, o João Vieira, o Armando Jorge que veio depois tem sido muito útil.
C.P. — *Este espectáculo não poderá ir em digressão pela província...*
J.L. — Só poderá ser feito em teatros.
C.P. — *Tal como o espectáculo está (refiro-me em especial ao prólogo), parece-me que seria importante que os trabalhadores alentejanos o vissem.*
J.L. — E não só os alentejanos.
C.P. — *Claro, as gentes do Norte, também. Aliás, no que se refere aos alentejanos tratar-se-ia sobretudo de uma homenagem.*
J.L. — Tencionamos trazer cá pessoas das herdades colectivas. Mas para isso precisamos da ajuda do Estado. Precisamos de autocarros.

OS PREÇOS

C.P. — *Interessa não só que o teatro vá às pessoas como trazer as pessoas ao teatro. E quanto ao preço dos bilhetes?*
J.L. — Teremos um preço único: **60$00**; estudantes, até à 5.ª feira: **45$00**, sábados e domingos, preços populares para toda a gente: **35$00**, o que é mais barato do que o cinema.

OS ACTORES

Gostaria ainda de dizer uma palavra sobre o trabalho dos actores. Foi esta a primeira vez que encenei com o Grupo 4. Devo dizer que todos mostraram um enorme espírito de sacrifício.
Ensaiámos com frio, comemos pó, nunca deixámos de trabalhar enquanto duraram as obras. As condições eram, de facto, péssimas. Pude uma vez mais verificar que o encenador aprende mais a dirigir do que os próprios actores dirigidos.
C.P. — *Aí está uma boa maneira para acabar esta longa conversa.*

TEATRO ABERTO
(Pr. de Espanha — T. 770969)

«O CÍRCULO DE GIZ CAUCASIANO»
de Bertolt Brecht
Pelo Grupo 4

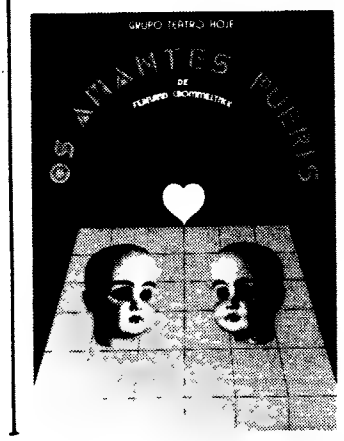
Casa da Comuna
(Pr. de Espanha)

«QUATRO SOLDADOS E UM ACORDEÃO»
de Richard Démarcy

Para os que estiveram «por dentro» da Revolução; para os que estiveram «por fora» mas a entenderam e amaram; para os que foram de mãos nuas defender os quartéis; para os que gritaram mil vezes «os soldados sempre, sempre ao lado do povo»; para os que passaram noites e noites sem dormir à espera do melhor e do pior; para os que choram o soldado Luís; para os que gastaram as solas dos sapatos e fizeram bolhas nos pés calcorreando os quilómetros que nos separam de Belém; para os que estão ao lado dos camponeses; para os que apoiam as nacionalizações; para os que gritaram e gritam com o rosto claro da pureza mas às vezes sem eco, «Unidade, Unidade»; para os que deram as mãos e cantaram nas ruas e nas estradas. Para os que amam o teatro.
(Os outros devem abster-se).
(De 27 de Maio a 5 de Junho, excepto à segunda-feira).

Trindade
(R. Nova Trindade 9
tel. 32 00 00)

«OS AMANTES PUERIS»
de Fernand Cromerlynck
pelo Grupo de Teatro Hoje
Tradução: Luísa Neto Jorge
Encenação: Gastão Cruz
Cenário: José Rodrigues
Interpretação: Alda Rodrigues, Carlos Fernando,



Carlos Roncon, Carmen Gonzalez, Elisa Lisboa, Fernanda Barreto, Maria Otília, Mário Viegas e Teresa Madruga
Uma peça esquecida povoada de fantasmas e ilusões. A dialéctica da morte e do amor ou da morte do amor. O segundo espectáculo do grupo Teatro Hoje e a estreia do crítico Gastão Cruz como encenador. Reaparecimento de Alda Rodrigues (belos trabalhos no T. E. P.) e de Mário Viegas.
(A partir do dia 29 de Maio)

Villaret
(Av. F. Pereira de Melo, 30-A
tel. 53 85 86)

«GODSPELL»
de John Michael Tabelak

Cehga ao fim da carreira uma tentativa de fazer teatro musical à moda dos americanos. Tentativa simpaticamente falhada.

MARIA VITÓRIA
(Parque Mayer tel.361740)

«VOTA, VOTA CAMARADA ZÉ»

Remodelação de uma revista do ano passado ou da arte da revista reaccionária.

Capitólio
(Parque Mayer
tel. 32 74 93)

«ADEUS, VALENTINA»
de Barillet e Grédy

Uma grande actriz perdida, como sempre, no teatro anão do «boulevard» ou de como os empresários são mais fortes do que os artistas.

VARIEDADES
(Parque Mayer tel. 326037)

«EQUUS»
de Peter Shaffer

Reaparecimento de dois dos nossos maiores actores: Eunice Muñpz e João Perry. Um texto polémico. Uma encenação invulgar. «Equus» representará a reconversão de Vasco Morgado?

Experimental de Cascais
(Av. Marechal Carmona 6-B
tel. tel. 28 38 78)

«A ópera dos três vinténs»
de Bertolt Brecht

Assassínio da bela obra de Brecht e Kurt Neill ou de como o povo é infinitamente sábio quando diz «não te metas sapateiro a tocar rabecão»

Continuação da pág. 6

Vem a propósito lembrar que já gastámos mais de cinco mil contos.
C.P. — *Como é que vocês os arranjaram?*
R.M. — Além dos tais mil...
J.L. — Estamos à espera de mais 1500 contos do Fundo de Teatro porque se não vierem não podemos abrir.
R.M. — Trata-se, aliás, de um empréstimo. É importante dizer uma coisa: já estivémos muitas vezes para desistir disto; a última foi há menos de um mês. Por razões financeiras. Por vermos que ninguém nos ajudava.

O SENHOR DESCONHECIDO

J.L. — A não ser um senhor desconhecido que apareceu aí para nos dar 2 contos.
R.M. — Tivemos auxílio, por exemplo, dos materiais de construção. A Ytongue ofereceu-nos uma grande quantidade de blocos de cimento. Os trabalhadores CUF venderam-nos esta alcatifa a um preço excepcional senão não tínhamos alcatifa. Assim acabou por ser mais barata do que qualquer outro material. E descontos nas tintas. Não pintaríamos o exterior se a Sorevin não nos tivesse oferecido as tintas. São pequenos auxílios mas valiosíssimos até porque vieram de empresas que estão com dificuldades. Um espectador anónimo — como disse há bocado o João — bateu-nos à porta e disse: sei que vocês estão com dificuldades não tenho muito dinheiro mas quero oferecer-vos 2 contos para comprarem qualquer coisa, e foi-se embora.
J.L. — E acrescentou: na estreia gostava que me marcassem um bilhete mas quero pagar. Não aceito a borla.
R.M. — E voltou cá depois com 2 mil escudos. Já posso dar mais estes 2 contos, disse ele. Nós nem queriamos aceitar mas acabámos por aceitar perante uma atitude tão bem intencionada e generosa daquele amigo desconhecido. Ficámos tão agradecidos como se nos tivesse dado 2 milhões.

PROBLEMAS...

J.L. — É claro que os nossos principais problemas resultam do facto de ainda não termos conseguido o empréstimo dos 1500 contos que já devíamos ter recebido há muito tempo. Agora já chegámos ao apuro do electricista nos emprestar 2500 escudos.
R.M. — Há uma coisa importante a referir: a partir de Janeiro de 1975 passámos a receber subsídio para o funcionamento do Grupo. Iniciámos os ensaios da «Investigação», que fizemos durante um ano, e depois a peça de Peter Weiss, «Como o sr. Mókimpòte se livrou dos seus tormentos». Visitámos então cerca de 60 localidades. Nunca pusemos o dinheiro do subsídio nas obras do teatro, pusemo-lo de parte para pagar os ordenados. Quer dizer, só aplicámos a mais-valia acumulada dos espectáculos que fizemos, sobretudo o «Mókimpòte» que teve um grande êxito.

O SUBSÍDIO

C.P. — *Quando é que vocês começaram a ensaiar este novo espectáculo?*
J.L. — O «Mókimpòte» acabou em 13 de Novembro e começámos a ensaiar o «Círculo de Giz Caucasiano» a 15 do mesmo mês. O elenco é composto por 22 actores...
C.P. — *Aí está um pormenor que convém sublinhar porque parecerá que o vosso subsídio (250 contos mensais) é muito dinheiro só para ordenados*
J.L. — 22 actores, mais: 1 secretário, 1 director de montagem, 2 ajudantes de maquinista, 1 chefe-electricista. Média de ordenados: 3 contos por mês, o que equivale a mais de 200 contos por mês. Isto sem contar com os músicos. Além disso, quando começaram os ensaios aumentou o número de pessoas porque passámos a ter 1 plástico e 1 director-musical.
R.M. — Ou seja: 35 pessoas.
C.P. — *Estranha-se o facto de a estreia estar tão atrasada. Sei que o facto tem explicações mas gostava que falassem nisso.*
J.L. — O espectáculo já podia ter estreado há uma semana se não fosse o atraso das obras. No entanto, eu acho que esta peça não se pode fazer em 3 meses. Talvez haja génios, que sejam capazes... E nem estou a pensar nos 11 meses do Brecht. Qualquer peça para ser bem feita tem que ter no mínimo 3 meses. É impossível fazer um espectáculo num mês.
R.M. — Têm-nos dito: foi pena que vocês tivessem escolhido uma peça tão difícil para estrear o teatro. A isso respondo: pelo contrário, pois o teatro não tem estado à espera da peça, a não ser desde há uma semana.

O ESPAÇO CÉNICO

C.P. — *Gostaria que falassem da polivalência do espaço cénico.*
R.M. — O teatro vai estrear com palco à italiana porque o João Lourenço assim o entendeu. No entanto, tem outras possibilidades. Podemos fazer um palco central com o público dos 4 lados; com o público só de dois lados; e até espaços simultâneos. Todo o espaço cénico é transformável de acordo com as necessidades da encenação. Outra das nossas preocupações consistiu em conseguirmos boas condições de visibilidade para o público. Faz certa confusão haver uma bancada com uma tão grande inclinação. Isso permite perfeita visibilidade em relação a todo o palco como permite ver os actores mesmo da última fila, sem termos um termo de comparação que seria a cabeça do vizinho da frente. O espectador na última fila tem a sensação de estar a meio da sala. Trata-se, pois, de uma ilusão de óptica. As condições acústicas estão também garantidas pois tivemos o cuidado de fazer estudos nesse sentido. O teatro tem um mínimo de conforto embora sem exageros. Consideramos que é mau estar mal sentado e ter má visibilidade mas também consideramos que é mau estar sentado em sofás de espuma. Supomos que se conseguiu o meio-termo.

REGULAMENTOS

C.P. — *Outra inovação é a cabina.*
R.M. — A cabina de comando de luz e som é frontal ao palco. Servirá também para projectar «slides» e filmes, o que tecionamos fazer. É curioso que essa colocação é anti-regulamentar porque o regulamento que ainda vigora obriga a que as cabinas sejam colocadas na caixa do palco. Pretendemos apresentar, além de teatro, espectáculos de bailado, jazz, cinema. Há um espaço para exposições de artes plásticas; outro para venda de livros, discos, posters, etc. Um bar.
C.P. — *O horário será o habitual?*
R.M. — Estamos com vontade de experimentar novos horários. No entanto com esta peça, que é longa vamos fazer espectáculos de 3.ª e 6.ª-feira a começar às 21 ou 21, 15. Ao sábado e ao domingo faremos «matinées». Ou seja, faremos 3 espectáculos por semana.
C.P. — *Muitas pessoas não podem ir ao teatro por carências de horários. Se saem do trabalho às 18.30/19 horas e moram nos arredores não têm tempo de ir a casa e voltar. E as pessoas ainda não criaram o hábito de ir do trabalho para o teatro.*
R.M. — É verdade. E é necessário criar esse hábito. Mas para isso são necessárias outras condições.

O PÚBLICO

C.P. — *Quantos espectadores comporta o teatro?*
R.M. — Há basicamente 3 hipóteses de trabalho, duas delas fundamentais: palco à italiana (300/400 lugares); palco bifrontal (400 lugares). A partir daqui há várias opções. Podemos atingir os 505 espectadores.
C.P. — *Esse subsídio de 250 contos não chega para este tipo de peças.*
R.M. — Pois não chega. É evidente. É preciso ver que estamos neste momento com uma folha de companhia que ultrapassa os 260 contos, e isto ainda sem os músicos.

A PEÇA

C.P. — *Ainda em relação à peça de Brecht. Vocês escolheram-na porque entenderam que era importante abrir o teatro com um texto de grande qualidade e que, além disso tivesse a ver com o momento que vivemos.*
R.M. — Claro...
C.P. — *Há alterações no texto...*
J.L. — Sim, há várias. O texto é bastante fiel embora se trate de uma versão e não de uma tradução literal.

A ENCENAÇÃO

C.P. — *Gostaria que me falasses do teu trabalho de encenação*

CINE/PONTO

MEIA NOITE DE PRAZER
de Marcello Fondato
(Itália - 1975)

Em ritmo de tango, o real e o imaginário subversivamente amoral defrontam-se durante hora e meia. Um amor eterno, mas muito ramificado, entre

uma empregada da limpeza, de mulher fatal vestida, e um pequeno marginal latino, macho e delicodoce, que de Mandrake surge, em fumo envolto. Do outro lado é «normalidade» da frustração, entre o telefone e a fuga aos impostos. Os actores são o que se sabe; Giannini comanda o baile.

Cinema Império
(não acons. men. 13 anos)

SOLARIS
de Andrei Tarkovski
(URSS-1972)

O idealismo poético vindo de Leste numa superprodução de ficção científica. Onde tudo se resume ao psicologismo dos personagens e aos Grandes Temas Eternos, o amor, a morte, o sofrimento, o remorso... Visão quase panteísta do cosmos e de cada um de nós. Um filme belíssimo, irremediavelmente metafísico.
A comparar com «2001-Odisseia no Espaço», em exibição na mesma sala.

Cinema Caleidoscópio (15.21 h)
(não acons. men. 13 a.)

A RELIGIOSA
de Jacques Rivette
(França 1965/66)

Já lá vão uma série de meses (que os dedos de uma mão não chegam para contar) e o público continua a acorrer a este ensaio meticuloso sobre o erotismo e a repressão, realidade biface de um tema que encontra em Anna Karina a personificação exemplar. Azul e silêncio e a sombra claustral a enquadrar. Em França Malraux proibiu, aqui o Secretariado do Cinema e da Rádio (organismo eclesial) anatemizou com a chancela «condenável», é o delírio. Que viva Rivette!

Cinema Quarteto — Sala 4
(não acons. men. 13 a.)

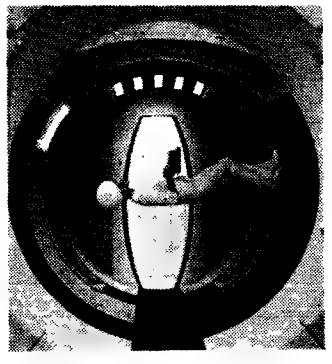
DIÁRIO DE UM LADRÃO
de Nagisa Oshima
(Japão-1969)

Filme onde os significantes são «demasiados» e por isso a sua fusão surge como uma labiríntica aventura. Espaço cheio até mais não de citações e referências, filme por isso roubado a toda uma cultura (e porquê predominantemente a ocidental?), «Diário de um ladrão» respira-se mais do que se segue. Daí o ser o filme aberto por excelência, pronto ao investimento (libidinal e intelectual) do espectador onde alguns vêem uma salada duvidosa e outros (nós) uma aposta fascinante.

Cinema S. Luiz
(não acons. men. 13 a.)

2001 — ODISSEIA NO ESPAÇO
de Stanley Kubrick
(USA-1965/68)

O conhecimento é do domínio da metafísica? Nada mais errado, parece responder Kubrick nesta sua obra, fusão



admirável de um classicismo requintado e de uma clara consciência materialista do cosmos, do futuro, do universo. Ensaio em forma de bailado cosmológico, um filme a comparar com «Solaris», em exibição na mesma sala. Com isso ganham os dois filmes e ganha o espectador.

Cinema Caleidoscópio (15 h)
(não acons. men. 13 a.)

SUPERFLY
de Gordon Parks Jr.
(USA-1972)

Retomando a clássica forma do cinema negro, agora com personagens negros na pele com algum vigor e pouca inventiva. Um filme que se

aguenta mercê do clima sonoro que consegue criar, da linguagem à banda de música (notável) de Curtis Mayfield.

Cinema Quarteto — Sala 1
(não acons. men. 13 a.)

O PLANETA SELVAGEM
de René Laloux
(França-Checoslováquia-1969/73)

E vão seis semanas. O público acorre (qual será o peso da publicidade na rádio?) o filme justifica. Desenhos de Topor para uma nova concepção do fantástico em matéria de animação, uma história curiosa, pena que perpassada por um humanismo primário. Não é para crianças, é para todos os que ainda gostam de fábulas e de um prazer inesgotável no olhar.

Cinema Nimas
(não acons. men. 13 a.)

CONVEM FAZER BEM O AMOR
de Pasquale Festa-Campanile
(Itália-1975)

Comédia de costumes para todos aqueles que do sexo têm a visão machista, casanoviana, castrada finalmente, ou seja, o clássico latinismo serôdio. Vícios que se pagam como este filme bem demonstra, uns bons três quartos de hora depois de ter lidado, brilhante, o «voyeur» da plateia. O humor é sempre certeiro e passa do marialva ao ácido sem pedir licença. Pela nossa parte não tem de quê.

Cinema Condes
(não acons. men. 13 a.)

CINEMA INTERVENÇÃO
da Cooperativa Cinequanon
(Portugal-1975)

Cinema português dito empenhado politicamente segundo uma perspectiva de esquerda. Cinco filmes em pleno naufrágio estético-ideológico, com «Torrebela» de Luís Galvão Telles a salvar-se «in extremis» (e a deixar uma certa esperança no futuro deste tipo de filmes).
Pouco mais que material em bruto (nem sequer muito significativo) estes filmes provam uma vez mais os perigos do expontaneísmo e de improvisação. Descontando a boa vontade, eis um mau serviço prestado à esquerda. E ao cinema.

Cinema Universal
(para todos)

MR. MAJESTYK
de Richard Fleischer
(USA-1974)

A mitologia do «western», sem cavalos e com potentes automóveis, o «colt» substituído pela carabina ou pela metralhadora. O herói calmo e solitário, vinte e tal anos após «Johnny Guitar».

continua, sólido, no coração do cinema americano.
Filme de acção, por excelência, fatalmente maniqueísta, onde o desenvolver da história e o desenlace são quase conhecidos de avanço, «Mr. Majestyk» é o filme protótipo do reconhecimento, da projecção do espectador na figura de Bronson, tudo aquilo que fez do cinema americano o mais popular do mundo.
Com toda a carga ideológica individualista que lhe está subjacente.

Cinema S. Jorge
(interdito men. 13 a.)

A ÚLTIMA TESTEMUNHA
de Alan J. Pakula
(USA-1974)

Uma realização mais fascinista que fascinante de um tema na moda: os assassínios políticos. Apostar tudo na embalagem para transigir imenso no conteúdo. Filme feito segundo a ideologia do americano médio, a ele destinado, com o tradicional herói liberal, «A última testemunha» é uma obra rebuscada a nível formal (ver por exemplo o preciosismo dos cenários) e pouco mais que desinteressante.

Cinema Apolo 70
(não acons. men. 1$ a.)

UM VERÃO EM OKINAWA
de Nagisa Oshima
(Japão-1972)

Há quem considere este filme como o cume de uma carreira, a prova provada de Oshima, outros (como nós) que o consideram uma obra belíssima e rigorosa mas, apesar de tudo, de passagem. Questões ociosas, talvez, para um filme que sabe condensar e projectar as eternas questões do cinema de Oshima, a problemática histórica do Japão a meio caminho entre o feudalismo e o «american way of life» do whisky rótulo preto e da Coca Cola.
Uma película em ritmo de férias que não em tempo de demissão

Cinema Quarteto — Sala 2
(não acons. men. 1$ a.)

Novo cinema mexicano

No fundo, no fundo, o cinema mexicano é um ilustre desconhecido entre nós. Tirando o Cantinflas, que por cá encontra guarida sempre que roda, os mexicanos chegam aos nossos *écrans* através dos filmes americanos onde eles nos surgem fatalmente subdesenvolvidos, violentos, odiosos. Salvam-se, na óptica «yankee», as mulheres.
É por isso com intensa curiosidade que se aguarda esta Semana do Novo Cinema Mexicano que, a partir de hoje à noite até ao próximo dia 6, estará presente no Grande Auditório da Gulbenkian.
Tentando furar o comercialismo seródio pairava sobre a produção mexicana (misto de coboiada de quarta ordem com folclorismo degradante e melodramas lacrimosos) a nova geração de cineastas tem, nos anos recentes, conseguido levantar alguns filmes que, ao que me dizem, têm pelo menos o mérito de apontar uma expressão nacional, autóctone e actuante.
Pelo sim e pelo não (nestas coisas de cinema pouco interessa a conversa) o melhor é as pessoas dirigirem-se à Fundação Gulbenkian (a entrada até é à borla) e tentarem ver pelos seus próprios olhos. Estarão presentes o realizador Alberto Isaac, a actriz Diana Bracho, o actor Eduardo Rojas e o director de fotografia Alexis Grivas, com quem talvez seja possível conversar um pouco sobre o cinema mexicano. Por agora é a expectativa. Depois se verá se foi ou não gorada.

domingo, 30 — «El Castillo de la Pureza»
Real. Arturo Ripstien
sessão às 21.30

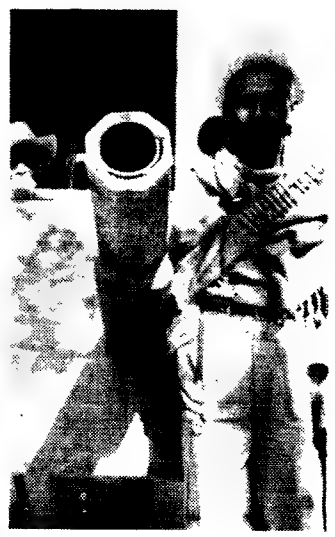
segunda, 31 — «Los Dias del Amor»

Real. Alberto Isaac
sessões: 18.30 e 21.30

terça, 1 — «El Castillo de la Pureza»
e
«Fe, Esperanza y Caridad»
Real. Alberto Bchorquez (Fe)
Luís Alcoriza (Esperanza) e
Jorge Fons (Caridad)
sessões: o primeiro às 18 e o segundo às 21.30

quarta, 2 — «Fe, Esperanza e Caridad»
e
«Reed, Mexico Insurgente»
Real. Paulo Ledno, Juan Tovar
sessões: o primeiro às 18 e o segundo às 21.30

quinta, 3 — «Reed, Mexico Insurgente»



e
«El Principio»
Real. Gonzalo Martinez Ortega
sessões: o primeiro às 18 e o segundo às 21.30

sexta, 4 — «el Principio»
e
«El Valle de los Miserables»
Real. Rene Cardona
sessões: o primeiro às 18 e o segundo ás 21.30

sábado, 5 — «Robinson Crusue»
Real. Rene Cardona Jr.
sessões: 11 e 18
«El Valle de los Miserables»
sessão às 21.30

Forcado
(R. da Rosa, 219
tel. 36 85 79)

Mariana Silva
António Rocha

cons. mínimo: 86$50 esc.

Lisboa à Noite
(R. das Gáveas, 69
tel. 36 85 57)

Fernanda Maria
Manuel de Almeida
Nazaré
Florinda Maria

Manuel de Almeida deve às suas interpretações fulgurantes do «Fado corrido» muito do seu nome de cartaz. Em destaque e também Fernanda Maria.

cons. mínimo: 150 esc.

Luso
(Trav. da Queimada, 10
tel. 36 28 89)

Zirita
Esmeralda Amoêdo
Armando Morais

cons. mínimo: 90 esc.

Pinoca
(Sr.ª do Monte, 43-à Graça
tel. 86 75 18)

Gilda de Castro
Maria do Monte
João Casanova
Norberto Martinho
Artur Batalha

cons. mínimo: 100 esc.

Márcia Condessa
(Praça da Alegria, 38
tel. 36 70 93)

Márcia Condessa
Teresa Nunes
Beatriz Fragoso
Fernanda Machado
José Luís
António Reis

A casa tem o nome, *et pour cause* de uma fadista de passado e de prestígio

consumo mínimo: 86 esc.

Mil e Um
(Trav. da Espera, 38
tel. 36 54 64)

Henrique Manuel
Maria de Fátima
Luísa Vilhena
Júlia Lopes
Luís Lopes
Hermínia Vargas
Odete Ferreira

cons. mínimo: 100 esc.

Pico do Areeiro
(Av. St.º António, 21-A — Tercena
tel. 95 98 94)

Laura Simões
Natalino Duarte

cons. mínimo: 70 esc.

Severa
(R. das Gáveas, 51
tel. 36 40 06)

Alice Maria
Manuel Fernandes

Manuel Fernandes, um profissional de longa carreira, salienta-se no conjunto da Severa com as suas interpretações na linha do fado-canção.

cons. mínimo: 125 esc.

Toca do Patrício
(Lg. Pedro J. Gomes Jr., 15 — Sacavém tel. 251 17 23)

Fado Vadio (às sextas e sábados)

sem consumo

Viela
(R. das Taipas, 14
tel. 32 72 56)

Berta Cardoso
Sérgio
Beatriz Ferreira
Maria José Ramos

Destaque para uma figura histórica do Fado: Berta Cardoso. Estão nela os ecos de uma Lisboa castiça constelada por artistas de primeira grandeza que deram à «canção nacional» a sua carta de independência.

cons. mínimo: 100 esc.

PORTO

Silêncio canta o Barradas

O Passeio das Virtudes, no Porto, fica na Taberna de S. Jorge, 35. Jorge Barradas é o dono do passeio, que é como quem diz, o proprietário da Taberna.
Ele começou a preparar-se aos 10 anos. Como afirmava Confúcio, «filho de violinista profissional sabe cantar o fado».
Ainda assim, aos 18 anos J.B. passou a sonhar com voos muito mais altos e «virou» piloto aviador.
Só mais tarde regressa às origens, e vemos o Barradas integrados no conjunto Ritmos e Melodias, que actuou no Casino Estoril, coisa deveras importante em 58.
Depois, é o salto para França (com a papelada em ordem) e, na volta, o abandono da música. Por pouco tempo. Em 61 Jorge Barradas mete-se a aprender «jazz» pela mão de José Luís Tinoco e organiza um grupo vocal — OS 5 Reis — cria fama e deita-se a dormir à sombra da canção «Ao Porto» (letra de Artur Ribeiro).
Vamos encontrar o Barradas mais tarde no Conjunto Costa Pinto e, mais tarde ainda, na orquestra do Maxime de Lisboa. O ano capicua de 66 apanha o Jorge Barradas integrado no agrupamento Os 3 de Portugal. É a época das digressões saborosas: Brasil, Angola, S. Tomé, Canárias, Madeira, sempre a bordo do «Príncipe Perfeito».
Os culpados pelo conjunto eram o Pedro Machado, o Zeferino Pinto e o J.B. (não confundir com o uísque).
Agora, na Taberna S. Jorge (inaugurada em 72) o Jorge Barradas é acompanhado pelo Pedro, e ambos aguardam, para breve, a «aparição» do Zeferino. E os fãs ficarão, de novo, com os três: «Se o Zeferino voltar, reorganizaremos o trio».
Enquanto o Zeferino vai-e-vem, folgam os fadistas. Mas o Jorge Barradas tem ideias para acabar, na sua casa, com aquela rotina dos três-fados-acende-a-luz. E pensa num novo «show» que a clientela merece e a Taberna também.
Os preços são acessíveis.
Contas com Jorge, Jorge actua. E, o que é muito importante, trata-se de um Fadista com maiúscula.

CASA DA MARIQUINHAS
(R. S. Sebastião, 25
tel. 36 083
Waldemar Vigário
Adão Pereira
Amora Pinto
América Rosa
Teresa Costa
cons. mínimo: 120 esc.

TABERNA S. JORGE
(Passeio das Virtudes 35
tel. 31 82 30)

Jorge Barradas
Ana Madalena
Almerinda Azevedo

cons. mínimo: 100 esc.

garfo faca. & companhia

Domingos: o peixe dos dias úteis

Peixe fresco cozido em água e sal, regado a azeite e vinagre, à velha maneira de casa, é prato que restaurante que se preze faz questão de «requintar» com maionese ou molho à francesa, rebaptizando-o com algum nome a soar a Além-Pirenéus No Conde Barão, o Domingos continua a servir o polvo, a cabeça de pescada, o pargo, a garoupa, o peixe-que-Deus-dá, simplesmente cozidos com a água da torneira, acompanhados de legumes que não vêm em latas. É a cozinha de um tipo «caseiro» que de algum modo se perdeu na vida de todos nós, voltados que andamos para o «pronto-a-*servir*. Uma recomendação: a dose é de 70 escudos e dá para dois, desde que não tenham o hábito de se empaturrar.
Numa cidade como a nossa, onde as antigas «tascas» estão voltadas para o «bitoque» e vão substituindo os letreiros de «casa de pasto» para «snack-bar», ainda o velho restaurante do Conde Barão conserva o mesmo nome e o mesmo estilo do lugar sentado à mesa de toalha branca. A ementa, apesar de simples, é variada, e embora o peixe-acabado-de-sair-da-água seja o forte da casa, há carne para quem o prefira.

Outro hábito do Domingos é «obrigar» as pessoas a esperar pela comida: cozinhada na altura, tem outro sabor. Daí recomenda:

não há o pronto-a-sair, mas o pronto-a-cozer.
Ali, à velha casa do Conde Barão, vai por vezes parar à hora do comer gente que por hábito pára noutros lados, com a ementa em duas línguas (salvo a portuguesa), ou que se fatigou de almoçar de pé nos «snacks» que proliferam em cada esquina.
Daí que o Conde Barão mereça hoje vez neste espaço por onde têm passado Tavares, Tágides e outras casas de nome e bom servir.

O rei já não vai à Taverna do Embuçado

Fica em Alfama, no Beco dos Curtumes e passa de um ano que está em autogestão — chama-se ainda Taverna do Embuçado, não tem fados nem jantares e serve refeições a 60 escudos, em espaço fresco para clientela diferente.
Pertenceu ao fadista João Ferreira Rosa, os ordenados por receber dos empregados sobem a 200 contos, acumulam-se as facturas das pessoas importantes para quem o salamaleque era grato e um abuso de confiança ter de pagar trinados, alcoolicamente bem regados na penumbra de uma casa antiga onde o rei de antanho se embuçara.
Vai transformar-se em cooperativa. Falta apenas a escritura. Nome já há: Restaurante Cooperativa Bem Comer. Não há variedade de «menu». Refeição (almoço) com sopa em terrina a rescender a caseiro, prato de peixe ou carne, sobremesa, vinho da casa, café e bagaço. O preço (insiste-se) é de 60 escudos.
Serve para comemorações, e para almoço de grupo. E aconselhável no Verão — pelo espaço e pela frescura.

A situação económica não é famosa; é cooperativa; não existem subsídios. É certo que não há «whisky» nem homem de libré a inclinar a coluna vertebral à porta. O rei não vai lá. Para quem não aprecia a decisão do «rei» aconselha-se uma ida. E passe a palavra.
Quem o serve (o leitor também se pode servir) está em autogestão. A transmissão de poderes e comeres passou por um acordo, arbitrado pelo sindicato.
Que não fique ninguém embuçado nesta sala...

garfo, faca & guitarra

Adega Machado
(R. Norte, 91
tel. 36 00 95)

Loulé Bravo
Benvinda da Cruz
Fernanda Pinto
Marina Rosa
Alfredo Marceneiro (filho)

Na linha de uma tradição, o nome de Alfredo Marceneiro (filho). Loubet Bravo, artista com raízes na canção radiofónica é a outra opção do programa.

cons. mínimo: 86 esc.

Arreda
(R. Alexandre Herculano, 3
— Cascais
tel. 28 38 64)

Alfredo Marceneiro
Beatriz da Conceição
Zé Parcana
e outros
Colaboração de amadores e artistas convidados.

Na clássica via popular da «canção nacional», o cartaz aqui é valorizado pelas intervenções dos espontâneos. Um convívio mais saudável e mais autêntico, portanto, com o inesperado a aguçar o apetite.

cons. mínimo: 60 esc. e 70 esc. (aos sábados)

Cesária
(R. Gilberto Rola, 20
tel. 66 57 45)

Jorge Braga
Alice do Carmo

cons. mínimo: 73$50 esc.

Estribo Clube
(Casa St.ª Isabel — Est. Birre — Cascais
tel. 28 92 73

Fadistas amadores
cons. mínimo 74 esc.

Faia
(R. Barroca, 56
tel. 36 93 87)

Lucília do Carmo
Carlos do Carmo
Maria Albertina
Maria do Rosário
Arminda da Conceição
Moniz Trindade

Lucília do Carmo, um dos maiores nomes do cartaz do Fado de ontem e de hoje. Com Alfredo Marceneiro, uma presença exemplar de fidelidade ao tom aior de uma canção que se tem corrompido por êxitos oportunistas.
Uma chamada especial para a execução dos acompanhadores. E para Carlos do Carmo, já se sabe.

cons. mínimo: 115 esc.

Alvalade
(Av. de Roma,
tel. 89 74 80)

— «O Ninho de espiões em Istambul» (M 13)
com Stanley Baker e Geraldine Chaplin
sessões: 15.30, 18.30 e 21.15 h.

Apolo 70
(Av. Júlio Dinis 10-A,
tel. 76 33 19)

Festival Apolo

Sábado — «Chove em Santiago» (M 13)
Domingo — «Parade» (M 13)

Segunda — «Yakusa» (M 13)
Terça — «Árvores sem raízes» (M 6)
Quarta — «Juventude, juventude» (M 13)
Quinta — «Sindbad» (M 10)
Sexta — A Noiva de Frankenstein» (M 13)
sessões: às 14, 16.30, 19 e 21.15 h.

Arco Iris
(Portas de Santo Antão,
tel. 36 17 00)

Sábado — «A Espada invencível» (M/18)
Domingo — «Butch Cassidy e o Kid» (M/18)
Segunda — «Os Cavalos de Valdez» (M/14)
Terça — «Os Demónios de Dayton» (M/18)
Quinta — «O Tigre pela Cauda» (M/14)
Sexta — «O Justiceiro sem Olhos» (M/18)

Avis
(Av. Duque d'Ávila 45,
tel. 4 71 63)

— «Um detective em importância» (M/13)
um filme de Jean Carriaga
Sessões: 15.30, 18.30 e 21.15 h.

Berna
(Av. Marquês de Tomar,
tel. 77 60 98)

— «Os Dois missionários» (M 6)
um filme de Franco Rossi com Bud Spencer e Terence Hill
sessões: 14, 16.30, 19 e 21.15

Caleidoscópio
(Campo Grande — Lisboa,
tel. 79 41 41)

— «Solaris» (M 13)

sessões: 15 e 21 h
às 18. — «2001 Odisseia no Espaço» (M13)

Castil
(R. Castilho — Edifício Castil,
tel. 55 58 47)

— «Minha mãe, minha amante» (M 18)
Com George C. Scott e Trishvandevene

sessões: 15.30, 18.30 e 21.15 h.

Cinebolso
(R. Actor Taborda 27-B,
tel. 57 34 07)

— «Relações escaldantes» (M/13)
Sessões: 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30 h.

Condes
(Av. da Liberdade 2,
tel. 32 25 23)

— «Convém fazer bem o amor» (M 18)
com Luigi Proietti e Eleonora Giorgi
sessões: 14, 16.30, 18.45 e 21.15 h.

Eden
(Pr. dos Restauradores 21,
tel. 32 07 68)

— «Bobby» (M/13)
um filme de Rajkapoor
Sessões: 15, 18 e 21.15 h.

Estúdio
(Al. Afonso Henriques 35
tel. 55 51 34)

— «O Homem não é um pássaro» (M 13)
um filme de Dusan Makavjev
sessões: 15.15, 18.30 e 21.15 h.

Estúdio 444
(Av. Defensores de Chaves
83-B, tel. 77 90 95)

— «Malícia de Vénus» (M18)
com Laura Antonelli
sessões: 14.30, 16.45, 19 e 21.15 h

Europa
(R. Almeida Sousa 35,
tel. 66 10 16)

Sábado, domingo e segunda — «Fany Lady» (M/13).
Sessões: 15.30 e 21.15 h.

Império
(Al. Afonso Henriques 35
tel. 55 51 34)

— «Meia noite de prazer» (M 18)
com Mónica Vitti, Claudia Cardinale e Giancarlo Giannini

sessões: 15.15, 18.30 e 21.15 h.

Jardim Cinema
(Av. Pedro Álvares Cabral,
tel. 68 11 17)

Sábado — «O Colaboracionista» (M/18)
Domingo — «O Viking Siciliano» (M/18)
Segunda — «De Amor se Morre» (M/18)
Terça — «Tentações de um Viúvo» (M/18)
Quarta — «Casa Sem Fronteiras» (M/18)
Quinta — «As Insaciáveis» (M/18)
Sexta — «A Ilha Misteriosa» (M/10)
Sessões: 15.30 e 21.15

Londres
(Av. Roma 7-A,
tel. 80 13 13)

— «A Rival» (M 13)
com Bibi Andersen e Jean Piaf

sessões 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h.

Monumental
(Pr. Duque Saldanha,
tel. 55 51 31)

— «O Leão e o vento» (M 13)
com Sean Connery, Candice Bergen e John Huston

sessões: 15.15, 18.15 e 21.15 h.

Mundial
(R. Martens Ferrão 12-A,
tel. 53 87 43)

«Quando o Amor é Sensualidade» (M/18)
com Agostina Relli
sessões: 15.15, 18.30 e 21.15

Nimas
(Av. 5 de Outubro,
tel. 57 43 62)

— «O Planeta selvagem» (M 13)

sessões 15.30 e 21.15 h.

Odeon
(R. Condes 4-2.º,
tel. 32 62 83)

— «A Doce vida do delicadinho» (M/13)
Sessões: 15.15, 18.15 e 21.30 h.

Olímpia
(R. Condes,
tel. 32 53 09)

Sábado e domingo — «As Fotos Proibidas de uma Pessoa de Bem» (M/18)
Segunda a sexta — «Os Mortos não Fazem Sombra» (M/18)
Sessões contínuas a partir das 14.30

Paris
(R. Domingos Sequeira,
tel. 66 22 30)

Sábado e domingo — «China Town» (M/18)
Segunda quarta — «Os malucos vão à guerra»
Sexta — «Os dois missionários» (M/6)
Sessões: 15.30 e 21 h.

Politeama
(R. Portas Santo Antão,
tel. 32 63 05)

— «Corbari» (M/13)
com Guiliano Gema e Montgomery Wood
Sessões: 14.15, 16.30, 19 21.30 h.

Pathé
(R. Francisco Sanches 152,
tel. 82 19 33)

— «A Torre o Inferno» (M/18)
Sessões: 1.45, 18 e 21.15 h.

Pátria
(R. do Grilo,
tel. 38 12 03)

Terça — «Hércules Contra os Bárbaros» (M/18)
Quinta — «Desafio e Gigantes» (M/18)
Sexta — «Ianu Filho a Selva» (M/10)
Sessões: 21.15

Promotora
(Lg. do Calvário,
tel. 63 71 80)

Quarteto
(Av. E. U. América,
tel. 77 13 78)

SALA 1
— «Super Fly» (M/18)
Realizado por Gordon Parkes Jr.
Sessões: 15, 17, 19, 21 e 23 h.

SALA 2
— «Um Verão em Okinawa» (M/18)
Realizado por Nagisa Oshima.
Sessões: 15, 17, 19, 21 h.

SALA 3
«Jogos Nocturnos» (M/18)
Realizado por Mai Zetterling.
Sessões: 14.45, 17, 19, 21.30 e 23 h.

SALA 4
— «A Religiosa» (M/18)
Realizado por Jacques Rivette.
Sessões: 15, 18 e 21.15 h.

Rocio
(R. Sapateiros 225,
tel. 36 98 22)

Sábado — «Homem de ferro» (M/1ɔ)
Domingo — «A rapariga invencível» (M/1ɔ)
Segunda — «O Campeão dos Boxeurs» (M/1ɔ)
Terça — «Uma mulher e pêras» (M/1ɔ)
Quarta — «Caça grossa» (M/1ɔ)
Quinta — «A noiva do pirata» (M/1ɔ)
Sexta — «O Justiceiro da noite» (M/1ɔ)
Sessões contínuas a partir das 14.30 h.

Roma
(Av. Roma,
tel. 72 91 92)

— «Ternas amigas» (M 1ɔ) com Giovanna Ralli, Carla Gravina e Anita Sanders

sessões: 15.30, 18.30 e 21.15 h.

Roxy
(Av. Almirante Reis 20,
tel. 4 85 60)

«Salon Kitty,

— «O Bordel dos Nazis» (M/18)
Sessões: 14, 16.30, 19 e 21.15 h.

Royal
(R. Graça 100,
tel. 86 50 37)

Sábado e domingo — «Mónica e o amor» (M/1ɔ)
Segunda — «A Borboleta de sangue» (M/1ɔ)
Terça — «A Cidade em fúria» (M/1ɔ)
Quarta — «Romance popular» (M/1ɔ)
Quinta — «A Injustiça da justiça» (M/13)
Sexta — «Adeus lusões» (M/1ɔ)
Sessões: 15.15 e 21.15 h.

S. Jorge
(Av. Liberdade 175,
tel. 5 41 51)

— «Mr. Majestyk» (M 1ɔ) com Cahrles Bronson. Realização de Richard Fleischer

sessões 15.15, 18.15 e 21.15 h.

S. Luís
(R. Ant. Maria Cardoso, 54 Tel. 327172)

«O Diário de um Ladrão», de Nagisa Oshima

sessões: 18.30 e 21.30h.

Salão Ideal
(R. Loredo 15,
tel. 32 41 94)

Sábado — «Trinitá e Sartana contra todos» (M/10)
Domingo — «R. A. S. por quem vamos morrer» (M/1ɔ)
Segunda — «A noite dos mil olhos» (M/1ɔ)
Terça — «Os Difíceis vinte anos» (M/13)
Quarta — «Sete horas e violência» (M/1ɔ)
Quinta — «A casa da boneca» (M/1ɔ)
Sexta — «A Espada do Sol» (M/1ɔ)
Sessões: 15.30 e 21 h.

Satélite
(Av. Fontes Pereira de Melo 51, tel. 56 26 32)

— «Beladona» (M/18)
Real, Elichi Yamamoto
Sessões: 15, 17, 19 e 21.15

Sport Lisboa e Benfica
(Av. Gomes Freire,
tel. 70 44 14)

Terça — «Revólver» (M/1ɔ)
Quinta — «A Irmã de Casta Susana» (M/1ɔ)
Sessões: 21 15

Star
(Av. Guerra Junqueiro 14-c
Tel. 804210)

— «Meu irresistível selvagem» (M/13)
Com Ives Montand e Catherine Deneuve.
Sessões: 15.15, 18,15 e 21.15

Tivoli
(Av. da Liberdade 188,
tel. 57 05 95)

— «A Noite do pecado» (M1ɔ) com Raquel Welch e Jean Coco

sessões: 14.5, 1ɔ e 21.15 h.

Universal
(R. Beneficiência 175,
tel. 77 44 02)

— «Comissário da Luz» (M/18)
Sessões: 15,19 e 21 h.

— «José Diogo, Torre Bela e Greve da Construção Civil»
Sessões: 17 e 23 h.

Vox
(Av. Fr. Miguel Contreiras Lt. 879,
tel. 72 08 08)

— «Fim-de-Semana de grios» (M/13)
um filme de Michel Audiard
Sessões: 14.15, 16.30, 19 e 21.15 h.

ARREDORES

Carlos Manuel
(Av. Adriano J. Coelho — Sintra,
tel. 293 03 94)

Sábado — «A Raça dos Senhores» (M/1ɔ)
Domingo — «O Justiceiro da Noite» (M/1ɔ)
Segunda — «A Grande Luta» (M/1ɔ)
Terça — «A Revolução Sexual» (M/1ɔ)
Quarta — «A Casa dos Diamantes» (M/13)
Quinta — «A Matulona» (M/1ɔ)
Sessões: 21

Casino Estoril
(Estoril,
tel. 26 45 21)

Sábado, domingo e segunda — «A Fúria do Desejo» (M/1ɔ)
Terça, quarta e quinta — «Os Anjos da Guarda» (M/1ɔ)
Sexta — «Paul e Michele» (M/13)
Sessões: 17 e 21.15

Cinearte
(Lg. de Santos,
tel. 66 04 46)

Sábado e domingo — «Uma ilha no tecto do Mundo» (M/6)
Segunda terça — «Os 4 cavaleiros do Kung-Fu» (M/1ɔ)
Quarta e quinta — «Kermesse Erótica» (M/1ɔ)
Sexta — «Sconteceu no Oeste» (M/1ɔ)
Sessões: 15.30 e 21.15 h.

Parque
(Baixa da Banheira,
tel. 204 01 21)

Sábado — «Bill Jack» (M/13)
Domingo — «Doce vida em Roma» (M/13)
Terça quarta — «Emilieene» (M/1ɔ)
Quinta — «O Monge» (M/14)
Sessões: 21.15 h.

Stúdio
(R. D. João I — Amadora,
tel. 93 75 93)

— «História de Fernão Capelo Gaivota» (M 13)

sessões: 21.39 h.

D. João V
(Lg. Igreja Damaia,
tel. 97 17 94)

Sábado e domingo — «Os Malucos vão à guerra» (M/6)
Segunda — «Onde as balas voam» (M/13)
Terça — «Massacre de Roma» (M/1ɔ)
Sessões: 21.15 h.

Incrível Almadense
(R. Cap. Leitão — Almada)

Sábado — «Karaté em Hong-Kong» (M/1ɔ)
Domingo, segunda e terça — «A Máquina do Amor» (M/1ɔ)
Quarta e quinta — «Enquanto Há Guerra Há Esperança» (M/13)
Sexta — «Os Sinos do Inferno» (M/1ɔ)
Sessões: 21.15

Lido
(R. D. João I — Amadora,
tel. 93 75 93)

Convém fazer bem o amor» (M 1ɔ)

sessões: 21.15 h.

OEIRAS-CINE

(tel. 2430197)

Sábado — «Os Punhos Mortais de Kung-Fu» (M/18)
Domingo — «A Inglesa Romântica» (M/18)
Terça — «Aconteceu no Oeste» (M/13)
Quarta — «Punhos Violentos» (M/19)
Quinta — «Oh Calcutá!» (M/18)
Sessões: 21 h.

Palácio
(Av. Clotilde — Estoril,
tel. 26 01 70)

Sábado e domingo — «Um dia de Sol» (M/13)
Segunda — «O contrato de Salisburgo» (M/13)
Terça — «O Asfalto da morte» (M/1ɔ)
Quarta — «O Grande golpe» (M/1ɔ)
Quinta — «O Desafio das águias» (M/13)
Sexta — «Só pensava nelas» (M/1ɔ)
Sessões: 16 e às 21.15 h.

Royal Cine
(R. Latino Coelho — Parede 4,
tel. 247 11 10)

Sábado — «Duas samurais para 100 queixas» (M/13)
Domingo — «Sawva a ua pele Espírito Santo» (M/13)
Terça — «Mosca em teia de aranha» (M/1ɔ)
Quinta — «O Justiceiro da noite» (M/1ɔ)
Sessões: 21.15 h.

Restelo
(Av. Torre de Belém, tel. 61 03 75)
tel. 61 03 75)

Sábado e domingo — «Os Dois Missionários» (M/6)
Segunda e terça — «Os Dois Missionários» (M/6)
Quarta e quinta — «Lenny» (M/1ɔ)
Sexta — «A Corrida dos Malucos» (M/6)
Sessões: 21 h.

da música de qualidade junto das mais amplas massas, de instrumento de fraternidade humana e de consciência colectiva.

Fundação Gulbenkian
dia 30, às 16.00

BALLET GULBENKIAN

(REPETIÇÃO)

COLISEU
dia 30, às 16.00

BALLET «JOK»

(REPETIÇÃO)

Fundação Gulbenkian
dia 30, às 21.15

BALLET GULBENKIAN

(REPETIÇÃO)

COLISEU
dia 30, às 21.30

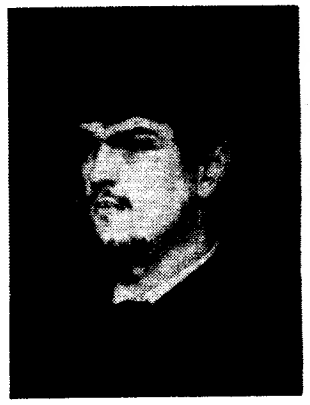
BALLET «JOK»

(REPETIÇÃO)

Fundação Gulbenkian
dia 31, às 18.30

RECITAL DE OBOÉ E PIANO

R. Schumann:
«Três Romanzas op. 94»
Matyas Seiber:
«Improvisação»
F. Poulenc:
«Sonata»
C. Nielsen:
«Fantasia n.º 2»
B. Britten:
«Metamorfoses»
C. Debussy:



«Seis Prelúdios para piano»
Dutilleux:
«Sonata»

Oboé: Andrew Swinnerton
Piano: Adriano Jordão

Um leque muito variado de compositores, seleccionados em função do repertório de câmara para oboé, que não é muito abundante, e da manifesta preferência pela música francesa, revelada pelo pianista.

Pena é que Andrew Swinnerton não tenha incluído neste programa nenhuma obra das correntes contemporâneas mais avançadas, que têm contribuído para redescobrir as possibilidades do instrumento.

Reitoria da Universidade
(Aula Magna, Campo Grande)
dia 31, às 21.30

MÚSICA CONTEMPORÂNEA

R. Kwiatkowski:
«Canto do Vento Marítimo» (1.ª audição portuguesa)
J. Peixinho:
«Elegia» (1.ª audição)
K. Goey Vaerts:
«Piano Kwartet»
Clotilde Rosa:
«Encontro» (1.ª audição)
Tomás Marco:
«Miríada»
Filipe Pires:
«Diálogos» (1.ª audição)

Grupo de Música Contemporânea de Lisboa
Direcção: Jorge Peixinho

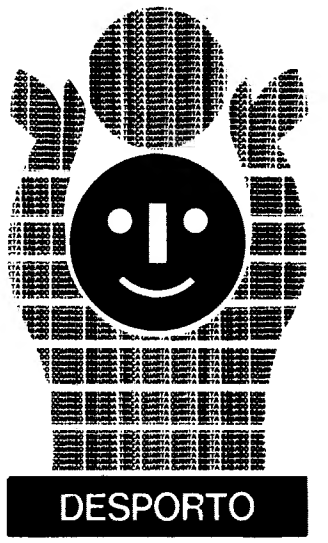
Importante concerto do G. M.C.L. pela quantidade de primeiras audições, entre as quais é de pôr em relevo a estreia como compositora da harpista Clotilde Rosa.

S. Carlos
dia 4, às 21.00

ÓPERA:
«LA SPINALBA»

Ópera Cómica em 3 actos.
Música de Francisco António de Almeida (séc. XVIII).

Elenco:
Elsa Saque, Elizette Bayan, Isabel Malaguerra, Helena Cláudio, Álvaro Malta, Renato Cesari, Vasco Gil, Fernando Serafim.
Cenografia:
Humberto Lebroto
Encenação:
Gino Becchi
Direcção Musical:
Maurice Gendron
Orquestra Gulbenkian



Futebolista é bom bailador

Antigamente era só no *defeso:* a malta pegava nos jornais, no quente Julho ou no abafado Agosto, e era um nunca acabar de novidades, a respeito de mudança daqui para acolá, no reino indígena do chuto na bola. De manhã, aviavam-se boatos, à tardinha chegavam algumas certezas, ao cair da folha do calendário lá surgia, em brado altissonante via-TV, a confirmação ansiada: Fulano assinou pelo Xis, trocando a sua eterna paixão pelo emblema que defendia por um magote de notas graúdas.

Era (por assim dizer) o grande campeonato dos bastidores.

O entretém do desportista de bancada. A cogitação em torno de verbas fabulosos para o pobre de Cristo que, na maioria dos casos, não recebia em toda a vida metade do que os Pelés sorviam num ano de pontapé na bola. Mas, a bicharada gozava à bruta. Arranhava o parceiro benfiquista garantindo que o Eusébio ía passar-se pró Sporting, beliscava o sócio portista bradando na oficina que o Cubillas estava certo, certíssimo, no Boavista. Um prazo pegado, que animava a fogueira no período que demorava a escoar entre um campeonato desbobinado e outro que ainda nem sequer tinha calendário organizado. A própria Imprensa, que tinha de vender o papel, gastava colunas em propaganda dos talentos dos «comprados» ou em detrimento dos gastos exorbitantes esportulados por símbolos que, a bater de porta em porta.

O tempo rodou. E, isso era o motivo, a razão, o ser do futebol em maré de interregno, foi antecipado meses e meses. Agora, ainda metade do contrato não está cumprido e já meio mundo anda apalavrado, comprometido, rubricado, assegurado por outras bandas, ainda que o futuro patrão esteja à compita directa com o actual, em despique de cristas para o qual o jogador é parte fundamental. Sucede, assim, que (salvo o devido respeito) está completamente defraudado o campeonato nacional emborcado pelo Benfica no papo. Vou explicar melhor:

Damas é guarda-redes do Sporting. Mas, aqui há semanas, assinou compromisso com o Santander (Espanha) e, dias depois, foi aó Porto e rubricou documento idêntico com os portistas. Entretanto, alinhou pelos «leões» face ao Porto, num embate que foi decisivo para a carreira europeia-77 dos dois emblemas.

Nélson, que está também em Alvalade, possui o estranho som da ubiquidade: foi à Madeira e assinou pelo Marítimo, foi a Braga e comprometeu-se com o «Arsenal» minhoto, voltou ao solar e revalidou com o

Continua na pág. 21

PONTO contra PONTO

Coliseu
dia 29, às 16.00

BALLET «JOK»

Cinema Tivoli
dia 29, às 18.30

CONCERTO SINFÓNICO

Beethoven:
«Sinfonia n.º 1»
Mozart:
«Concerto em ré maior, para flauta e orquestra»
Chostakovitch:
«Sinfonia n.º 5»

Solista: Joan Haynes
Maestro: Garcia Navarro
Orquestra da Radiodifusão Portuguesa

Dois porta-vozes musicais das ideias progressistas que estiveram na origem da Revolução Burguesa — Mozart e Beethoven, na Viena da transição do século XVIII para o século XIX — *e o porta-voz musical por excelência da Revolução Proletária e da edificação do socialismo na União Soviética: Dimitri Chostakovitch (1906-1975).*

Fundação Gulbenkian
dia 29, às 18.30

BALLET GULBENKIAN

«As Sílfides»
(coreografia: Fokine; música: Chopin)
«Catulli Carmina»
(coreografia: John Butler; música: Carl Orff)
«Ecce Home»
(coreografia: Joseph Lazzin; MÚSICA: J. Bergmans)

Coliseu
dia 29, às 21.30

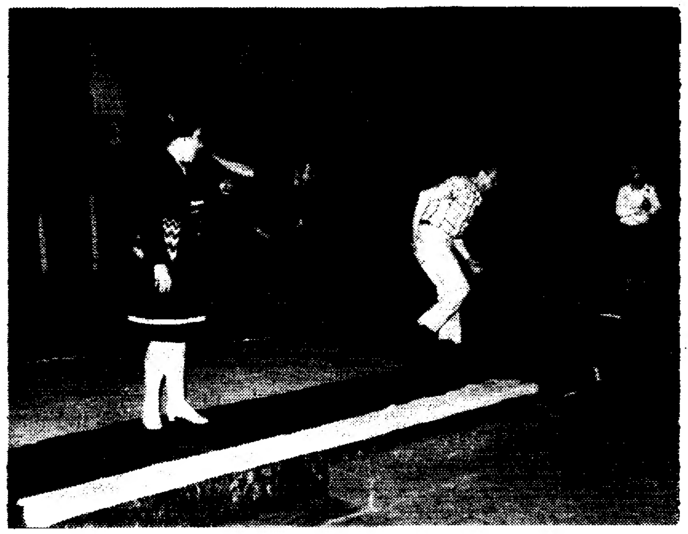
BALLET «JOK»

Teatro Garcia de Resende
Centro Cultural de Évora
dia 29, às 21.30

FESTIVAL DOS TRÊS COROS

Coro da Academia de Amadores de Música
Direcção: Lopes Graça
Coro D. Pedro de Cristo de Coimbra
Direcção: Manuel Faria
Coral «Phydellius» de Torres Novas
Direcção: José Robert

Mais uma jornada de luta pelo fortalecimento do movimento coral, no que ele representa de elevação cultural de quem o pratica e dele frui, de democratização



"La Spinalba"

Trata-se de uma nova encenação desta ópera, que modernamente nos fora revelada há anos, no âmbito de um dos Festivais Gulbenkian. Francisco António de Almeida tem uma biografia extremamente obscura. Desconhecem-se as datas do seu nascimento e da sua morte. Sabe-se, apenas, que foi um dos primeiros «pensionistas» (ou bolseiros) enviados a Itália por D. João V. A ele se ficou a dever a primeira ópera em estilo italiano, conhecida, de autor português. Intitula-se «La Pazienza di Socrate» e foi estreada em 1733, nos Paços da Ribeira, dela tendo chegado até nós apenas o 3.º acto. «La Spinalba», estreada em Lisboa em 1739, é considerada uma das obras-primas, no género, da música portuguesa setecentista.

Desnecessário será sublinhar a justeza da orientação do S. Carlos, ao levar à cena esta ópera, com uma contribuição básica de artistas portugueses.

Resta formular votos de que em breve se criem condições para aquele teatro funcionar em pleno dentro de uma perspectiva de maior intervenção sociocultural: a) organizando em bases sólidas e profissionais uma companhia portuguesa; b) elaborando um plano anual de encomendas a compositores e dramaturgos portugueses; c) restringindo, em princípio, a montagem de espectáculos do grande reportório estrangeiro ao produto do intercâmbio firmado com outros países através do sistema de *acordos culturais*.

(Dias 4 a 6 de Junho)

Prosseguem no Coliseu dos Recreios em Lisboa as actuações do Grupo «Jok», bailado folclórico da República Socialista Soviética da Moldávia. Trata-se de um grupo de grande envergadura artística. A cultura moldava, pelo seu carácter e formas de desenvolvimento, é um elemento orgânico da cultura soviética multinacional. A vinda de um representante desta cultura, o grupo «Jok», estreita o intercâmbio entre o Povo português e o Povo soviético, pois contribui para o melhor conhecimento da cultura popular de cada país.

a PONTO e vírgula

A FEIRA

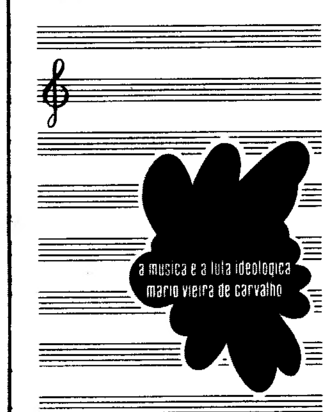
Não fazemos grande questão em recomendar-lhe uma visita à Feira do Livro, que aí vem mais ou menos igual ao que tem sido nos últimos anos, mais ou menos pavilhões, menos ou mais títulos novos. E não fazemos grande questão exactamente por isso. De resto, se nos lê quem costuma lá ir, não irá por certo atraído para inovações que valham registo, mas por hábito que se adquire na rotina dos anos em Lisboa ou no Porto. Trata-se tão só de lhe lembrar que a Feira existe e vem aí, oportunidade de se ver em sete ou oito dezenas de pavilhões de enfiada, mais livros expostos do que num trajecto pelas montras das livrarias. A Feira quere-nos parecer que vale mais por isto e pela consequente possibilidade de comprar o livro que interessa do que pelos descontos que aí se praticam (em boa verdade pouco significantes para o preço a que o livro já subiu). Nós vamos lá e gostaremos de encontrá-lo. Será pelo menos sinal de que nem todos os bons hábitos se perderam (ou indicativo de que, pelo menos, o preço que nos custa sobreviver hoje em dia, ainda não conseguiu separar-nos do hábito de corresponder a necessidades elementares como ler um livro, por exemplo).

AUGUSTO BOAL: DO BRASIL

Um nome muito conhecido nos meios teatrais brasileiros, Augusto Boal. Anuncia-se que vem aí dentro em breve, chegará a Lisboa já no próximo dia 2. Vai-se falar dele, e ele vai falar. De teatro e outras coisas. Do Brasil, do combate que no Brasil os homens vêm travando contra a ditadura e os seus caracteres mais abominavelmente monstruosos, que Boal bem os conhece: as detenções, as prisões, a polícia, os torturadores, as torturas. Ou nem será preciso falar disso, que nós ou sabemos ou fazemos uma ideia. Entretanto, uma editora de Lisboa antecipa-se à sua chegada e propõe-nos um livro dele: «Milagre no Brasil». Uma espécie de novas «Memórias do Cárcere», dá a editora a entender na contracapa. Um testemunho que vale toda a esperança da Humanidade, escrito, assinale-se com uma generosa intenção pelo menos instrutiva. Trata-se aqui de dizer como reganham sempre um forte sentido da construção colectiva aqueles que vivem permanentemente sob a ameaça duma destruição sumária e individualizada — e reganham esse sentido através da coragem moral e física para viverem altivamente os mais duros sofrimentos. Só esta epígrafe do grande poeta turco Nazim Hikmet com que o livro abre: «Se eu não ardo / se tu não ardes / se nós não ardemos / quem romperá as trevas?» (Plátano).

SOBRE MÚSICA

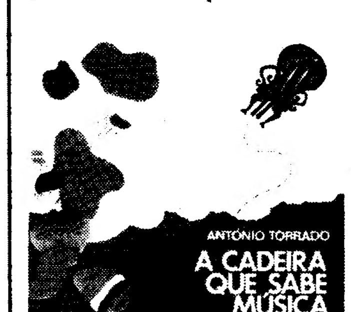
«A Música e a Luta Ideológica» de Mário Vieira de Carvalho. Diz-nos o autor que «são peças jornalísticas suscitadas, na sua maior parte, pela obrigação de dar cobertura à rotina da nossa 'vida musical'. No facto poderá encontrar-se uma justificação para a alguma inconsistência (teórica) de alguns textos ou um ou outro deslise no que respeita à manipulação de conceitos



estéticos. Trabalho fragmentário, que assim mesmo se apresenta, é ainda de sublinhar que «os artigos aqui reunidos foram escritos e publicados, na sua quase totalidade, sob a ditadura fascista». Uma oposição fundamental: «Hoje como ontem, também na música não se pode ser neutro: não se pode estar ao mesmo tempo de ambos os lados da barricada». Ele é tão pouca a bibliografia sobre problemas da música em português e em Portugal que um livro como este é de leitura obrigatória. Tanto para aqueles que pela problemática da música se interessam como por aqueles que se interessam ou por problemas de estética ou por problemas da sociologia articulados com a produção da arte. (Estampa).

PARA AS CRIANÇAS

«Esta cadeira sabe música. Uma pessoa senta-se nela e começa a tocar». Começa assim a pequena história de António Torrado, «A Cadeira que sabe Música». Para



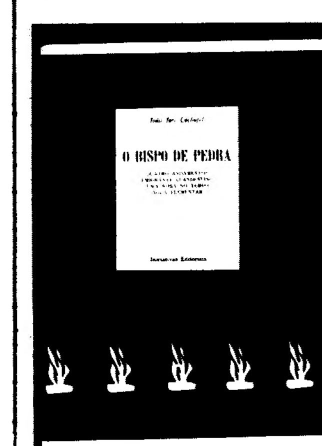
crianças, já se vê, mas a gente que pensa não é para nós mas para os nossos filhos lê isto e gosta. Costuma-se dizer, tem «piada». Aliás é de António Torrado, autor de que já falamos nestas colunas, noe de vulto na literatura infantil (que designação!) hoje em dia em Portugal. Está na colecção Caracol, da Plátano. Já agora, um relance pelos títulos anteriormente publicados: «História da Formiga Rabiga», de Alice Nicolau, «O Pato Patareco do Daniel Adalberto», de António Torrado, outra vez, «O Sapato do Coração», de Pedro Alvim, «O Rato que Rói», de António Torrado», ainda. Todos os livros são página-texto, página-ilustração. Para crianças de leitura ainda em iniciação.

PARA O LIBERTINO

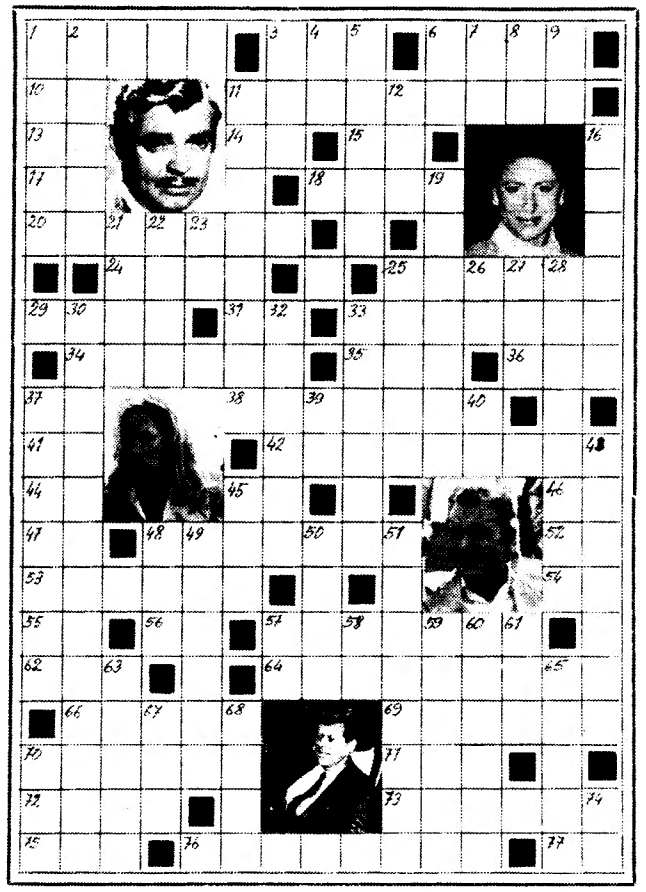
Dois textos: «Esboço para um Retrato do Verdadeiro Libertino» e «Os Diálogos de Madame Maravilha com Octávio, Lucrécia e Zéfiro». De Vailland e de 46, mais tarde integrados numa obra que os mais exigentes e capazes para o francês: «Le Regard Froid» («O Olhar Frio», para uma tradução em português que ainda não existe, mas para que ainda não é tarde demais para um editor audacioso realizar). «Não haverá pecado de exagero explanado conscientemente, na curta economia do discurso o essencial da filosofia de Vailland sobre o amor e a sua personagem fulcral — o libertino — filosofia patente ao longo de toda a criação literária do autor do «Drôle de Jeu» e que tão marcada influência haveria de exercer em alguns escritores contemporâneos, portugueses também» — diz uma nota de introdução. Duas peças importantes duma «obra exemplarmente reveladora da *exactidão* mental e formal de um dos mais legítimos herdeiros dos grandes libertinos do séc. XVIII, tanto pela audaciosa «austeridade» das relações amorosas como pelo empenhamento político vincadamente progressista.» (E ETC).

COCHOFEL QUASE TODO

Quatro títulos num só volume: «Quatro Andamentos» (de 66), «Emigrante Clandestino» (66), «Uma Rosa no Tempo» (69) e «O Bispo de Pedra», título para o livro. Reúne-se aqui a última produção poética dum autor de que se assinala a primeira presença no discurso poético português lá para os anos 40, neo-realismo: «Sol de Agosto» (41) entre os livros (passe-se o truismo) mais importantes que então se publicaram. Há antes e depois outras mostras, «Dias Íntimos», por exemplo, já em 51. A parte da obra de Cochofel que se reúne sob o título «O Bispo de Pedra» não será muito para entusiasmar o leitor experimentado em trabalhos por que tem passado a poesia portuguesa nos



últimos 10-20 anos. Mas estes trabalhos quere-nos parecer que não seriam possíveis sem os que antes se fizeram. Entre estes, os de Cochofel, mostram o *salto* que se deu, ou os *saltos* que se foram dando aos poucos. Não só mas também por isso, é uma edição que se oferece aos *amateurs* que nós somos todos, mais ou menos. (Iniciativas Editoriais).



HORIZONTAIS

1, Forma com a voz sons ritmados e musicais. 3, Página. 6/20, Presidente americano, assassinado em Dallas. 10, Cinquenta e cinco em romano. 11, Concluirão. 13, Certo vinho francês espumoso do Marna. 14, Tempo do verbo ser. 15, Apelido carinhoso que as crianças dão às amas. 17, Reis. 18, Panelas (ant.). 24, Rio de França, 25/38, Acrtiz cinematográfica, esposa de Jean Paul Belmondo. 29. Mal que se faz a alguém. 31, Antiga unidade monetária da Alemanha. 33, Atraiçoaras. 34, Canela silvestre. 35, Filósofo e romancista espanhol autor de «A Arte de Goya». 36, Indiviso. 37, Batráquio. 41, Avançar. 42, Nome dado por Bartolomeu Dias ao cabo da Boa Esperança. 44, Crómio (s.q.). 45, Livro de poesias de António Nobre. 46, Letra grega. 47, Quinta letra do alfabeto hebraico, que corresponde ao nosso h. 48, Serpente norte-americana, inofensiva. 52, Antes de Cristo. 53, Diminui. 54, Vareja. 55, Décima oitava letra do alfabeto árabe. 56, Cidade da antiga Caldeia. 57, Misturam. 62, Doutores. 64, Princesa inglesa ex-mulher de Lord Snowdon. 66, Pátios. 69, Consolação. 70, Torno tépido. 71, Nome dado a diversos reis lendários da Dinamarca. 72, Idiota. 73, Perfumes. 75, Rei de Judá, de 944 a 904 aC. 76, O mesmo que arremessas. 77, Pronome pessoal.

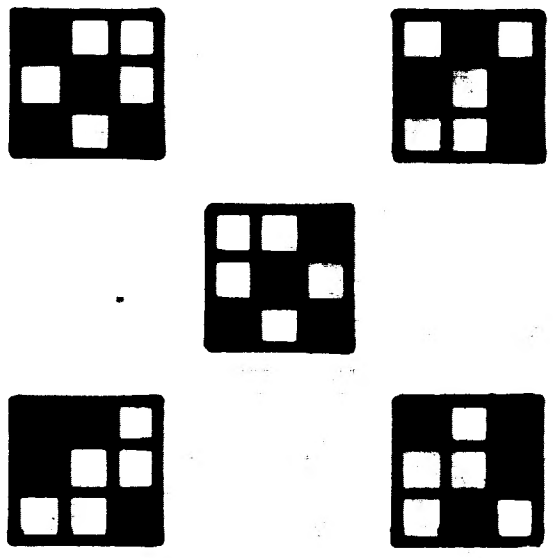
VERTICAIS

1/5, Astro cinematográfico apelidado de «O Rei». 2, Previna. 3, Chispes. 4, Amónio (s.q.). 6, Cada uma das fiandeiras ou tecedeiras fantásticas a que se refere a lenda algarvia das Jãs. 7, Sufixo que designa estado. 8, Tempo do verbo haver. 9, Laço. 11, Sujeitarria. 12, Ave pernalta do Brasil. 16, Cavalo alado que nasceu do sangue de Medusa, quando Perseu lhe cortou a cabeça. 19, Curasse. 21, Canto para acalentar. 22, Ninhos. 23, Érbio (s.q.). 25, Dêem urros. 26, Nota musical. 27, Aves galináceas do Brasil. 28, Atiraras com força. 30, Acartaremos. 32, Hábito de algumas religiosas. 33, Gleba. 34/49, Um dos maridos de Liz Taylor. 39, Compaixão. 40, Estanho (s.q.). 43, Esmurrarão. 45, Símio do Brasil, também chamado sauá. 48, Deus supremo da mitologia assírio-babilónica. 50, Conquista. 51, Esfrangalhados. 57, Antes do meio dia. 58, Alteza Real. 59, O mesmo que alface (Prov.). 60, Rio do estado de Mato Grosso. 61, Mil e quatro em romano. 63, Peixe do Brasil. 65, Inspirem (fig). 67, Doutora. 68, Ave trepadora de Caconda. 70, Barbatana peitoral da baleia. 74, Sua Excelência.

O anúncio infiel

Mosaico

Quatro destas figuras pertencem à mesma «família» porque representam quase a mesma coisa. No entanto, à uma quinta que é «intrusa». Qual?



(Solução na pág. 21)

GIRA-DISCO

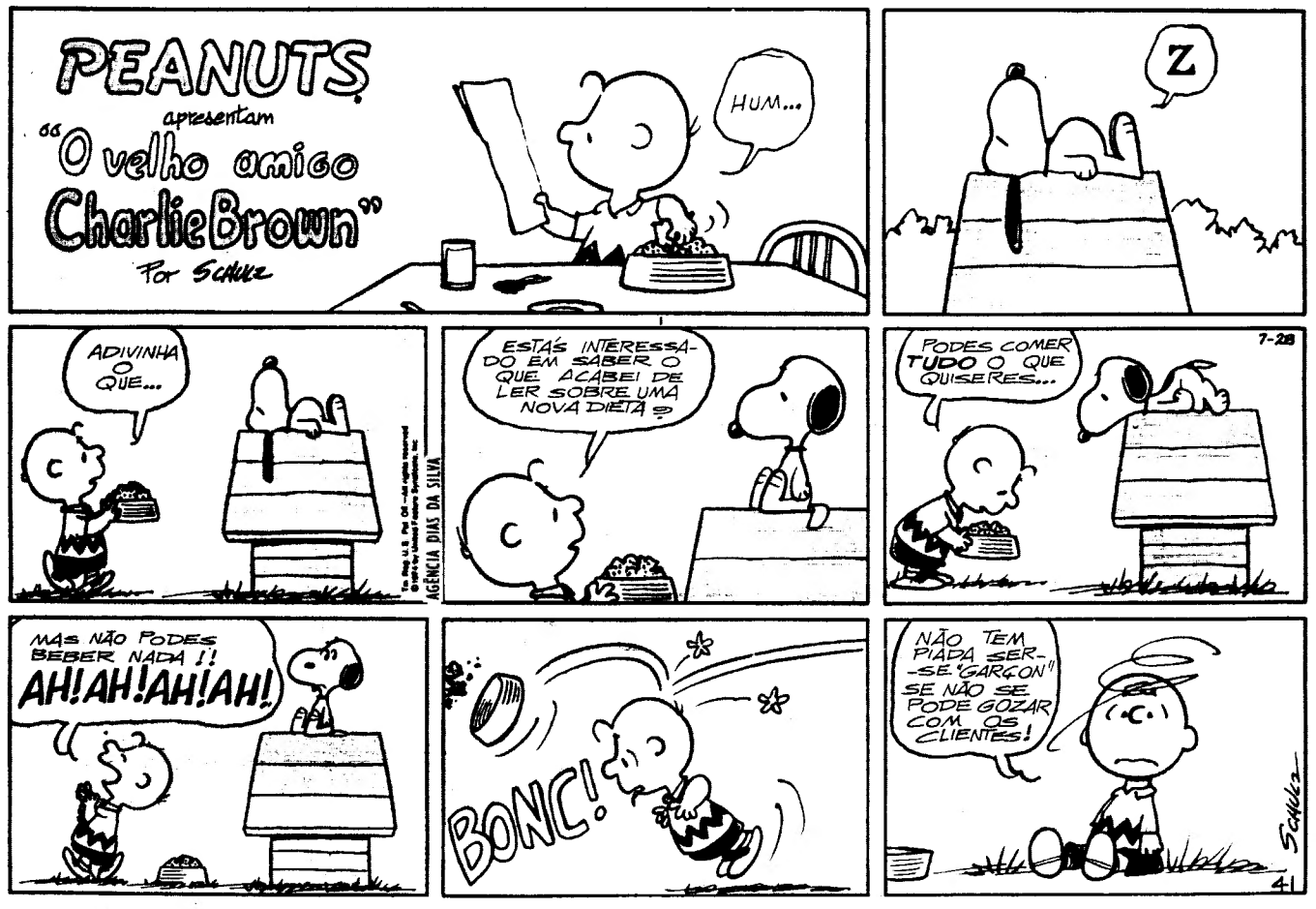
Os Druid "em direcção ao Sol"

Oriundos, quase todos, da Inglaterra, os Druid editaram em 1975 o seu primeiro LP «Toward the Sun» (em direcção ao Sol), que não é mais do que uma tentativa de fusão de cinco anos de experiências musicais do grupo.
Já em 1974 os Druid eram rolados, pela Melody Maker, como o «Topband» do ano, mas a sua grande oportunidade surgiu com a perspectiva de contrato por cinco anos com a EMI. Perante isto o grupo gravou o seu primeiro trabalho nos «Morgan Studios» com o famoso produtor Bob Harris, e prepara agora, para a Primavera deste ano, novo LP. Entretanto, planearam *tournées* não só pela Inglaterra, mas também pela Europa e pelos Estados Unidos (talvez no Verão).
Dave é talvez o elemento que mais sobressai no grupo. A sua voz trabalhada, que muitas vezes lembra a suavidade da de Jon Anderson dos Yes, e a sua guitarra tomam um importante papel na música que o grupo pretende tocar. Neto de uma india americana, Dave (nascido em 18 de Julho de 1955) tocou e cantou na Salvation Army Band, da qual se viria a afastar para se juntar aos Druid.
Neil Brewer é o guitarrista-baixo do grupo. Nascido a 15 de Julho de 1952, começou por tocar viola de seis cordas, para depois a trocar pelo baixo. Neil toca desde os 12 anos com o seu companheiro Cedric.
Cedric Sharpley nasceu na cidade do Cabo (África do Sul) a 2 de Julho de 1951 e é o baterista do grupo. Aprendeu a tocar bateria sozinho.
Andrew McCrorie-Shand é o homem das teclas. Aos seis anos começou a tocar piano clássico. Continuou durante seis anos e frequentou o Royal College of Music. Deixou a escola aos 16 anos, e juntou-se a alguns conjuntos locais.
Juntou-se aos Druid em 1974. «Toward the Sun» é um trabalho realizado em dois meses, com uma extraordinária produção, conduzida por Bob Harris, à qual é difícil apontar um erro que seja. Apesar da impecável produção, e de algumas faixas interessantes (ex: «Theme», «Red carpit for an Autumn»), «Toward the Sun» é um album bastante cansativo: tudo é «perfeito», tudo está escrito para não haver erros, tudo foi pensado antecipadamente, todas as mudanças de ritmo foram escrupulosamente estudadas, o que desvaloriza grandemente o LP.
«Toward the Sun» é um disco que merece ser ouvido e devidamente criticado, para que cada um tire as suas conclusões.
«O que emerge deste disco está destinado a ser extremamente popular. Chamemos-lhe rock pomposo ou trivial, grandioso ou auto-indulgente, o que é facto é que esta extravagante e dramática abordagem da música rock, vai agradar a vastas camadas de público» Melody Maker.

Top Nacional

SINGLES

1 — «Save your kisses for me» (Brotherhood of man)
2 — «Feelings» (Morris Albert)
3 — «Heidi» (banda sonora da série da TV)
4 — «Viens prés de moi» (Art Sullivan)
5 — «Only you» (Platers)

LP's

1 — Jonathan Livingston (Neil Diamond)
2 — Desire (Bob Dylan)
3 — De pequenino se torce o destino (Sérgio Godinho)
4 — «No Earthly Connection» (Rick Wakeman)
5 — «Good bad but beautiful» (Shirley Bassey)